

**UNIVERSIDAD POLITECNICA SALESIANA
UNIDAD DE POSGRADOS
MAESTRIA EN EDUCACIÓN
(MENCIÓN EDUCATIVA)
SEGUNDA PROMOCIÓN**

**EDUCOMUNICAÇÃO:
a epistemologia que subjaz ao processo da gestão
das NTICs em sala de aula**

**Autor: Ana Teresa Pinto
Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Martinez M.**

Macaé- RJ

2012

Dissertação de autoria de Ana Teresa Pinto, intitulada “EDUCOMUNICAÇÃO: A EPISTEMOLOGIA QUE SUBJAZ AO PROCESSO DA GESTÃO DAS NTICs EM SALA DE AULA”, apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Educação, com menção em gestão educativa, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Prof. Dr. Rodrigo Martinez M. (Orientador)

Universidad Politecnica Salesiana

DEDICATÓRIA

Aos Educadores que acreditam na Educação como o canal de formação mais eficaz para se chegar ao coração do jovem e torná-lo um agente de transformação na sociedade:

“Bons Cristãos e Honestos Cidadãos”.

À minha Congregação, a quem devo tudo que conquistei na minha caminhada acadêmica.

Aos meus familiares, pelo apoio e incentivo na conclusão deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela sustentação nesse processo e durante toda a minha vida acadêmica e pessoal.

Ao coordenador do curso, Dr. Holger Diaz Salazar, pela atenção, prontidão e interesse em todos os momentos de construção desse trabalho e em todo o amparo durante todo o curso desse Mestrado.

Ao meu orientador, Dr. Rodrigo Martinez, pelo companheirismo, pelas provocações e pela busca por caminhos mais seguros, apesar de nem sempre os mais fáceis, mas, com certeza, os de maior aprendizado durante essa jornada, que é o Mestrado. Sua competência e solicitude foram fundamentais para a minha evolução acadêmica.

Às pessoas que me orientaram nas diversas fases de toda a pesquisa, na construção de gráficos, revisões e orientações, aplicações e construção dos questionários, tabulação de dados, entre tantos outros trabalhos tão importantes para a formatação do que hoje se constitui essa dissertação. A todos, posso dizer que as palavras seriam poucas para expressar tamanha gratidão e agradecimento nesse momento tão sublime de entrega desta pesquisa.

Finalizando, mas não menos importante, agradeço de coração a todas as pessoas que me incentivaram, não me deixando desistir nos momentos de fraqueza e que se alegravam, junto comigo, nos instantes de vitória durante toda essa trajetória.

A todos o meu muito obrigada!

RESUMO

PINTO, Ana Teresa. **Educomunicação**: a epistemologia que subjaz ao processo da gestão das NTICs em sala de aula. 2011. 128. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Politécnica Salesiana, Quito, 2011.

Este trabalho dissertativo tem como objetivo perceber nos dois campos: Educação e Comunicação, a prática cotidiana dos atores – educadores e educandos, o uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) em salas de aula de uma Instituição de Ensino Superior. Alunos e professores, imersos em um cenário sócio-cultural em constantes mudanças, buscam novas possibilidades para uma prática educacional coerente com a proposta pedagógica da Instituição e, assim, evidenciam neste campo de Educação Superior os princípios éticos e epistemológicos do agir educacional. Trata-se de buscar estratégias compatíveis com o desafio de uma formação adequada e permanente: educar, comunicar e enculturar a visão cristã e cidadã da vida. A pesquisa proposta foi realizada com educandos e educadores do Curso de Comunicação Social da Instituição, procurando observar quais as possibilidades de utilização dos instrumentos de informatização em sala de aula e as consequências para o ensino-aprendizagem, tanto por parte dos alunos quanto dos professores analisados. Esta análise permitiu a verificação de que as NTICs favorecem o ensino dos educadores e o aprendizado dos alunos na conquista por um ambiente escolar mais rico, interativo, participativo, ampliando o conhecimento de todos os atores da pesquisa e, porque não, de toda a comunidade escolar.

Palavras-chave: Educomunicação. Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs). Cidadania. Epistemológico. Ecossistemas.

ABSTRACT

PINTO, Ana Teresa. **Educommunication:** the epistemology that underlies the process of management of NICTs in the classroom. 2011. 128 p. Thesis (MA in Education) - Salesian Polytechnic University, Quito, 2011.

This work aims to understand dissertative in two fields: Education and Communication, the daily practice of the actors - teachers and students, the use of New Information and Communication Technologies (NICTs) in classrooms of an institution of higher education. Students and teachers, immersed in a constantly changing socio-cultural landscape, looking for new possibilities for a practical educommunication consistent with the proposal of educational institution and thus evidence in this field of higher education to the ethical and epistemological educomunicativo the act. It is to develop strategies consistent with the challenge of adequate training and enduring: to educate, communicate and enculturated the Christian vision of life and citizenship. The proposed research was conducted with students and educators of the Social Communication Course of the institution, trying to observe the possibilities of using information technology tools in the classroom and the consequences for teaching and learning, both by students and teachers analyzed. This analysis allowed the verification that the NICTs favor of educators teaching and learning achievement of students in a school environment for richer, interactive, participatory, expanding the knowledge of all actors in research, and why not, the whole school community.

Keywords: Educommunication. New Information and Communication Technologies (NICTs). Citizenship. Epistemological. Ecosystems.

LISTA DE SIGLAS

NTIC	Novas Tecnologias de Informação e Comunicação
FMA	Filhas de Maria Auxiliadora
ECOSAM	Equipe de Comunicação Social da América
ESA	Escola Salesiana América
CS	Comunicação Social
CINAB	Conferência Interespetorial das Nações Bolivianas
FSMA	Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora
IES	Instituto de Ensino Superior
PPP	Projeto Político Pedagógico
OIEC	Organização Internacional da Educação Católica
CIEC	Confederação Interamericana de Educação Católica
USP	Universidade de São Paulo
UNESCO	United Nations Educational Scientific and Cultural Organization

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	9
INTRODUÇÃO	15
1. A EDUCOMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA.....	18
1.1 Sentido da educomunicação na sociedade da informação.....	20
1.2 Antecedentes da proposta educacional construída pelas fma nas últimas décadas	24
2. CAMINHOS PERCORRIDOS PARA A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA.....	32
2.1 Percurso da pesquisa.....	34
2.2 Procedimentos de coleta de dados	35
2.3 Instrumentos de coleta de dados	35
2.3.1 Pesquisa bibliográfica.....	35
2.3.2 Elaboração de questionário.....	37
2.4 Objeto de pesquisa.....	38
2.5 Sujeitos da pesquisa.....	39
2.6 Dificuldades encontradas.....	40
3. RESPOSTAS E POSSIBILIDADES ANTE AS MUDANÇAS SÓCIO-CULTURAIS.....	41
3.1 Análise da pertinência entre a resposta da instituição de ensino superior e as mudanças sócio-culturais	42
3.2 Da parte dos educandos	42
3.3 Da parte dos educadores	63
3.4. Novas possibilidades comunicacionais na sala de aula	89
4. INTERIORIZAÇÃO DOS PRINCÍPIOS ÉTICOS E EPISTEMOLÓGICOS DA FACULDADE SALESIANA MARIA AUXILIADORA PARA CONSTRUÇÃO DA CULTURA EDUCOMUNICATIVA	107
4.1 A Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora e seus princípios éticos e epistemológicos ...	108
4.2 Comunicação para a cidadania	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	126
APÊNDICES	131
A- Questionário dos educandos	131
B- Questionário dos educadores	132

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1 – Motivos prioritários para a escolha da Instituição	43
GRÁFICO 2 – Grau de importância atribuído aos motivos considerados para a escolha da Instituição (média ponderada)	44
GRÁFICO 3 – Itens considerados como mais valiosos na prática docente em sala de aula	47
GRÁFICO 4 – Grau de importância atribuído aos itens considerados valiosos na prática do professor em sala de aula (Média ponderada)	48
GRÁFICO 5 – Percepção quanto à manifestação de valores institucionais em sala de aula por parte dos professores	49
GRÁFICO 6 – Contribuição das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação na melhoria das relações interpessoais em sala de aula	51
GRÁFICO 7 – Contribuição das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação ao aprendizado	54
GRÁFICO 8 – Benefícios decorrentes do uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação	57
GRÁFICO 9 – Riscos decorrentes do uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação	61
GRÁFICO 10 – Existência de pontos de convergência com a proposta educativa da Instituição	65
GRÁFICO 11 – Pontos de convergência com a proposta educativa da Instituição	67
GRÁFICO 12 – Impacto da vinculação profissional da Instituição sobre a função como docente	71
GRÁFICO 13 – Razões pelas quais a vinculação profissional agrega valor à função docente	72
GRÁFICO 14 – Itens considerados mais valiosos na prática em sala de aula	73
GRÁFICO 15 – Itens considerados mais valiosos em sala de aula (média ponderada)	73
GRÁFICO 16 – Elementos considerados relevantes no Projeto Político Pedagógico da Instituição	75
GRÁFICO 17 – Impacto das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação na prática educativa	77

GRÁFICO 18 – Motivos pelos quais as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação trazem contribuição para a prática	78
GRÁFICO 19 – A eficácia do uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação como meio de tornar a aula mais antenada com a realidade dos alunos.....	80
GRÁFICO 20 – Motivo pelo qual as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação tornam a aula mais antenada com a realidade dos alunos	81
GRÁFICO 21 – Benefícios obtidos com o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.....	83
GRÁFICO 22 – Riscos decorrentes do uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.....	84
GRÁFICO 23 – Impacto das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação no trabalho interdisciplinar	85
GRÁFICO 24 – Motivos pelos quais as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação favorecem o trabalho interdisciplinar	86
GRÁFICO 25 – Opinião sobre a construção de um Projeto Pedagógico Interdisciplinar	88

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O século XX assistiu e o século XXI está assistindo à mais fantástica revolução histórica da humanidade. Não uma revolução política, social ou econômica, mas uma revolução total – a revolução do humano – desencadeada e acelerada pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

Rose Marie Muraro (2009)

Sabe-se que a Educação vive um tempo revolucionário carregado, e, por isso mesmo, de esperança e incertezas. Isso se manifesta claramente na aproximação entre a Educação e as novas tecnologias da informação e comunicação, que, surgidas com a revolução pós-industrial, fizeram acelerar e crescer imensamente o fluxo comunicacional. Nossos dias repletos de informação demandam cada vez mais à escola a seleção, a pesquisa e a maturação de toda abundância cotidiana. Portanto, uma reflexão pode ser necessária sobre o que tais adventos trazem à sociedade, procurando apontar algumas possibilidades que permitam qualificar o processo de ensino e aprendizagem, e traçar alguns caminhos para se chegar a uma escola mais dialógica e participativa, utilizando-se das mídias como ferramentas de grande valia.

Para pensar a Educação, torna-se necessário refletir sobre o processo de globalização da economia, da cultura e das comunicações, pois o mundo em que vivemos está em constante mudança. Essa globalização remete ao poder local, sendo que o global e o local se fundem numa nova realidade: o "glocal".

As consequências da evolução das novas tecnologias, centradas na comunicação de massa e na difusão do conhecimento, ainda não se fizeram sentir plenamente no ensino como previra McLuhan ainda em 1969, pelo menos na maioria das nações, mas a aprendizagem a distância, sobretudo a baseada na Internet, parece ser a grande novidade educacional neste novo milênio, impregnada por uma nova linguagem.

Assim, nas sociedades pós-modernas, o avanço tecnológico na produção e na transmissão de bens culturais vem possibilitando a democratização do acesso aos meios de comunicação. Neste contexto, surge o conceito de **Educomunicação**, novo campo teórico que se forma a partir da interrelação entre a Educação e a Comunicação.

O conceito de Educomunicação entendido por Soares (2002) é:

[...] conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádio educativos, centros produtores de materiais educativos analógicos e digitais, centros de coordenação de Educação a distância ou e-learning e outros. (SOARES, 2000, p.15).

Para esse autor, a interrelação comunicação e Educação trabalha “a partir de um substrato comum que é a ação comunicativa no espaço educativo, ou seja, a comunicação interpessoal, grupal, organizacional e massiva promovida com o objetivo de produzir e desenvolver ecossistemas comunicativos, através da atividade educativa e formativa”. (SOARES, 2002, p.18). Esses ecossistemas seriam, segundo ainda Soares (2002), o conjunto das formas de comunicação que possuem a função de levar a comunicação a todas as partes e sob as mais diversas expressões, “utilizando-se, inclusive, todos os recursos colocados à disposição pela modernidade tecnológica” (SOARES, 2004, p.76).

Segundo Schaefer (2010):

A Educomunicação vem firmando-se no Brasil como campo epistemológico entre pesquisadores e tem seus estudos ampliados e sistematizados principalmente pelo Núcleo de Comunicação e Educação - NCE, da Escola de Comunicações e Artes da USP (Universidade de São Paulo), sob orientação do professor Ismar de Oliveira Soares. Pesquisa realizada de 1997 a 1999 (SOARES, 1999) entre estudiosos e profissionais de Comunicação e de Educação do Brasil e de toda a América Latina e confirmada nos anos seguintes mostrou que o campo da interrelação Comunicação/Educação legitima-se como importante novo campo interdisciplinar de ação e reflexão frente ao desenvolvimento da sociedade midiática, das novas tecnologias da comunicação e da informação e do deslocamento da escola como fonte privilegiada do conhecimento. (SCHAEFER, 2010, s.p.).

Desse modo, o conceito de Educomunicação de Soares (2002) é entendido, nas suas ações, sob a perspectiva da gestão comunicativa: “a organização do ambiente, a disponibilidade dos recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de Educação comunicacional.” (SOARES, 2002, p.25).

Isso implica em buscar a descentralização de vozes, a dialogicidade, a interação. As relações devem buscar equilíbrio e harmonia em ambientes onde convivem diferentes atores, não apenas no mundo tecnológico, mas em todas as esferas. É fundamental, ainda de acordo com o autor, pensar na qualidade das relações interpessoais do processo, visto que não

podemos desconsiderar que, antes de tudo, temos seres humanos que estão interagindo uns com os outros.

Essa posição está lastreada em Paulo Freire (1979), para quem a comunicação é fundamental nas relações humanas, assim como a interrelação de seus elementos básicos no processo educativo. Assim, para haver conhecimento, é necessária uma relação social igualitária e dialogal entre os sujeitos, que resulta em uma prática social transformadora. “A Educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1979, p.69). Para Paulo Freire, a dialogicidade como essência da Educação libertadora apresentava algumas características importantes: a colaboração (a ação dialógica só se realiza entre sujeitos), a união (fundamental para a consciência de classe ou de grupo), a organização (momento da aprendizagem em que se busca transformar) e a síntese cultural (instrumento de superação da cultura), ideias também basilares da Educomunicação.

Por sua vez, Jesús Martín-Barbero (2000) articulou o conceito de ecossistema comunicativo, não apenas confirmado pelas tecnologias e meios de comunicação, mas também pela trama de configurações constituída pelo conjunto de linguagens, representações e narrativas que penetra em nossa vida cotidiana de modo transversal (MARTÍN-BARBERO, 2000). A preocupação de Martín-Barbero (1996, p.54) é com o desafio de “como inserir na escola um ecossistema comunicativo que contemple, ao mesmo tempo, experiências culturais heterogêneas, o entorno das novas tecnologias da informação e da comunicação, além de configurar o espaço educacional como um lugar onde o processo de aprendizagem conserve seu encanto”. Daí a necessidade que Soares (2002, p.40) vê da criação de “verdadeiros ecossistemas comunicativos” nos espaços educativos, que cuide da saúde e do bom fluxo das relações entre as pessoas e os grupos humanos, bem como do acesso de todos ao uso adequado das tecnologias da informação.

Segundo Baccega (2002, p.7), esse ecossistema comunicativo “nos impregna a todos e o carregamos conosco em nossas atitudes, em nossos comportamentos, em nossos valores, em nossas decisões.”

Com o aparecimento das NTICs (Novas Tecnologias da Informação e Comunicação), portanto, se inicia uma nova revolução educacional, cujos alcances apenas conseguimos vislumbrar. Com efeito, a Educação enfrenta, em escala mundial, um período de mudanças e ajustes sem precedentes orientados para a sociedade da informação.

Diante do exposto, pode-se inferir que educar na era da informação é colocar o sistema educativo em contato com a cultura pós-moderna, orientando-se mais a sensibilidade que a racionalidade abstrata. O que falta, efetivamente, no momento atual, é dar o sentido político exigido pelas experiências históricas da humanidade no século XXI à penetração das tecnologias da comunicação na escola.

INTRODUÇÃO

A intenção de dissertar sobre o tema: Educomunicação e o uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) na gestão da sala de aula e o que isso gera de conhecimento, nasceu da experiência adquirida no campo da comunicação e do desejo de conquistar uma aprendizagem mais elaborada das tecnologias como instrumentos e ferramentas de novas aprendizagens, sobretudo, considerando a vertente do uso com responsabilidade, com criticidade e ética.

O fato de estar, hoje, na gestão de uma instituição que, como mantenedora, agrega uma filial de Curso Superior com um Curso de Comunicação Social nas habilitações de Jornalismo, Propaganda e Publicidade, corrobora questões como: torna-se necessário identificar os fundamentos éticos e epistemológicos que deveriam orientar a construção de um ecossistema educacional nas Escolas de Ensino Superior? E quais são as mudanças necessárias que as escolas de Ensino Superior deveriam implementar para contribuir com a formação de autênticos, solidários e competentes cidadãos?

Além desses questionamentos elencados, preocupa ainda, a constatação de um quadro de profissionais da Educação formal que se depara com as seguintes realidades:

- O despreparo para o desempenho da prática e da missão educativa por parte das instituições de Ensino Superior, cuja práxis está condicionada pela oferta e pela demanda que impõe a sociedade de mercado livre;

- O desconhecimento e a incompreensão da tensa coexistência de mentalidades determinam uma ruptura do diálogo entre docentes e estudantes afetando a qualidade da formação e da aprendizagem;

- A deterioração da capacidade comunicativa entre seres humanos, devido à confusão entre os instrumentos e as finalidades a serem alcançadas, pois predomina a atenção ao uso das NTICs sem alcançar a construção de um ecossistema comunicacional humanizante.

Portanto, esta dissertação busca analisar a pertinência e a missão da IES (Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora, na cidade de Macaé, estado do Rio de Janeiro), em resposta às mudanças socioculturais vividas no país especialmente durante as últimas três décadas, procurando explicar, a partir da prática educacional em sala, o desafio entre o avanço acelerado das NTICs e a ruptura do diálogo entre educadores e educandos visando mudanças

que possam potencializar a construção de uma cultura educomunicacional, propondo um marco filosófico ao processo de construção de uma cultura educomunicacional para a Educação Superior, evidenciando e atualizando os princípios éticos e epistemológicos.

O presente trabalho tem como foco: estruturar o marco filosófico da Educomunicação na instituição, a partir da reflexão sobre as mudanças socioculturais presentes no contexto escolar; verificar as possibilidades de aplicação das NTICs em sala de aula e a interpretação dos princípios éticos e epistemológicos para potencializar a construção da cultura educomunicacional.

Para tanto, é de fundamental significância identificar os princípios éticos e epistemológicos que subjazem à resposta educativa que estão oferecendo as Escolas de Ensino Superior, especificamente na Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora, na cidade de Macaé, estado do Rio de Janeiro, em relação à construção de um ecossistema comunicativo que contribua na formação de autênticos, solidários e competentes cidadãos que vivem em uma sociedade regida pela razão de mercado livre e fortemente influenciados por uma cultura midiática e pós-moderna.

Neste trabalho foram considerados sujeitos de estudo alguns educadores e educandos do curso de Comunicação Social (Habilitações: Jornalismo e Publicidade e Propaganda) da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora. Como forma de garantir a representatividade das amostras, adotou-se a forma aleatória de seleção.

De posse da temática abordada, faz-se necessário aprofundar, relacionar e, sobretudo, buscar argumentos que evidenciem a interrelação e a complementaridade dos conceitos de Educação e Comunicação e a apropriação destes no cotidiano escolar.

Para tanto, essa pesquisa fica assim dividida:

Na introdução do trabalho estão contempladas a minha experiência profissional e ligação com o tema deste trabalho acadêmico, indicando, sucintamente, o caminho trilhado para a construção inicial dessa pesquisa, com uma breve abordagem sobre o tema e os objetivos propostos.

O primeiro capítulo vem evidenciar e mais, argumentar sobre os objetivos propostos nesta introdução e, sobretudo, percorrer a caminhada de construção do conceito de Educomunicação traçado pelas FMA nas últimas décadas, perpassando o referencial teórico estudado sobre o tema.

O segundo capítulo, metodológico, explica os passos da pesquisa, os caminhos percorridos para se chegar até ela, as dificuldades encontradas para a sua execução e o que alguns autores descrevem sobre os métodos de coletas de dados utilizados para se chegar à análise realizada.

O terceiro capítulo, onde se encontra a análise da pesquisa, tem seu objetivo focado nas práticas cotidianas dos docentes, no que se refere ao uso das NTICs e foi pautado em questões específicas sobre o tema, com o intuito de perceber se o uso das várias mídias facilita a aquisição do saber e se o gestor na sua prática de sala de aula é capaz de criar espaços favoráveis e facilitadores para uma eficaz apropriação de novos saberes. Além disso, indica as possibilidades de incorporação de uma nova cultura educomunicacional a partir dos princípios éticos e epistemológicos.

Para tal foram levantadas algumas possibilidades comunicacionais da sala de aula no seu cotidiano. No contexto das inovações tecnológicas vivenciadas na sociedade contemporânea, as novas tecnologias da informação e da comunicação (NTICs) descortinam novas perspectivas para a Educação e, principalmente, para o Ensino *on line*, com suporte em ambientes digitais de aprendizagem acessados via Internet.

Além disso, há o fato de a Educação ter de ser sempre mais uma janela escancarada sobre a realidade mundial e um motor de sensibilização e transformação da humanidade.

O quarto e último capítulo desenvolvido teve como abordagem a interiorização dos princípios éticos e epistemológicos para construir a cultura educomunicativa. Daí a natureza essencialmente relacional da Educomunicação, que implica a construção de ecossistemas comunicativos abertos, colaborativos, democráticos, que favoreçam a comunhão, facilitem a aprendizagem e o pleno exercício da cidadania.

Finalizando os capítulos tem-se a retomada dos tópicos mais relevantes ao trabalho, principalmente no que tange à reflexão, aprofundamento e apropriação do conceito de Educomunicação na prática docente e para os educandos como agentes na construção do próprio conhecimento.

1. A EDUCOMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA

Em sintonia com as tendências do mundo pós-moderno e atentas aos seus desafios, as Filhas de Maria Auxiliadora (FMA) há muito têm dedicado estudos, pesquisas e reflexões sobre a comunicação educativa, buscando compreender seu papel, sua relevância e, sobretudo, seu impacto na Educação das novas gerações, marcadas pela digitalização, pelas redes de relacionamento globalizadas e por uma sensação de que doutrinas e práticas didáticas consagradas parecem fadadas ao fracasso, à obsolescência e ao esquecimento, como peças de museu, num futuro nem um pouco remoto.

Nas sociedades pós-modernas, o avanço tecnológico na produção e transmissão de bens culturais vem possibilitando a democratização do acesso aos meios de comunicação. Neste contexto, surge o conceito de Educomunicação, novo campo teórico que se forma a partir da interrelação entre a Educação e a Comunicação. “O nome Educomunicador foi cunhado pela primeira vez pelo filósofo da Educação em 1998, Mario Kaplún, nascido na Argentina e radicado no Uruguai, amigo e parceiro de Paulo Freire”. (SCHAUN, 2002, p.15).

Na tentativa de nomear as práticas que possam ocorrer no âmbito da interrelação Comunicação-Educação, um novo campo de intervenção social denominado como Educomunicação, produzindo novos agenciamentos, enunciativos e inclusivos, que se movimenta em vários âmbitos, atravessa as possibilidades, as margens, as redes, produzindo comunicação.

A questão da Educomunicação busca ressignificar os movimentos comunicativos inspirados na linguagem do mercado da produção de bens culturais, mas que vão se resolver no âmbito da Educação como uma das formas de reprodução, de organização, de poder da comunidade, como um lugar de cidadania, do qual emergem novos modos de perceber e estar no mundo.

Em Paulo Freire (1997, p.65) cuja filosofia assenta-se em princípios éticos, afirma-se que “a medida da condição básica para a conscientização é que seu agente seja um sujeito, isto é, um ser consciente”. A conscientização em Educação é um processo específico e exclusivamente humano. É como seres conscientes que mulheres e homens estão não apenas no mundo, mas com o mundo, sendo esses capazes de realizar a complexa operação de, simultaneamente, transformar o mundo através da ação, captar a realidade e expressá-la por

meio de uma linguagem criadora. Desta forma, consciência e ação sobre a realidade são inseparáveis do ato transformador pelo qual homens e mulheres se fazem seres de relação.

Ao enunciar a palavra comunicar-se, Freire (1997) assume o entendimento de uma filosofia educacional necessária e irrevogavelmente voltada para a comunicação entre os homens, inspirada nas experiências culturais. O pensamento freireano obteve difusão e repercussão mundial, pois abriga a proposta de que a Educação deve ser um processo libertador, revelador e habilitador, uma permanente descoberta, um movimento e um embate para e pela liberdade.

Edgar Morin (1997, p.21) vem propor o repensar a Educação a partir do que ele próprio considera como um saber necessário para enfrentar no século XXI, que seriam as incertezas cognitiva e histórica. Morin ainda argumenta que conhecer e pensar “não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza”. A sua argumentação aponta para o sentido de que o conhecimento, que é compreensível, baseia-se sobre a empatia e a comunicação, ligando as emoções para abrir-se em direção ao complexo. Sabe-se que Educação e comunicação nunca estiveram tão entrelaçadas como nos tempos atuais.

Embora possa parecer aos tradicionalistas um simples modismo, entre tantos que surgem a cada dia, a Educomunicação consolida-se rapidamente como novo e importante campo de pesquisa teórica e aplicada, uma área do saber que busca responder às permanentes indagações decorrentes do impacto das novas tecnologias e avanços científicos nos diferentes espaços do convívio social.

Em síntese, pode-se afirmar que a Educomunicação procura melhorar e fortalecer a qualidade comunicativa das ações humanas, sendo seus pressupostos: a comunicação dialógica; a ética da responsabilidade social na produção de cultura; a escuta ativa e criativa por parte dos destinatários; a política que propõe a utilização dos meios de informação a favor de quem intervém no processo de comunicação, com o objetivo de alargar os espaços de expressão. Assim concebida, a Educomunicação assume as características fundamentais tanto dos campos tradicionais da Educação e da comunicação quanto de outros campos das ciências e das artes.

1.1. SENTIDO DA EDUCOMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Até a metade do século passado, Comunicação e Educação caminhavam separadamente, seguindo cada uma seu campo específico. A partir de então, alguns fatores históricos e sociais tiveram um desenvolvimento acelerado, dando origem às profundas mudanças na relação entre os dois campos, criando neles áreas de interseção e de interpenetração cada vez mais nítidas. A aproximação entre comunicação e Educação implica, portanto, quatro áreas bem definidas: **Educação para a comunicação**, constituída pelos programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios e mensagens; **área tecnológica educacional**, caracterizada pela utilização de instrumentos tecnológicos nos processos educativos; **gestão de processos comunicacionais**, voltada para o planejamento, execução e realização dos processos e procedimentos que se articulam no âmbito da Comunicação/Cultura/Educação e a **área epistemológica**, que se dedica à pesquisa e aos aprofundamentos no próprio campo da interrelação Comunicação/Educação.

O entorno social, como se vê é cada vez mais comunicacional. As tecnologias de comunicação e de informação estão presentes nos mais diferentes ambientes, não apenas servindo de instrumentos ou canais, mas também prescrevendo comportamentos, atitudes, saberes e linguagens. Em outras palavras, eles estão produzindo cultura. Martín Barbero (1996) afirma que os meios de comunicação e as tecnologias da informação significam para a escola, em primeiro lugar, um desafio cultural que torna visível a distância cada dia maior entre a cultura ensinada pelos educadores e aquela outra aprendida pelos educandos. Assim, diante do exposto, entende-se que é apenas a partir da compreensão da tecnicidade mediática, como dimensão estratégica da cultura, que a escola pode inserir-se nos processos de mudança que atravessam a sociedade.

As novas tecnologias dão passo, então, a uma nova cultura, a cultura midiática. As novas tecnologias, ao se disseminarem pela sociedade, levam a novas experiências e a novas formas de relação com o outro, com o conhecimento e com o processo de ensino-aprendizagem. Atualmente, as novas tecnologias, especialmente as que estão ligadas às chamadas "mídias interativas", estão promovendo mudanças na Educação, num processo que parece estar apenas começando. Para alguns educadores, elas são absolutamente desconhecidas. Uma parcela teve algum contato ou usa com alguma frequência estas tecnologias. Num primeiro momento, novas tecnologias são uma novidade que requer

adaptação em termos operacionais. É preciso aprender a mexer com equipamentos, a trabalhar com programas e assimilar conceitos e vocabulário próprios de uma nova área. Mas, além disso, estas tecnologias levam a novas experiências em um sentido mais profundo. No mundo da comunicação mediada por computador vive-se em outro espaço e tempo, diverso do tempo e do espaço vividos no mundo da comunicação de oralidade primária e da cultura escrita.

A mediação tecnológica na Educação compreende os procedimentos e as reflexões em torno da presença e os múltiplos usos das novas tecnologias da informação, propõe à comunidade educativa a utilização dos recursos tecnológicos a partir de uma perspectiva cidadã, o que implica a democratização do uso das tecnologias em torno de projetos solidários como exercício de uma autêntica prática comunicacional.

O investigador e educador Alfonso Gutiérrez, em sua obra *Educación multimedia y nuevas tecnologías* (1995), aponta para uma Educação multimídia que, fazendo uso das tecnologias predominantes em nossa sociedade atual, permita ao educando conseguir alcançar os conhecimentos, destrezas e atitudes necessários para: comunicar-se (interpretar e produzir mensagens) utilizando distintas linguagens e meios; desenvolver sua autonomia pessoal e o espírito crítico, que o capacita para formar uma sociedade justa e multicultural, convivendo com as inovações tecnológicas próprias de cada época.

Gutiérrez (1995) considera necessário que a Educação multimídia se dirija não só aos educandos como também aos educadores em formação e no serviço ativo. A UNESCO publicou em 1992 *The state of the art and beyond*, uma reflexão sobre a evolução da Informática no contexto educativo. No segundo capítulo do documento, Bernard Levrat assinala alguns temas fundamentais de reflexão sobre as tecnologias nas escolas: a inovação tecnológica é uma realidade que preocupa a todos: empresas, indústrias e universidades, e, portanto, não é um problema exclusivo do sistema educativo; os computadores devem chegar aos educadores e educandos juntamente com o treinamento e estruturas adequados; as estratégias de utilização de novas tecnologias devem ter, como ponto de partida, a realidade de quem as utiliza. Tal documento reconhece que a presença das novas tecnologias na Educação pode causar novos problemas na relação educador-educando, e, por isso, o autor se pergunta: por que utilizar, então, estas novas tecnologias? E ele mesmo responde: primeiro, porque o imenso desenvolvimento desta área e de suas aplicações na sociedade faz com que a Educação não possa ignorá-la por mais tempo. Em segundo lugar, a informática traz consigo uma infinidade de possibilidades, inclusive com a solução de problemas que a Educação enfrenta.

Os jovens povoam o universo das comunicações, no qual se dão trocas culturais radicais. Porém, essa afirmação desencadeia a questão: quais os desafios que afrontam o sistema educativo? Em resposta, pode-se citar: educar para uma sociedade de produção que seja justa, equitativa e democrática; formar para uma cidadania local, nacional e mundial; educar para uma convivência solidária e ética; formar para a cooperação e a tolerância; tornar viável a aquisição de habilidades de compreensão, análises, reflexão, crítica e criatividade; oferecer instrumentos para reforçar a identidade cultural, aberta ao pluralismo e trocas culturais; levar em consideração a cultura digital e virtual da comunicação; instaurar novas relações pedagógicas comunicacionais; educar para cosmovisões diferenciadas e visões múltiplas; capacitar para a identificação do pensamento único que se instaura com a hegemonia das empresas de telecomunicações; formar para a capacidade de negociação de sentido das diferentes instâncias de informação; trabalhar as representações e conceitos, tais como ciberespaço, telepresença, liberdade de expressão eletrônica, mediações tecnológicas, simulacros, hipertextos, em relação ao mundo da informação que se consolida cada vez mais; partir de uma matriz pedagógica que propicie estratégias, metodologias, procedimentos em vista do desenvolvimento de competências comunicativas; propor metodologias para analisar os discursos do ciberespaço, da faculdade de estar presente virtualmente, e da atemporalidade; desenvolver teorias e paradigmas inerentes ao contexto informacional e comunicacional; criar metodologias para a alfabetização multimedial (tecnologia informacional); adquirir competências para uma interlocução real, dentro de um processo de múltiplos fluxos comunicativos; educar para a apropriação da estética, do sentido harmônico do universo, das expressões da arte e da cultura.

A presença massiva dos meios eletrônicos e de comunicação em nossas vidas vem alertando os educadores para sua importância na transmissão/construção de conhecimentos, valores, conceitos e culturas. Constantemente, a sociedade é bombardeada por informações que chegam sob diferentes apelos sensoriais: visuais, auditivos e emocionais.

O que falta efetivamente, no momento atual, segundo Soares (1995),

[...] é dar – à penetração das tecnologias da comunicação na escola – o sentido político exigido pelas experiências históricas da humanidade no século XXI. Assim, o que falta à maioria das escolas é uma reflexão contextualizada sobre a realidade conformada pela presença da comunicação na sociedade contemporânea. Uma reflexão que supere o ingênuo deslumbramento ante as novas e sempre mutantes tecnologias. A Educação exige questionamento permanente sobre sua identidade, a fim de que encontre sua razão de ser em sua missão de formar cidadãos solidários, capazes de conviver e de conferir encanto à vida. (SOARES, 1995, p.18).

Educar na era da informação, portanto, segundo Gutiérrez (1995), é colocar o sistema educativo em contato com a cultura pós-moderna. Ele propõe que se eduque para a incerteza, para o desfrute da vida, para a significação, para a convivência, para a apropriação da história e da cultura.

A formação dos docentes, no campo da comunicação, se constitui, então, uma urgência. Ainda segundo Soares (1995), a figura do educador emerge, sendo este um agente cultural especialista em Educação e comunicação, capaz de criar, de dar vida e sentido à tecnologia.

O homem, como ser de relações com o outro, as situações, as informações, os objetos, vive processos de reciprocidade, de comunicação. No entender de Freire (2006, p.65), a comunicação gira em torno de um significado. Dessa forma, não há sujeitos passivos. Assim, os sujeitos co-intencionados ao objeto de seu pensar se comunicam.

Para Moran (1993), a comunicação expressa trocas sociais, tanto no nível simbólico, como nas relações interpessoais, grupais e institucionais, sendo os meios um dos componentes dessa expressão (mediadores sociais).

As considerações aqui elencadas colocam em pauta o enfrentamento com a realidade cultural das mídias para, além de utilizar e ultrapassar as experiências dos aprendizes, despertar outras necessidades, desvendar estereótipos, modelos, determinações encobertas e pressões (subliminares ou não) das ideologias dominantes que suportam a cultura escolar.

O conhecimento das linguagens das mídias, portanto, como já dito, habilita o educando, em certa medida, a viver como sujeito e participar num mundo de relações. Linguagens que ultrapassam a relação deles com os meios de comunicação possibilitam comunicações entre educadores e educandos, entre educandos e educandos e de ambos com os saberes veiculados pelas diferentes mídias, desde as tradicionalmente aceitas pela escola (livros, periódicos), até as mais atuais e muitas vezes não exploradas no âmbito escolar.

Os desdobramentos comunicacionais que as linguagens das mídias propiciam são sugestivos de que a relação da escola com os meios de comunicação precisa ir além da formação do receptor crítico que configura uma Educação para a mídia, cuja preocupação maior se completa numa relação lúcida de usuário com o meio de comunicação. Sabe-se que os meios estão na escola, não apenas na forma de recursos auxiliares, mas na cultura dos educandos que deles se servem.

A relação da escola com os meios de comunicação remete a uma abordagem pedagógica que tenha por meta legitimar e democratizar a Educação, tornando significativo o conhecimento e, por esta razão, dinâmico e interessante o ensino-aprendizagem, pelo entrecruzamento intencional de duas instâncias sociais do saber – meios de comunicação e escola – segundo o qual seja possível: preconizar o espaço escolar como um local de produção de conhecimento e, portanto, de cultura; considerar a realidade dos educandos, profundamente marcada pela experiência comunicacional com as mídias; recorrer à utilização da imagem e do processo dialógico para a conscientização do educando no processo de leitura da realidade; considerar a importância do lazer e do prazer existentes nesta aprendizagem e possibilitar a expressão do educando por meio das linguagens comunicacionais.

1.2. ANTECEDENTES DA PROPOSTA EDUCOMUNICACIONAL CONSTRUÍDA PELAS FMA NAS ÚLTIMAS DÉCADAS

Para compreender o caminho percorrido pelas Filhas de Maria Auxiliadora (FMA), é necessário visualizar os passos mais relevantes. O Âmbito da Comunicação Social (CS) do Instituto das FMA, constituído por decisão do Capítulo Geral XIX (INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA, 1990), entre as suas prioridades, assumiu, de modo gradual e consolidado, a reflexão sobre a interrelação Comunicação-Educação como campo de diálogo, como abertura a um conhecimento crítico e criativo, cuja meta final é a cidadania evangélica.

O primeiro e determinante estímulo para iniciar tal reflexão surgiu durante O XVIII congresso interamericano de Educação Católica, realizado em Lima (Peru), em 1999, para o qual foram convocadas as Faculdades de Comunicação Social das Américas e da Europa. Estavam presentes aproximadamente vinte FMA, entre as quais dois membros do Âmbito da Comunicação Social, de Roma. Nesta assembleia, descobriu-se o sentido da palavra *Educomunicação*, um tanto nova para muitos países, mas que, na América Latina, já havia determinado uma prática estável, fixada no campo pedagógico.

A reflexão foi gradualmente se articulando e sendo aprofundada e encontrou um adequado *feedback* fora do ambiente salesiano. Em São Paulo (Brasil), em maio do ano anterior, aconteceu o 1º Congresso Internacional sobre a “Comunicação-Educação” que contou com a participação de aproximadamente mil estudiosos vindos de 35 países dos cinco

continentes. Neste contexto foi possível focalizar o nexos que existe entre Comunicação e Educação para enfrentar os desafios da mudança cultural no contexto da globalização, percebendo a necessidade de uma correta Educação por meio da comunicação para formar cidadãos não mais da “aldeia global”, mas do “arquipélago glocal”, ou seja, abertos às culturas do mundo, à solidariedade crítica e à paz.

Deste modo, tomou corpo a perspectiva de um estudo aprofundado e sistemático sobre a relação comunicação-Educação-cidadania, a partir de uma ética comunicativa baseada no Evangelho. O que motivou o processo foi a constatação de que a comunicação determina uma nova cultura que muda a vida, e que esta realidade interpela enquanto educadores, inseridos em realidades que trabalham em favor da promoção e evangelização dos jovens.

Na reflexão conduzida pelas Filhas de Maria Auxiliadora (FMA) da América Latina, no fim dos anos 90, com a assessoria de Ismar de Oliveira Soares, estudioso brasileiro, se amplia o conceito e se identificam quatro áreas de intervenção da Educomunicação, as quais são consideradas como se fossem distintas, mas que, na ação, se sobrepõem e coexistem. (INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA, 2004):

a) Educação em comunicação: compreende o estudo na comunicação humana, dos fundamentos teóricos e do fenômeno da comunicação social. Tem por objetivo formar interlocutores sociais responsáveis, participativos, críticos e criativos, para tornar possível uma comunicação social mais solidária, para todos, e ajudar a estabelecer relações interpessoais humanizantes.

b) Mediação tecnológica: analisa os processos e as reflexões em torno da “presença” e dos múltiplos usos das novas mídias na Educação, para que as novas tecnologias construam uma cultura “diferente” e uma racionalidade que reclamam ser incluídas e reconhecidas na prática educativa.

c) Expressão e arte: refere-se à Educação, à beleza, ao reconhecimento das formas estéticas como parte constitutiva da pessoa humana, da sociedade e da convivência; cuida dos espaços de protagonismo e de expressão para redescobrir a palavra e as modalidades para comunicá-la aos outros.

d) Comunicação para a cidadania: exprime-se na constante atenção, por parte da comunidade educativa, às mudanças, às situações e às problemáticas da cultura moderna, de modo a agir e transformar o contexto no qual se está inserido.

Para melhor compreender a natureza e a finalidade da Educomunicação é importante fazer referência a alguns estudiosos, que buscaram o diálogo entre comunicação e Educação na sua atividade pedagógica, em contextos e períodos históricos diferentes, podendo ser citados, entre outros: Célestin Freinet (1974), com a sua concepção de saber como construção social; Paulo Freire (1979), com a teorização da Educação libertadora; Mario Kaplún (1998), com a contribuição inovadora e criativa, que facilita o encontro entre Educação e comunicação; Ismar de Oliveira Soares (1999), que introduz o conceito de ecossistema comunicativo enquanto processo educativo e comunicativo que advém inserido num contexto de relações.

A temática da Educomunicação foi uma constante nos encontros interamericanos, o que vem confirmar a sintonia presente nas escolas salesianas e o empenho em fazer dos ambientes educativos espaços de qualidade e de propostas inovadoras tendo sempre como referencial o contexto da Educação e da comunicação como âmbitos interrelacionados e complementares.

A Comissão para a Comunicação Social das FMA teve início no ano de 1990, quando, por ocasião do XIX Capítulo Geral, surgiu o Âmbito da Comunicação Social, que realiza uma progressiva partilha de conteúdos, ideias e orientações para a animação nas inspetorias referente à realidade comunicativa. Um dos canais de conhecimento é o GONG¹ - uma coleção de pequenos fascículos publicados pelo Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora com a finalidade de acompanhar o trabalho cotidiano das comunidades, usando um estilo de vida específico da era da comunicação².

No primeiro número de Gong, “Mulheres em rede”, carta-proposta às FMA na era da Comunicação, é colocado que: “nossos interlocutores privilegiados nos interpelam hoje com suas linguagens. A nós corresponde uma resposta educativa, tendo em conta sua nova identidade e a cultura em que todos estamos imersos”. Tem-se ouvido e lido, recentemente, portanto, e, principalmente após os eventos citados nesse breve histórico, muito sobre um

¹ GONG significa instrumento de percussão, de origem oriental: disco metálico que se faz vibrar batendo-lhe numa das extremidades com uma baqueta enchumada. Gong, tradução do termo em italiano *Gong*, é, assim, uma imagem que valoriza a comunicação nas suas dimensões de ida e volta, de palavra e de escrita. Um som que evoca processos que se movem entre o sentir, o pensar e o intuir. Um eco que pede resposta impregnada de ação orante.

² Para conhecer e aprofundar a contribuição do Âmbito da Comunicação Social, confronte os primeiros três fascículos da coleção *Il Gong*: *Mulheres em rede*: Um estilo de vida na era da comunicação (Gong 1, INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA, 1994); *Uma antena voltada para o mundo* (Gong 2, INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA, 1995); *Para uma comunicação de qualidade* (Gong 3, INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA, 1999) e *Educomunicação*: pequenos passos para uma nova cultura (Gong 4, INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA, 2008).

novo “campo” que nasce na fronteira entre Educação e comunicação. Este novo campo é a Educomunicação, como uma das tentativas de superar as dicotomias e de convocar a Educação a ser mais comunicativa. Mas, mais do que isso, o novo campo se configura, primordialmente, como uma forma de engajar a comunicação, uma vez que a Educomunicação constitui-se de um conjunto de teorias e práticas que nascem da interseção das áreas da Educação e da Comunicação Social.

O Encontro da Equipe Coordenadora Central, que reuniu em Roma, no mês de dezembro de 2000, os delegados de Comunicação Social das várias províncias do mundo, tinha como título: *Dom Bosco, comunicador*. O encontro analisava o compromisso da Comunicação Social como fidelidade a Dom Bosco e ao jovem exigindo o compromisso e a qualificação na comunicação, apoiando-se na própria natureza do carisma salesiano.

Dom Juan Edmundo Vecchi (1999), em sua carta sobre *A Comunicação Social na Missão Salesiana*, lembra que: “Denominamo-nos, com convicção a satisfação interior, filhos de um Santo que soube escutar as muitas vozes que chegavam dos jovens e da cultura de seu tempo, e que conseguiu comunicar com o gesto, com a palavra e com a mesma estrutura que ele havia criado”. Esta, com efeito, se fez “mensagem” precisamente porque expressava a finalidade e o espírito de sua missão. (VECCHI, 1999, p.128).

A partir daí, através da Equipe de Comunicação Social da América (ECOSAM), das Filhas de Maria Auxiliadora, no ano de 2000, teve início a elaboração de um **plano continental de Educomunicação**, deduzido da análise de 53 projetos concretos de Educação-comunicação-cidadania, já em andamento em várias comunidades do continente. Chegou-se, assim, a focalizar um novo campo de integração e de síntese entre comunicação e Educação, que culminou na elaboração de uma *Proposta de Educomunicação para a Família Salesiana* (INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA, 2004).

Cumbayá II - O segundo encontro de Cumbayá – Equador, realizou-se de 7 a 12 de maio de 2001, com a participação de 250 representantes de todas as presenças da Família Salesiana do continente americano.

A opção assumida pelos participantes do encontro foi, de acordo com o documento redigido na ocasião (REDE SALESIANA DE ESCOLAS, 2009):

Como Família Salesiana, fiéis ao carisma de Dom Bosco, optamos por uma escola e um Centro de Formação Profissional solidários, presentes na realidade juvenil, onde se viva a reciprocidade, que sejam includentes, eduquem na dimensão sociopolítica e desenvolvam uma proposta de Educomunicação que forme para uma cidadania ativa, dando respostas significativas às diferentes formas de pobreza. (REDE SALESIANA DE ESCOLAS, 2009, p.19).

O caminho da Escola Salesiana na América, desde o início, viveu em sintonia com a Organização Internacional da Educação Católica (OIEC), que congrega e articula as forças atuantes na Educação católica de todo mundo, particularmente com sua representante no continente americano, a Confederação Interamericana de Educação Católica (CIEC). Graças a essa interação, os congressos americanos de Educação católica constituíram momentos relevantes de reflexão e intercâmbio pedagógico e, paralelamente, facilitaram a permanente avaliação e o fortalecimento do processo de articulação da ESA dos encontros Pós-CIEC.

Esse segundo Encontro Continental de Educação Salesiana (Cumbayá II, 2001), com seus compromissos, políticas e linhas de ação, foi a referência programática para as obras escolares e centros de formação profissional das Inspetorias e Províncias da Família Salesiana no continente.

Os participantes da Família Salesiana do Continente Americano, durante esse II Encontro, como redes educativas nacionais se comprometem a:

Colaborar com nossos povos e governos para conseguir os objetivos de inclusão universal para todos, como a qualidade educativa, que possibilite um desenvolvimento humano sustentável, que favoreça a equidade e justiça social;

Fortalecer os processos de reinterpretar e redefinir a presença educativa salesiana a serviço dos setores mais vulneráveis, a partir da ótica da solidariedade, da cidadania participativa, da qualidade educativa para todos e da conquista à igualdade de oportunidades de acesso aos bens e recursos, iluminados pelos valores éticos e sociais do evangelho e da doutrina social da Igreja;

Propiciar aprendizagens de qualidade, prestando especial atenção à diversidade, à centralidade do jovem, em especial aos aspectos afetivos e emocionais, sensibilidades e linguagens, à qualidade e pertinência dos objetivos e conteúdos e ao contexto;

Redefinir os modelos, estilos e conteúdos educativos para que realmente contribuam para a formação crítica, ética, social e política, que possibilite aos jovens o exercício renovado de uma cidadania participativa, construtiva e solidária.

As escolas da América assumem, também, algumas políticas prioritárias que respondam aos desafios indicados por Cumbayá II, quer sejam:

- acolhida, presenças e acompanhamento do jovem situado em sua realidade concreta;
- acompanhamento e capacitação dos jovens para sua inserção no mundo do trabalho;
- fortalecimento da Comunidade Educativa por meio de um estilo de gestão participativo e democrático, sob a ótica de uma vivência da reciprocidade;
- relançamento de um novo modelo de escola incluyente e solidária, aberta à realidade sócio-política de seu contexto e comprometida com sua transformação;
- dar andamento a uma rede nacional que se constitua como força educativa representativa e pública em favor de políticas, legislações e recursos a serviço dos excluídos e necessitados;
- gestão dos processos educacionais: Educação para a comunicação, mediação tecnológica, expressão e artes, comunicação para a cidadania.

Portanto, com a intenção de integrar as reflexões de ECOSAM (Equipe de Comunicação Social da América) e da Comissão Escola Salesiana na América, sobre a qualidade educativa da Escola e da Formação profissional, durante o encontro continental de Cumbayá II (Cumbayá – Equador, 7 a 12 de maio de 2001), a Educomunicação foi um dos temas tratados pelos participantes. Assim, entre as políticas a serem assumidas e colocadas em prática nos anos sucessivos pela Escola Salesiana América (ESA), estava, portanto, incluída também a Educomunicação.

Já tendo por tema: *Uma pessoa nova para um mundo novo num contexto de mundialização*, realizou-se em Brasília, de 15 a 20 de abril de 2002, o **XVI Congresso Mundial da OIEC**. Esse evento pode ser considerado um marco na Educação católica

mundial, particularmente no Continente Americano e no Brasil, pois confirmou a Escola Salesiana América.

A publicação das obras: *Proposta de Educomunicação para a Família Salesiana* (INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA, 2004), da Equipe de Comunicação Social do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora – ECOSAM – e *Educomunicação: pequenos passos na nova cultura*, da coletânea “GONG” (INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA, 2008), também do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, revelam essa trajetória de estudos educacionais e o compromisso de situar a Educomunicação como ótica e prática transversal à missão e à atualização do carisma salesiano.

O III Encontro da Escola Salesiana na América – III ESA, realizado em Brasília, em maio de 2008 – propôs à Família Salesiana o grande desafio: favorecer a cultura comunicacional inspirada nos valores do Evangelho, educando para a comunicação interpessoal, a mediação tecnológica, a expressão e a arte e a formação para o exercício da cidadania, compreendendo as novas linguagens das culturas juvenis, sob a ótica da Educomunicação e sendo, então, uma reflexão sobre o fato educacional na Escola Salesiana, com a intenção de renovar seu compromisso de ressignificação.

Os cenários em que atuam as presenças salesianas, como visto, são diversificados. Em todos, porém, destacam-se as mudanças complexas e cada vez mais aceleradas que marcam o panorama mundial, com o avanço vertiginoso dos conhecimentos científicos e tecnológicos, sobretudo no campo das comunicações, da informática, da nanotecnologia. Ao mesmo tempo, no campo econômico, revitaliza-se o velho liberalismo, fundado na crença enganosa de que “a mão invisível” do mercado é suficiente para regular as relações econômicas entre indivíduos, empresas e nações. Uma ilusão cujo efeito principal é o recrudescimento dos males de uma ordem social baseada no dinheiro: o narcotráfico, a corrupção, a crise de valores que desacredita governos e instituições sociais.

Educar no atual e complexo palco exige uma nova postura, um novo conhecimento do mundo em que habitamos. Exige deixar interpelar pelos anseios mais profundos dos jovens, que sinalizam novos caminhos de acompanhamento educativo, nesta sociedade mediatizada pelas tecnologias, pela comunicação multimedial.

Assim, e como já dito, ao agregar princípios da Educação e da comunicação para desenvolver uma nova forma de pensar e de agir na sociedade moderna, a Educomunicação

torna-se um novo campo de intervenção social. As outras práticas comunicativas e educativas continuarão tendo o seu lugar, porém, neste novo campo, o educador não é apenas um agente livre e criativo, que liga interfaces ou que produz notícias para os grandes conglomerados comunicativos, mas ao contrário, ele parece se configurar como um poderoso elemento de transformações, a rigor vinculado a algum projeto específico com tal teor. Suas estratégias são seus conhecimentos recolhidos nos estudos da Educação e da comunicação, e são colocadas em ação em decorrência dos imperativos de produção de uma nova ordem histórica, social, cultural e econômica.

O mundo, cada vez mais globalizado, sofre o impacto desse processo de transformações que se agrava particularmente nas regiões mais pobres, inclusive os destinatários preferenciais da ação salesiana. Exatamente por isso, tais mudanças representam outros tantos desafios que demandam da Escola Salesiana criatividade, ousadia e fé para dar-lhes respostas significativas, capazes de manter sempre vivos, eficazes e eficientes a pedagogia, o carisma e o exemplo dos fundadores.

Hoje fala-se muito de emergência educativa e, por consequência, busca-se uma modalidade que sirva de elo na relação interpessoal, com linguagens que permitam comunicar, especialmente com as novas gerações. Na raiz da comunicação está a acolhida amável do pensamento, dos afetos, da vida do outro. Por isso, Dom Bosco dizia que, para estabelecer o contato educativo, era necessário “gostar do que os jovens gostam”. No tempo atual, por causa da revolução tecnológica e da aceleração das mudanças, faltam referenciais mais duradouros. É necessário, portanto, identificar novas estradas para comunicar com o outro nesse novo cenário em que a sociedade está imersa. Isso comporta, especialmente para os educadores, flexibilidade e capacidade de aprender continuamente, a partir da experiência com o outro.

2. CAMINHOS PERCORRIDOS PARA A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

O termo “pesquisar” significa, segundo o dicionário Aurélio³, “investigar com a finalidade de descobrir conhecimentos novos, recolher elementos para o estudo de algo”. Essa definição ajuda a compreender a pesquisa como uma ação de conhecimento da realidade, um processo de investigação minucioso, sistemático, seja ela natural ou social. De acordo com Minayo (1998):

Entendemos por pesquisa a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualização frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja prática teórica, a pesquisa vincula o pensamento e ação, ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema na vida prática. (MINAYO, 1998, p.17).

O trabalho científico, nas diversas áreas do conhecimento, propriamente dito, é avaliado, segundo Demo (1991), pela sua qualidade política e pela sua qualidade formal. Qualidade política, segundo o autor, refere-se fundamentalmente aos conteúdos, aos fins e à substância do trabalho científico. Qualidade formal diz respeito aos meios e formas usados na produção do trabalho, ou seja, ao domínio de técnicas de coleta e interpretação de dados, manipulação de fontes de informação, conhecimento demonstrado na apresentação do referencial teórico e apresentação escrita ou oral em conformidade com os ritos acadêmicos.

Esta pesquisa ora apresentada tem caráter quantitativo, embora na sua análise seja levada em conta, prioritariamente, a abordagem qualitativa de pesquisa acadêmica. Nesse caso, considerou-se importante a quantitativação, pois, de acordo com Minayo e Sanches (1993):

[...] um conhecimento considerado suficientemente preciso não teria sido atingido e aplicado sem as noções básicas de contar e medir, acompanhadas de um adequado instrumento matemático para manipulá-las. Isto parece corroborar nosso ponto de vista de que uma interação entre pensamento e linguagem e, conseqüentemente, seu desenvolvimento mútuo são pautados por uma correspondente interdependência entre pensamento e matemática, quando nos dispomos a usá-la para propósitos de maior precisão de expressão. (MINAYO; SANCHES, 1993, p.239).

³ Os dados aqui apresentados encontram-se em: FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Pesquisar**. Disponível em: < <http://www.dicionariodoaurelio.com/Pesquisar> > Acesso em: 20 fev. 2010.

Nesse trabalho optou-se por uma abordagem quantitativa, ainda, devido ao fato de estar como características principais:

- Busca descrever significados que são considerados como inerentes aos objetos e atos, por isso é definida como objetiva;
- Tem como característica permitir uma abordagem focalizada e pontual e estruturada, utilizando-se de dados quantitativos;
- A coleta de dados quantitativos se realiza através da obtenção de respostas estruturadas, no caso dessa pesquisa, pelo próprio pesquisador;
- As técnicas de análise são dedutivas (isto é, partem do geral para o particular) e são orientadas pelos resultados. Os resultados são generalizáveis.

Já com relação à abordagem qualitativa, principalmente quanto à análise dos dados obtidos quantitativamente, de acordo com Masini (2000), a pesquisa qualitativa em Educação possibilita o retorno a assuntos que, quer seja pelo senso comum ou por eles estarem sempre presentes em nossa prática, acabam tomando status de verdades concretas, remontam e reveem o que está estabelecido como critério de certeza nos dados quantitativos e perguntam sobre suas origens como um ato de visualização de como esses assuntos implicam em nosso dia a dia.

A pesquisa aqui proposta trata-se, portanto, de uma pesquisa quanti-qualitativa, porém, de delineamento também descritivo porque, nesse caso específico, a sala de aula é a fonte direta dos dados e o pesquisador, o seu instrumento principal. Entende-se, então, que o contexto é elemento fundamental para que se possa estudar o problema que deu origem a esse trabalho. Ele é social e, portanto, essa é a abordagem mais adequada para entender a natureza do fenômeno estudado. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986). Além disso, segundo Minayo (2007):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não deveria ser somente quantificado. Ou seja, trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO, 2007, p. 21).

Nesse sentido, portanto, acredita-se que essa abordagem qualitativa venha ao encontro do que se considera importante para efetivar a construção da pesquisa, pois ela oferece subsídios importantes para serem trabalhados.

A análise dos dados tende, então, a seguir um processo indutivo, afinando e delimitando o tema de estudo, o que significa que, mesmo que se parta de um referencial teórico, o pesquisador deve procurar, constantemente, novos elementos que poderão ser acrescentados no decorrer do trabalho. Além disso, para que se possa compreender melhor os dados obtidos, é preciso levar em conta o contexto em que ele se situa.

Ao executar uma pesquisa, o pesquisador recorre a uma variedade de dados que são coletados de inúmeros modos, como, por exemplo: a aplicação de questionários, análise de documentos etc. “Com esse variado material nas mãos, o pesquisador deve cruzar os dados, confirmar ou não suas hipóteses, descobrir novos dados, levantar outras hipóteses...” (NAGEM, 2007, p.63).

2.1. PERCURSO DA PESQUISA

Foram percorridas as seguintes fases no decorrer da pesquisa:

Fase exploratória, que corresponde ao início da pesquisa; momento de verificações iniciais sobre o tema abordado, procurando delimitações possíveis para a pesquisa, assim como as verificações sobre as prioridades e meios de coletas de dados pertinentes à questão inicialmente levantada. É nesse momento que se inicia a pesquisa bibliográfica principalmente sobre o tema central deste trabalho, quer seja, a Educomunicação.

Fase de delimitação do estudo, na qual se inicia a efetiva coleta de dados, permitindo uma melhor visão acerca do foco a ser dado no desenvolvimento do trabalho como um todo.

Fase de análise e elaboração do trabalho escrito, no qual o trabalho é efetivamente redigido, sendo, também este, o momento da análise de todos os dados coletados na pesquisa realizada.

2.2. PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Em um primeiro momento, foi necessário selecionar os materiais escolhidos que versavam sobre o tema Educomunicação, com a finalidade de se entender melhor sobre o assunto antes de discorrer sobre ele. É importante destacar que houve uma dificuldade em encontrar uma literatura que viesse ao encontro dos objetivos da pesquisa, o que gerou a necessidade de adentrar em bibliotecas virtuais e ambientes que possibilitam uma leitura *on line*.

Já o procedimento geral aplicado para o processamento de dados e crítica dos resultados consistiu de: inspeção visual dos registros escritos por cada respondente, para detectar e corrigir erros de preenchimento; codificação das questões com base nos códigos preparados previamente e atualizados durante o exame dos registros escritos para introdução dos dados em microcomputadores, e crítica de validação dos campos digitados e de consistência dos dados, além da correção pontual dos erros resistentes à crítica de validação.

Os testes de “consistência interna” dos dados processados por computador foram efetuados por programas de crítica especialmente desenvolvidos para a pesquisa, com o uso do pacote estatístico CSPPro (*Census and Survey Processing*), desenvolvido pelo Bureau de Censo Norte-Americano.

2.3. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

2.3.1. Pesquisa bibliográfica

Ao desenvolver o tema “Educomunicação: a epistemologia que subjaz ao processo de gestão das NTICs em sala de aula” foram buscados teóricos que ofereceram suporte para o andamento do processo de construção da pesquisa, dentre eles, destacando-se: Soares (1999; 2000; 2002; 2004); Lévy (1998; 1993), Freire (1971; 1981), Martin-Barbero (1997), Santomé (1998); Valente (1993); Vecchi (1999), entre inúmeros outros. Foi priorizada, nestes autores, a contextualização acerca dos temas Educomunicação e Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), suas possibilidades acadêmicas envolvendo o processo de ensino-

aprendizagem, além de abarcar as concepções ética e epistemológica da Instituição, objeto da pesquisa, em relação aos temas propostos, inclusive quanto à implicação do uso das NTICs nessas concepções estudadas e suas consequências para o ensino e aprendizagem no cotidiano escolar, mais especificamente em sala de aula.

Foram realizadas, também, consultas a documentos, como o Projeto Político Pedagógico da Faculdade Salesiana, a proposta metodológica, além dos documentos que regem o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. A análise desses documentos nos permite, inclusive, entre outras coisas, obter informações, servindo-nos, então, como amplas fontes de informação, como nos afirma Lüdke e André (1986).

Ainda segundo Lüdke e André (1986), a análise documental, especificamente, busca identificar informações e evidências nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse do pesquisador. Elas ainda destacam que a análise documental apresenta como vantagem a característica de os documentos – documentos oficiais e material do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, neste caso – constituírem uma fonte estável e rica, bem como a possibilidade de serem consultadas várias vezes, servindo de base a diferentes estudos.

As autoras consideram como documentos na pesquisa todo e qualquer material escrito que possibilite sua utilização como fonte de informação sobre os temas abordados e suas relações com os comportamentos humano e acadêmico dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Dessa forma, ao fazer uso da análise documental, são considerados como tal os documentos do Instituto já citado, os documentos da própria Instituição, objeto da pesquisa, além dos documentos oficiais da Igreja Católica, de uma forma geral.

A análise documental foi adotada com a finalidade de obter a compreensão acerca do tema Educomunicação e da utilização das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) nas salas de aula, além dos valores e missão do objeto de estudo, quer seja a Faculdade Salesiana, procurando verificar as possibilidades permitidas por seus usos no cotidiano acadêmico.

2.3.2. Elaboração de questionário

Outra forma de coleta de dados diz respeito à elaboração de dois questionários a serem aplicados em sala de aula, tanto para os educandos quanto para os educadores sujeitos dessa pesquisa.

O trabalho de coleta de dados, portanto, consistiu na aplicação de um total de 41 questionários, sendo 11 para o segmento de educadores e 30 para o segmento de educandos. Cerca de metade dos questionários dirigidos aos educadores foi preenchida no interior da Instituição de ensino. A parcela restante foi, a pedido dos educadores, preenchida em seus próprios lares e devolvida no dia seguinte.

Quanto aos questionários dirigidos aos discentes, o trabalho de aplicação assistida foi conduzido por uma equipe de assistentes de pesquisa familiarizada com os objetivos do estudo e com o marco teórico eleito, selecionada pela mestranda.

O UNIVERSIDATA – Instituto de Pesquisa das Faculdades Salesianas, sediado na Faculdade, respondeu pela execução das etapas de codificação, digitação e processamento eletrônico dos dados, sob orientação da mestranda. As versões definitivas dos questionários empregados no estudo são apresentadas nos **Apêndices A e B** deste volume, versão educadores e versão educandos, respectivamente.

Os alunos responderam aos questionários dentro de sala de aula, porém, sem o pesquisador interferir nas respostas apresentadas.

Assim, enquanto instrumento de coleta de dados, o questionário tem as funções de descrever e medir determinadas variáveis de um grupo social. Essa descrição dos dados coletados, a partir do questionário, serviu como elemento de análise com o objetivo de perceber, além da realidade vivenciada por esses indivíduos, o que esses sujeitos pensam acerca das Novas Tecnologias de Informação e de Comunicação, implementadas o pela Faculdade e as possibilidades de ensino e aprendizagem auxiliados por essa ferramenta tecnológica.

No caso em questão, propôs-se a observação não-participante porque a intenção é atuar apenas como um espectador atento, procurando registrar alguma possível ocorrência que interessasse à pesquisa, durante a aplicação dos questionários.

2.4. OBJETO DE PESQUISA

De acordo com os documentos e site da Instituição, aos 11 de agosto de 1961, as Irmãs Salesianas – Filhas de Maria Auxiliadora – compraram o Solar Monte Elíseo, prédio histórico na cidade de Macaé, estado do Rio de Janeiro, atualmente conhecido como Castelo.

As Irmãs Salesianas transformaram o Solar no Instituto Nossa Senhora da Glória – Castelo, escola feliz, espaço de fraternidade e realização. A escola foi oficialmente inaugurada no dia 27 de julho de 1963 e passou a funcionar como tal em agosto do mesmo ano, vem funcionando há quase 50 anos, “comprometido com o presente na construção do futuro e renovando-se na marcha da Educação”.

A Congregação procura "estar com os tempos e os lugares" como bem expresso nas palavras de seu fundador, D. Bosco, nos finais do Século XIX. Esta visão fez com que o Instituto Nossa Senhora da Glória - INSG, mantenedor da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora - FSMA, em 1996, buscasse a Internet como ferramenta pedagógica num momento em que era ainda tão pouco conhecida no Brasil e menos ainda na região onde a FSMA está inserida.

Foi assim que o INSG se tornou o primeiro provedor de Internet na região, através do Castelo *On Line*, como uma proposta pedagógica permitindo aos alunos navegarem e terem contato com um mundo maior e, até hoje, todos os alunos podem usufruir deste benefício a qualquer hora e em qualquer dia. A Instituição de ensino tem por obrigação estar ligada à Internet, tendo acesso ilimitado à Web em seus laboratórios, utilizando os computadores na informática educativa, buscando a criação de um indivíduo pesquisador, com consciência crítica, aprendendo a tecnologia como ferramenta auxiliar no aprendizado.

Assim, ciente de não poder mais ficar alheio a todo este desenvolvimento ao seu redor, o Instituto Nossa Senhora da Glória - INSG decidiu que seus jovens, oriundos do Ensino Médio do Colégio Castelo, deveriam continuar seus estudos superiores dentro da mesma filosofia que sempre os marcou desde a admissão no Ensino Fundamental. Nesta lógica, no ano de 2001, surgiu a Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora, com a missão de dar continuidade educacional aos seus pupilos, guiando-os, agora, para a vida profissional, fiel à sua missão de comunicadora para a juventude, se colocando à disposição do Ensino Superior.

A Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora - FSMA, nasceu sob a ótica da filosofia salesiana que norteia a Congregação Salesiana em todo o mundo, no sentido de educar os jovens através da razão, religião e amabilidade (*amorevolezza*).

2.5. SUJEITOS DA PESQUISA

Foram considerados sujeitos dessa pesquisa **educadores** e **educandos** do curso de Comunicação Social (Habilitações: Jornalismo e Publicidade e Propaganda) da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora.

Quanto aos educandos, em número total de 30, procurou-se ter o cuidado de, para afastar a possibilidade de acesso múltiplo a um mesmo sujeito em diferentes dias, optou-se por realizar as operações de campo em um único dia. O processo aleatório da escolha do dia de aplicação dos questionários aos educandos – selecionado entre os dias compreendidos no período em que se procedeu a consulta aos educadores – resultou na decisão de fixar o dia 17 de junho de 2010 como a data da coleta de dados no segmento discente.

Esses educandos são alunos da Graduação, do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo ou Publicidade e Propaganda, de classe média, sendo alguns provenientes de escolas públicas e com bolsas de estudo na Instituição, com idade entre 18 e 30 anos. Os sujeitos dessa pesquisa foram escolhidos aleatoriamente, não sendo parte de uma turma específica, mas de períodos diferentes do Curso em questão.

Em relação ao segmento de educadores – 11 ao todo trabalham no Curso de Comunicação Social. Receberam o questionário todos os que estavam presentes na Faculdade na semana letiva de 14 a 18 de junho de 2010. Esses professores são graduados, sendo a maioria mestres e doutores e que ministram aula especificamente no curso de Comunicação Social da Instituição. A maior parte desses professores é proveniente de outras cidades, como o Rio de Janeiro.

2.6. DIFICULDADES ENCONTRADAS

Ao realizar a pesquisa, pôde-se verificar que um dos grandes entraves foi o relacionado a não respostas de alguns sujeitos envolvidos no processo para algumas questões dos questionários, tanto por parte dos educandos como dos educadores. Apesar de ter sido pedido a todos que procurassem não deixar questões sem respostas, alguns sujeitos descumpriram o pedido, o que gerou certas dificuldades, inclusive na verificação de resultados de algumas questões colocadas. Porém, acredita-se que, mesmo apesar desse entrave, a pesquisa não foi prejudicada em seu resultado final.

3. RESPOSTAS E POSSIBILIDADES ANTE AS MUDANÇAS SÓCIOCULTURAIS

A chegada do século XXI vem marcada com algumas características: o mundo globalizado e a emergência de uma nova sociedade que se convencionou chamar de sociedade do conhecimento. Tal cenário traz inúmeras transformações em todos os setores da vida humana. O progresso tecnológico é evidente, e a importância dada à informação é incontestável. O progresso tecnológico atua, principalmente, como facilitador no processo comunicacional. Agora é possível processar, armazenar, recuperar e comunicar informação em qualquer formato, sem interferência de fatores como distância, tempo ou volume.

À medida que nos aproximamos da virada do século, cada vez mais, nos deparamos com cenários paradoxais, onde o sublime e o pérfido se imbricam de modo muito estreito.

Avanços tecnológicos simplesmente inimagináveis há bem pouco tempo - e que representam efetiva contribuição para a plena realização dos potenciais humanos -, tais como a integração econômica em âmbito planetário e o importantíssimo processo de surgimento de uma consciência nova de cidadania mundial, convivem, em longitudes e latitudes as mais diferentes, na cauda do impacto do desemprego estrutural e da crescente e violenta exclusão de quatro quintos da humanidade do ciclo de produção e consumo criado pelo que se convencionou chamar de terceira revolução industrial, com o aumento insuportável da miséria, com a disseminação da AIDS, com o aparecimento de novas formas de violência, com a conglomeração do crime, com o crescimento exponencial do fanatismo beligerante dos fundamentalismos religiosos, com o reaparecimento do fascismo e o recrudescimento do racismo.

Podemos, nesse caso, lembrar Castells, quando ele aponta que o elemento de divisão social mais importante hoje, ainda mais importante que a conectividade técnica, é a capacidade educativa e cultural de utilizar a informação. Trata-se de saber onde está a informação, como buscá-la, transformá-la em conhecimento específico para fazer aquilo que se quer fazer. Hoje, indivíduos, grupos e instituições refletem sobre a importância estratégica da comunicação e da informação para a efetivação das ações sociais. A organização e a disseminação de estoques de informação têm que levar em conta a dinâmica sociocultural, tanto no plano local como no global. Assim se vislumbra um desafio crucial da Sociedade da

Informação: o de gerar nos indivíduos e grupos as competências simbólicas e comunicacionais para a compreensão dessa nova realidade.

Por isso, prospectar o futuro, hoje, significa confrontar paradoxos, razão pela qual, muito provavelmente, é a consideração dos paradoxos a marca característica da construção desse cenário.

3.1. ANÁLISE DA PERTINÊNCIA ENTRE A RESPOSTA DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR E AS MUDANÇAS SÓCIO-CULTURAIS

A pesquisa teve como foco verificar se nas práticas cotidianas dos educadores o uso das NTICs facilitam a aquisição do conhecimento pelo aluno e se o educador, em sua sala de aula, cria espaços favoráveis à aprendizagem qualificando as tecnologias e incorporando ao uso das mesmas a cultura educacional a partir dos princípios éticos e epistemológicos que regem a Instituição objeto dessa pesquisa.

Tratando-se da realidade tecnológica e da “era da informação globalizada”, os jovens criaram um ambiente próprio, o chamado ambiente digital ou virtual, um habitat natural onde se sentem senhores. É justo reconhecer, porém, que deixando para trás as eras da pedra, das paredes, das salas e da escuta passiva, os jovens reclamem linguagens novas, novos métodos e novas maneiras de Educação, pois querem ser autores e atores do próprio espaço, da própria linguagem e dos próprios conteúdos. Assim, inventam e recriam a própria pessoa e exigem liberdade de navegação e diálogo no ciberespaço.

De posse da temática abordada, faz-se necessário aprofundar, relacionar e, sobretudo, buscar argumentos que evidenciem a interrelação e a complementaridade dos conceitos de Educação e Comunicação e a apropriação destes no cotidiano escolar, além de produzir recursos que permitam dimensionar, com maior precisão, o real espaço que a Educação e a comunicação abrem para uma inserção mais cidadã e mais equitativa. Por último, também faz-se mister criar canais para um diálogo mais significativo entre educadores e educandos, facilitando a construção de uma cultura educacional orientada para a formação de autênticos, solidários e competentes cidadãos capazes de uma prática efetiva e de transformação na sociedade em que estão inseridos. A fim de fazer todas as verificações

propostas no capítulo metodológico desse trabalho, foi realizada pesquisa com um grupo de amostragem aleatório de educandos e educadores, iniciando pelos alunos.

3. 1.1. Da parte dos educandos

Tendo como finalidade constatar a preferência dos estudantes na escolha de uma IES, foram perguntados sobre os motivos prioritários que os levaram a escolher a Instituição.

Como se percebe no gráfico 1, abaixo, quando questionados sobre os motivos principais para escolha da instituição de ensino, a resposta que mais se destaca é o referencial da qualidade de ensino (41,5%), seguido da preparação para o mercado de trabalho (34,1%). Os itens que favorecem um clima de convivência sadia (12,2%) e garantia de formação humano-cristã (12,2%) são assinalados com menor valor.

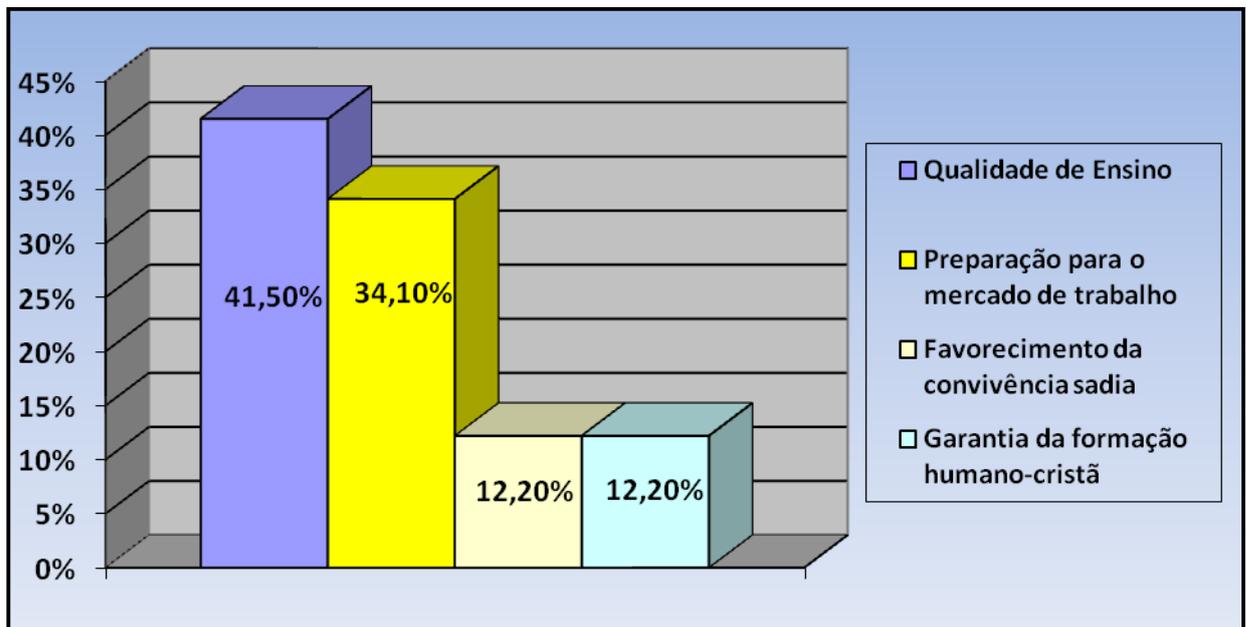


Gráfico 1 – Motivos prioritários para a escolha da Instituição

Fonte: Dados da pesquisa

O Gráfico 2, a seguir, está relacionado com grau de importância atribuído aos motivos considerados para a escolha da instituição (média ponderada⁴), sendo que os valores se

⁴ Em geral atribui-se maior peso a observações que se considerem mais importantes que outras ou, em certas circunstâncias de alguma incerteza quanto aos valores observados, quando essas observações são mais

confirmam com os dados obtidos no gráfico anterior. Isso vem garantir que hoje, no contexto global em que se vive, na “era da informação globalizada”, garantir uma escola de nível superior que, além de ter como missão o padrão de qualidade acadêmico, priorize a formação da pessoa como agente de transformação da/na sociedade representa um desafio para a sociedade, especialmente para os produtores culturais e, conseqüentemente, para os educadores.

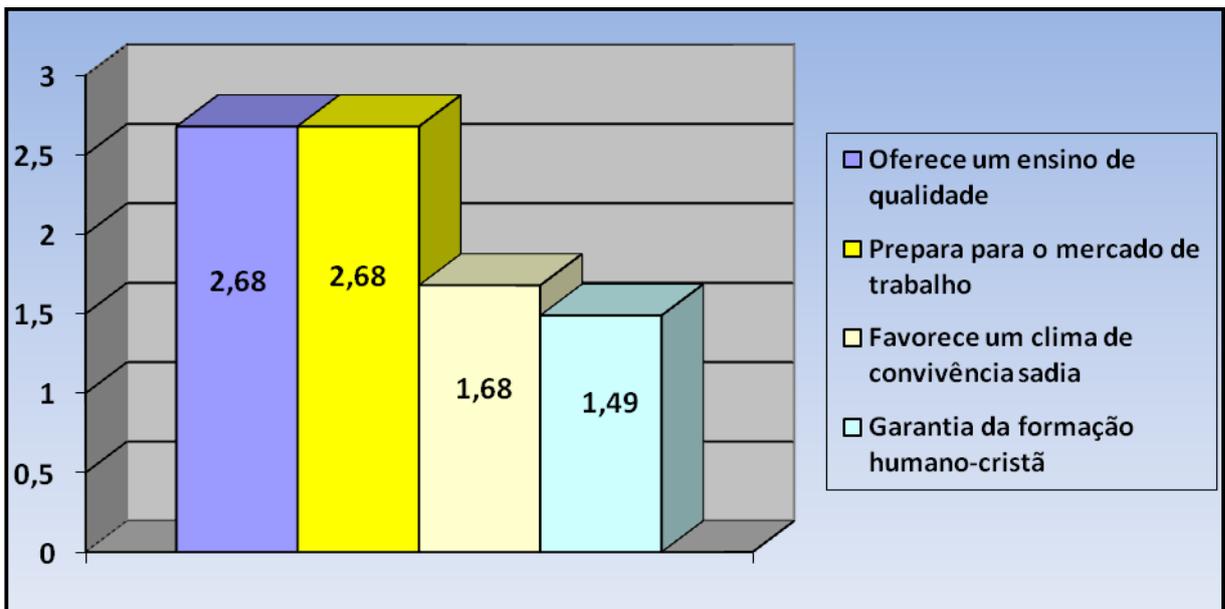


Gráfico 2 – Grau de importância atribuído aos motivos considerados para a escolha da Instituição (média ponderada)

Fonte: Dados da pesquisa

Nos gráficos 1 e 2, os itens referentes à qualidade de ensino e à preparação para o mercado de trabalho estão sinalizando que a escolha da Instituição é relacionada ao valor qualidade de ensino, no tocante à preparação eficaz para a competência profissional. Assim, acredita-se que o educando, concluindo seu curso nesta instituição, está bem preparado para ingressar no mercado de trabalho e ser bem sucedido como profissional e logicamente como pessoa.

fidedignas relativamente a outras. O item avaliado como o mais importante dentre os cinco considerados mais valiosos na prática do professor em sala de aula, atribuiu-se o peso 5. Na sequência, atribuiu-se o peso 4 ao item avaliado como o segundo em ordem de importância. O procedimento foi adotado para o terceiro, quarto e quinto itens ordenados em grau decrescente de importância, os quais foram atribuídos os pesos 3, 2 e 1, respectivamente. O valor da média atribuída a cada item foi calculada a partir da soma dos pesos atribuídos a este item dividida pelo número de sujeitos respondentes da questão.

O dicionário Aurélio (FERREIRA, 2008, p.669) define qualidade como “Propriedade, atributo ou condição das coisas ou das pessoas, que as distigue das outras e lhes determina a natureza. Superioridade, excelência de alguém ou de algo”. Seria, portanto, o conjunto de propriedades, atributos e condições inerentes a um objeto e que são capazes de distinguí-lo de outros similares, classificando-o como igual, melhor ou pior; ou, então, como o atributo que permite aprovar, aceitar ou refutar o objeto com base em um padrão de referência. Assim, qualidade implica em uma ideia de comparação: podendo-se dizer que um objeto tem qualidade se suas características permitem afirmar que ele é melhor que outros objetos que não as possuem ou que não as possuem em igual grau.

A qualidade nas instituições de ensino superior remete, ainda, à questão maior, da “qualidade da Educação”, que pode ser considerada como socialmente construída, produto das relações sociais, conforme coloca Dias Sobrinho (1995) apud Monteiro (1998):

Reconhecendo que a linguagem, como fato social, está mergulhada na ideologia, é consequente perceber que são os usos e valores sociais que definirão as diversas concepções de uma Educação. A qualidade da Educação é socialmente construída nas relações internas de um amplo sistema valorativo. O conceito de qualidade, como valor interiorizado, é um produto das relações do indivíduo com os outros e com o conjunto social. Portanto, qualidade não receberá um sentido unívoco, mas multidimensional e apreensível consensualmente. Qualidade implica escolha, portanto, comparação, dentro de um sistema de valores de caráter inegavelmente político, ideológico e cultural. A noção de qualidade e suas ênfases vão então variar no tempo e no espaço e nas diversas formações intersubjetivas. (DIAS SOBRINHO, 1995 *apud* MONTEIRO, 1998, p.147).

Assim, portanto, a expressão "qualidade em Educação", no marco dos sistemas educacionais, admite uma variedade de interpretações dependendo da concepção que se tenha sobre o que esses sistemas devem proporcionar à sociedade. Uma Educação de qualidade pode significar tanto aquela que possibilita o domínio eficaz dos conteúdos previstos nos planos curriculares, como aquela que possibilita a aquisição de uma cultura científica ou literária; ou aquela que desenvolve a máxima capacidade técnica para servir ao sistema produtivo; ou, ainda, aquela que promove o espírito crítico e fortalece o compromisso para transformar a realidade social, por exemplo.

Por outro lado, a expressão "qualidade educacional" tem sido utilizada para referenciar a eficiência, a eficácia, a efetividade e a relevância do setor educacional, e, na maioria das vezes, dos sistemas educacionais e de suas instituições. De modo geral, quando se diz que um objeto educacional tem qualidade, está se explicitando um juízo sobre seu valor e mérito. (SANDER, 1995, p.152).

As prioridades indicadas pelos estudantes questionados desafiam educadores: como garantir o pluralismo, a liberdade e o acesso ao conhecimento, na Era da Informação, sabendo que a convivência e a formação deveriam ser valores prioritários em suas vidas, apesar de os alunos pesquisados não terem citado esses dois itens como mais importantes para a escolha da instituição?

Como se pode perceber, a proposta de Educação da Instituição em foco diz respeito à formação integral do educando. Na análise dos gráficos acima, é possível constatar a preferência dos educandos, ressaltando a qualidade no ensino em decorrência do mercado de trabalho, que garante emprego aos bons profissionais, considerando o seu currículo escolar. Educandos que tiveram bom desempenho enquanto estudantes possuem mais garantia de conquistar uma vaga nas grandes empresas.

É bastante satisfatório constatar nas respostas dos estudantes a busca por qualidade de ensino, visto que na sociedade não interessa ao Estado e ao mercado globalizado conviver com toda a população efetivamente instruída. O saber é historicamente posse de uma elite e, sob o domínio do capital, a informática – e as novas tecnologias em seu conjunto – é meio de produção, instrumento de poder, guerra e ideologia, tornando-se também um conhecimento seletivo, fenômeno cada vez mais crescente nas economias capitalistas dominantes e periféricas, como o Brasil.

É seletivo, então, porque quem carece de bens materiais ou renda suficiente, como também quem não teve acesso a um nível de Educação suficiente que lhe permita o manejo das novas tecnologias; ou o que possui uma Educação carente de valores fundamentais; ou, ainda, o sujeito que está transtornado por interesses mercadológicos pode ter dificuldades para se inserir no mercado de trabalho.

Na sociedade do conhecimento informático dos países prósperos, está se impondo uma nova forma de entender o trabalho humano. Na relação do trabalho à pessoa corresponde a tarefa de planejar, programar e desenhar; o restante é realizado por uma rede – cada vez mais complexa – de processos mecânicos e robotizados. Rompe-se, assim, a relação imediata entre o trabalhador e o resultado de seu esforço. Tal trabalho é muito mais produtivo, economicamente falando, e é capaz de competir em nível mundial. Pelo contrário, nos países da América Latina, o uso de novas tecnologias no processo produtivo, aliado a certas políticas governamentais neoliberais, incrementa as taxas de desemprego e subemprego, e torna mais difícil aos trabalhadores o exercício de suas capacidades, de suas funções e de sua liberdade; a própria realização num emprego digno e o gozo de melhor qualidade de vida.

A menção à Pedagogia da Comunicação costuma remeter de maneira imediata ao uso das modernas tecnologias da comunicação no ensino como algo capaz de transformar a Educação escolar, colocando-a num patamar de modernidade e contemporaneidade.

Ao serem questionados sobre os itens que eles consideram mais importantes na prática docente, os itens mais votados pelos educandos foram o diálogo e a proximidade (97,6% cada). Escuta, ambiência e alegria também foram bem votados, em detrimento de outros termos, como, por exemplo, amizade e humanismo, o menos considerado pelos educandos. (GRÁFICO 3).

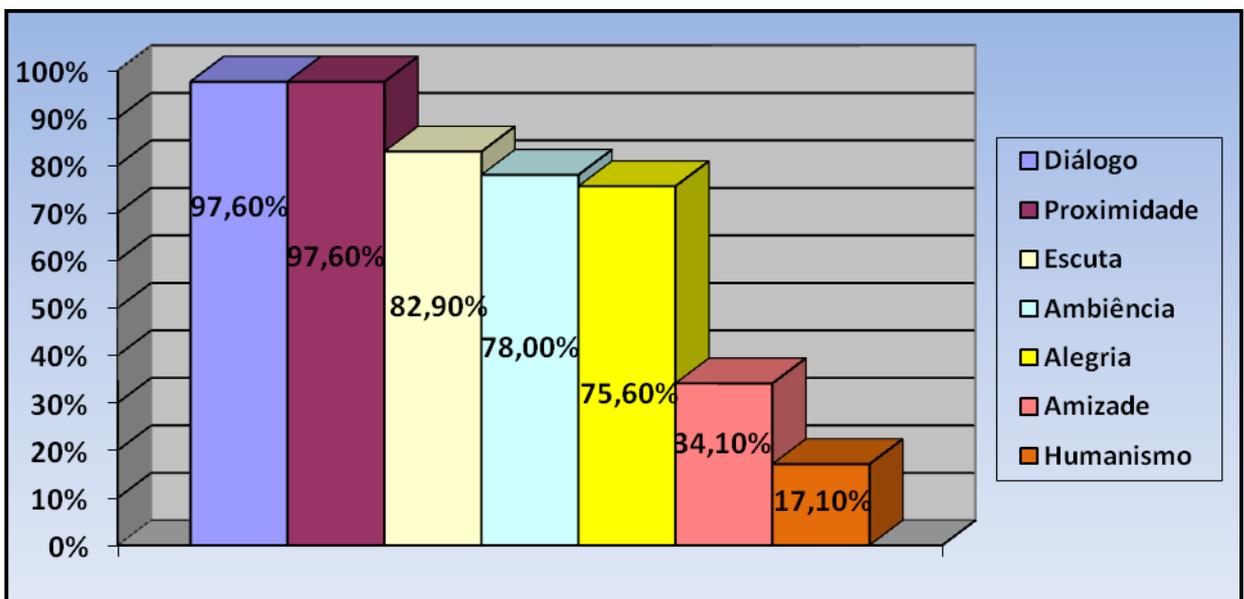


Gráfico 3 – Itens considerados como mais valiosos na prática docente em sala de aula
Fonte: Dados da pesquisa

Já o gráfico 4, demonstra a média ponderada entre os itens considerados como de maior importância na prática docente em sala de aula, sendo o diálogo o que obteve a maior média (4,59), seguido de proximidade (3,0); escuta (2,37); alegria (1,93); ambiência (1,80). Amizade e humanismo salesiano obtiveram as menores médias, com 0,68 e 0,29, respectivamente.

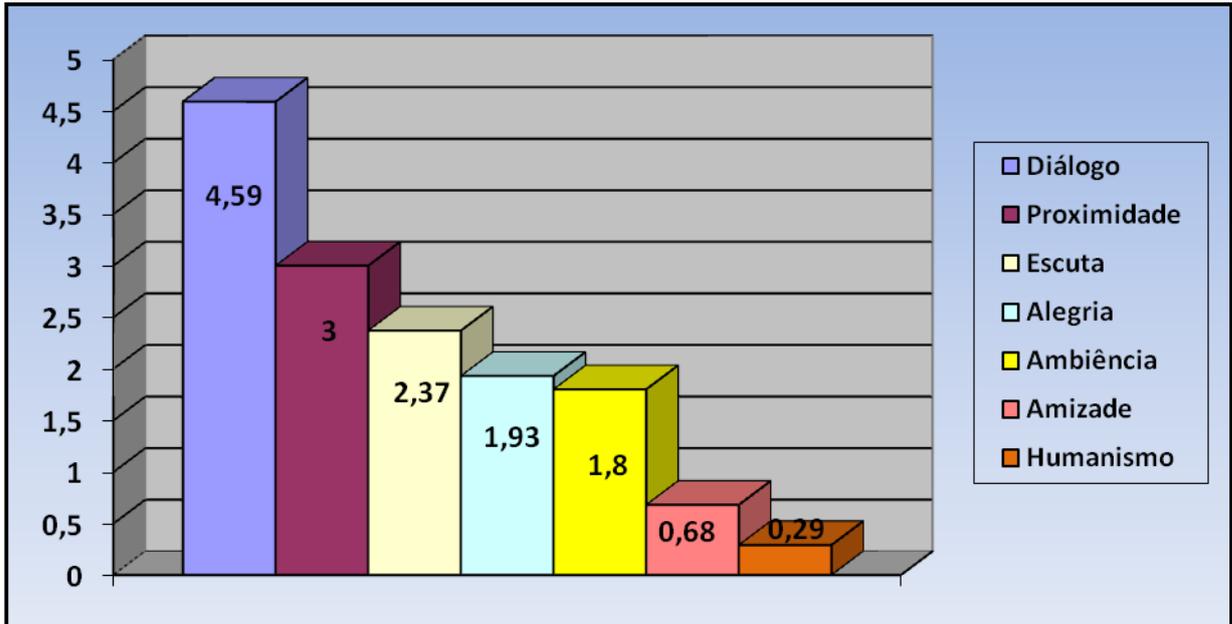


Gráfico 4 – Grau de importância atribuído aos itens considerados valiosos na prática do professor em sala de aula (Média ponderada)

Fonte: Dados da pesquisa

Analisando os gráficos 3 e 4, é possível visualizar o perfil de sala de aula que os educandos almejam enquanto agentes do processo de ensino-aprendizagem: uma sala de aula refletida num espaço de diálogo, de interação, de construção de saberes; uma sala de aula onde o diálogo é um instrumento de trabalho. O educador deixa de ser aquele que ensina um conteúdo já fixado, engessado, pronto, e passa a ser um articulador de propostas, um incentivador, um instigador que, junto aos educadores, sistematiza o conhecimento. O educador próximo de seus educandos cria canais de comunicação e facilita a aprendizagem, sendo possível vislumbrar um espaço sala de aula onde se possa vivenciar valores intrínsecos para que o educando sinta-se valorizado, escutado, amado e, sem dúvida, um espaço de aprendizagem. E mais, o educador poderá ter garantida, com eficácia, de qualquer proposta de trabalho.

No gráfico 5, abaixo, os universitários, se expressaram, também, em relação à sua percepção quanto à manifestação de valores institucionais em sala de aula, por parte dos educadores, tais como: qualidade de ensino, valores no campo da ética, valores no campo do afeto e ainda qualidade das instalações e dos recursos tecnológicos. Porém, ainda observando o gráfico, nota-se que 63,5% não percebem esses valores, especificamente, manifestados pelos educadores em suas práticas junto aos educandos, enquanto apenas 34,1% percebem tais valores manifestados pelos educadores. Desses, a maior parte dos educandos (49,2%) consegue perceber a questão da qualidade do ensino refletida nos educadores em sala de aula,

seguindo de valores éticos (28,5%), valores do campo de afeto e qualidade das instalações e dos recursos tecnológicos (21,4% cada).

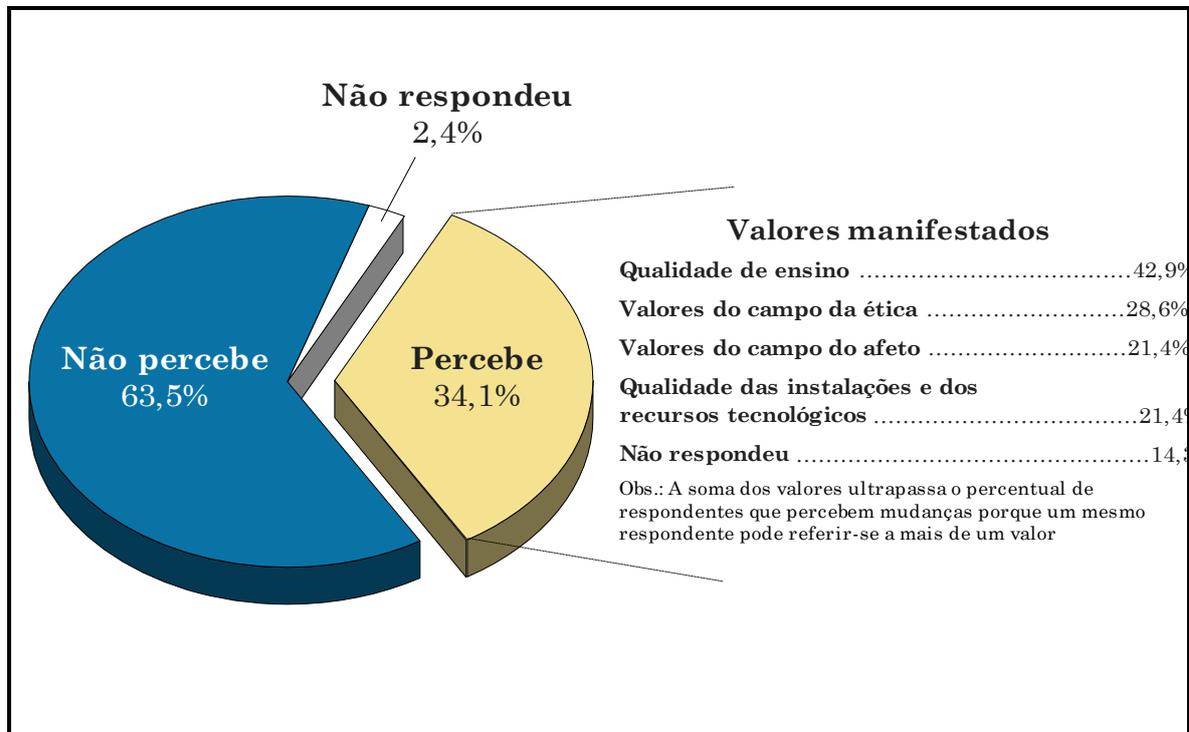


Gráfico 5 – Percepção quanto à manifestação de valores institucionais em sala de aula por parte dos professores
Fonte: Dados da pesquisa

Questionados se os educandos percebem a manifestação dos valores institucionais em sala de aula por parte dos educadores, constata-se, no gráfico, que uma parcela de 63,5% de educandos responde que não percebem a manifestação de valores institucionais em sala de aula, por parte dos educadores. Realidade essa que pode ser um indicador de que há pouco conhecimento dos educandos que frequentam o curso de Comunicação Social, em relação aos objetivos e proposta pedagógica da Instituição da qual fazem parte. Ou, ainda, que tais educadores não assimilaram suficientemente tais valores ao ponto de internalizá-los e deixá-los transparecer em sua prática de sala de aula. Por outro lado, sabe-se o quanto é difícil adquirir essa competência, pois é do conhecimento de todos que as Novas Tecnologias modificam significativamente o papel do educador no processo de aprendizagem e as pesquisas disponíveis não indicam caminhos claros para enfrentar o desafio da formação e do desempenho docente nesse contexto.

Hoje a tecnologia coloca o mundo à disposição de crianças, jovens e adultos, fornecendo fontes de informação, ideias, ligações e recursos fantásticos e sem precedentes.

Como tal, pode significar facilidade de acesso a um manancial de recursos que são cruciais à sua Educação e ao seu desenvolvimento, além de, ainda, poder também significar toda uma série de novos riscos, perigos e ameaças que poderão não ser do conhecimento de famílias, escolas e comunidades ou com os quais estas podem não saber como lidar. Assim, se usadas de forma irresponsável e não segura, as novas tecnologias de informação e comunicação podem gerar mais problemas do que benefícios.

Porém, não se pode negar que a informática, de forma mais ou menos agressiva, tem intensificado a sua presença no cotidiano da sociedade. Gradualmente, o computador vai tornando-se um aparelho corriqueiro no meio social. Paulatinamente, todas as áreas vão fazendo uso deste instrumento e, fatalmente, todos terão de aprender a conviver com essas máquinas na vida pessoal, assim como também na vida profissional.

Na Educação, portanto, não seria diferente. A manipulação dos computadores, tratamento, armazenamento e processamento dos dados estão relacionados com a ideia de informática. O termo informática vem da aglutinação dos vocábulos informação + automática. Buscando um sentido léxico, pode-se dizer que Informática é: “conjunto de conhecimentos e técnicas ligadas ao tratamento racional e automático de informação (armazenamento, análise, organização e transmissão), o qual se encontra associado à utilização de computadores e respectivos programas.” (LUFT, 2006, p.365).

Almeida (2000, p.79) refere-se ao computador como “uma máquina que possibilita testar ideias ou hipóteses, que levam à criação de um mundo abstrato e simbólico, ao mesmo tempo em que permite introduzir diferentes formas de atuação e interação entre as pessoas.” Sendo, por conseguinte, um equipamento que assume cada vez mais diversas funções. Como ferramenta de trabalho, contribui de forma significativa para uma elevação da produtividade, diminuição de custos e uma otimização da qualidade dos produtos e serviços. Já como ferramenta de entretenimento, as suas possibilidades são quase infinitas.

Através da Internet, é possível ignorar o espaço físico, conhecer e conversar com pessoas sem sair de casa, digitar textos com imagens em movimento (*gifs*), inserir sons, ver fotos, desenhos, ao mesmo tempo em que se pode ouvir música, assistir a vídeos, fazer compras, estreitar relacionamentos em comunidades virtuais, participar de bate-papos (*chats*), consultar o extrato bancário, pagar contas, ler as últimas notícias em tempo real, enfim, trabalho e lazer se confundem no *ciberespaço*.

Na sociedade da informação, é preciso reaprender a conhecer, a comunicar, a integrar o humano e o tecnológico; a integrar o individual, o grupal e o social. Vive-se hoje um momento singular de transformações na sociedade, pois as tecnologias da comunicação e da informação permeiam cada vez mais todos os ramos de atividade humana, levando a informação a adquirir status de bem de consumo.

O gráfico 6, a seguir, mostra a opinião dos estudantes quanto à contribuição do uso das NTICs na melhoria das relações interpessoais em sala de aula. O que se vê demonstrado é que os educandos afirmam, em grande número, que as NTICs contribuem para a melhoria das relações interpessoais em sala de aula, contribuindo para uma sala de aula de qualidade, tratando-se das relações interpessoais: educandos/educadores.

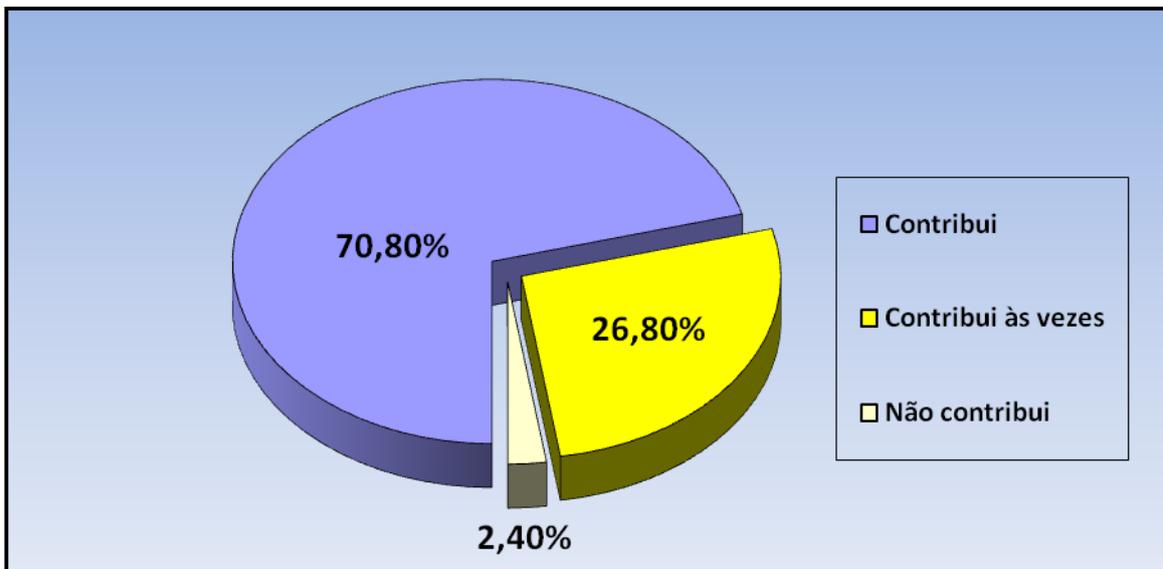


Gráfico 6 – Contribuição das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação na melhoria das relações interpessoais em sala de aula

Fonte: Dados da pesquisa

É preciso lembrar que as novas tecnologias comunicacionais são apenas e tão somente prolongamentos refinados, recursos sofisticados, aptos a potencializar a capacidade comunicacional inerente ao ser humano, que o caracteriza como animal social por excelência e produtor de cultura.

Portanto, será tão somente na vivência de uma didática que exercite a capacidade comunicacional humana e pratique a Educação como um processo específico de comunicação que as tecnologias comunicacionais ganharão a possibilidade de exercer o seu poder

transformador, rumo a uma Educação formadora, reveladora, suporte para o exercício pleno da verdadeira cidadania.

Cumpra, portanto aos docentes, a possibilidade de criar esse contexto educacional/comunicacional propício ao uso transformador das tecnologias comunicacionais no ensino. Tal tarefa traduz-se em condutas docentes específicas, tais como: competência tecnológica, competência pedagógica, habilidade relacional e para o uso das mídias, abertura e inserção às propostas da instituição, a se realizarem em cada uma das etapas decisórias do processo ensino-aprendizagem. Trata-se de transformar o momento solitário, arbitrário, formal e muito frequentemente ineficaz do planejamento organizado em moldes tecnicistas, formais, burocráticos, em um processo vivo de partilha e de corresponsabilidade de educador/educando, experienciado ao longo do processo.

Na Educação, o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão de totalidade. Educar é ajudar a integrar todas as dimensões da vida, a encontrar o caminho intelectual, emocional, profissional, que realize a pessoa e que contribua para modificar a sociedade em que se está inserida. A construção do conhecimento, a partir do processamento multimídico, é mais “livre”, menos rígida, com conexões mais abertas, que passam pelo sensorial, pelo emocional e pela organização racional.

Tais mudanças desse teor requerem do profissional conhecimento das novas formas de atuação compatíveis com o agir comunicacional. Mas, antes de tudo, requerem uma disponibilidade pessoal para se rever em relação ao outro, junto ao qual tem de responder pelo seu desempenho. O olhar do educador e a forma como ele se posiciona no trabalho em sala de aula, ao utilizar as novas tecnologias educacionais, definem como essas inovações alteram seu cotidiano escolar ou não.

Inovação, portanto, não significa apenas inserção de novos materiais ou equipamentos introduzidos em sala de aula. Apenas a criação de salas de informática na escola por si só não representa uma inovação. Hernandez (2000) confirma essas ideias ao dizer que, nas escolas, sob a denominação de inovação, se incluem, não só as mudanças curriculares, mas também a introdução de novos processos de ensino e aprendizagem, de produtos, materiais, ideias e, inclusive, pessoas, para que a aprendizagem aconteça e haja inserção de novos processos de apropriação do conhecimento.

A inovação no trabalho do educador pode ser constatada, não pelo uso puro e simples do computador em seu cotidiano, mas a partir do momento em que esses equipamentos alteram, de forma significativa, o olhar do educador diante do seu trabalho, suas concepções de Educação, seus modelos de ensino-aprendizagem se transformam. O computador permite criar ambientes de aprendizagem que fazem surgir novas formas de pensar e aprender.

Além disso, na realidade, a concepção do todo leva à concepção de rede, de teia, de interconectividade e de interrelações entre os sistemas vivos. Portanto, “não há prática pedagógica isolada em uma disciplina e sim, deve haver uma ação docente com uma visão do todo, com a responsabilidade e a preocupação de provocar interações e relações dos educandos consigo mesmos, com os semelhantes, com sua comunidade, com a sociedade e com o planeta” (MORAES, 1997, p.93). O processo de interconexão depende, portanto, da visão de que há um todo unificado e inseparável, uma complexa teia de relações na qual todos os fenômenos são determinados por suas conexões com a totalidade, em que a percepção da interrelação, da interdependência e da compreensão da existência de conexões ajuda a compreender o significado do contexto.

Educadores e educandos interagindo e focados num mesmo ponto certamente serão mais recompensados e usarão de estratégias comuns na construção de saberes também múltiplos. O fato de uma porcentagem de 70,8% dos educandos assinalarem que as NTICs contribuem para uma melhor relação interpessoal em sala de aula garante que foi criado um ambiente de aprendizagem recíproco e plural. A sala de aula vai além do espaço físico e passa a ser um espaço de troca, um ambiente de amizade e de construção coletiva. O educador é uma peça de fundamental importância nesse processo de construção do saber mediado pela relação entre educandos e educandos, educandos e educadores. Como o gráfico demonstra, haverá sempre uma porção de educandos que não conseguirão fazer o mesmo processo. No gráfico são aqueles que somam o número de 26,8%. Isso se deve também ao fato da grande diversidade de pessoas que há no grupo e nem sempre a informação consegue chegar a todos do mesmo modo, sendo que as respostas às questões, como consequência disso, são também diversificadas. Entre os alunos pesquisados, um pequeno número de 2,4% não responde às propostas feitas.

No gráfico 7, por sua vez, os universitários opinam sobre a contribuição das NTICs no aprendizado. Nesse sentido, sabe-se que a Educação é um mecanismo poderoso de articulação das relações entre poder, conhecimento e tecnologias. Desde pequena, a criança é educada em um determinado meio cultural familiar, onde adquire conhecimento, hábitos, atitudes,

habilidades e valores que definem a sua identidade social. A forma como expressa oralmente, como se alimenta e se veste, como se comporta dentro e fora de casa são resultados do poder educacional da família e do meio em que vive. Da mesma forma, a escola também exerce o seu poder em relação aos conhecimentos e ao uso das tecnologias que farão a mediação entre educadores, educandos e os conteúdos a serem aprendidos.

Pode-se perceber, a partir dos dados do gráfico 7, portanto, o número de 97,6% representativo de educandos que entendem que as NTICs contribuem eficazmente na aprendizagem⁵, sendo possível inferir que a maioria dos educandos está bem integrada e participativa no processo de aprendizagem. Nesse questionamento feito aos educandos, percebe-se que há interação, conexão e respostas. Assim, é possível afirmar que os educandos referentes aos 2,4% que não responderam à solicitação sejam os mesmos do gráfico anterior. (GRÁFICO 7).

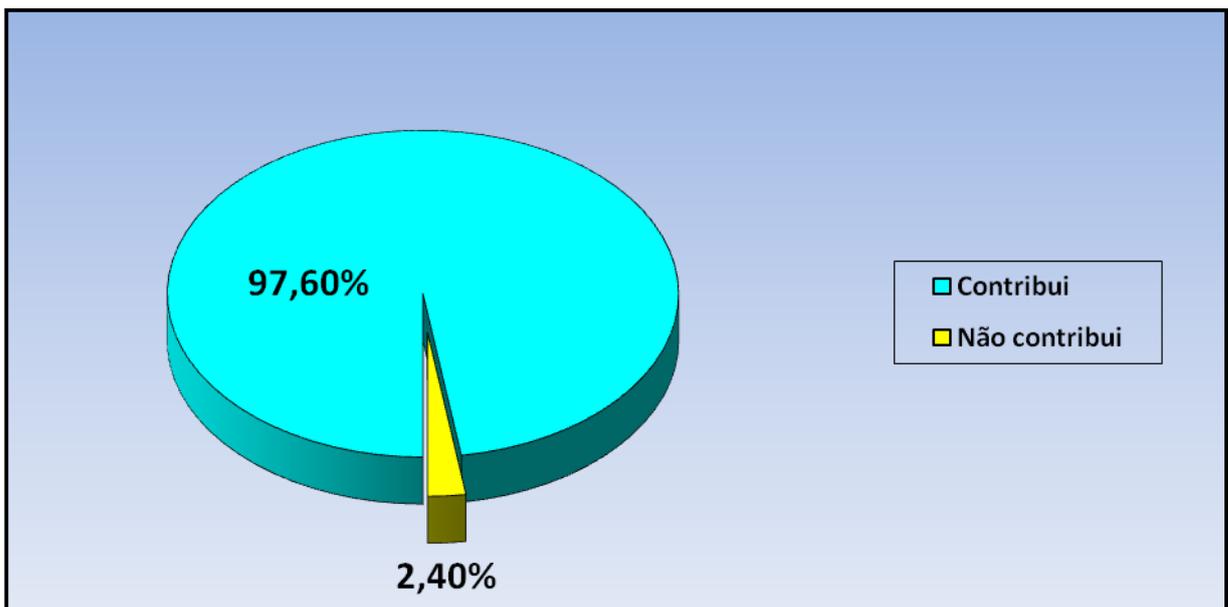


Gráfico 7 – Contribuição das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação ao aprendizado

Fonte: Dados da pesquisa

⁵ Deve-se chamar a atenção, diante desse dado obtido por meio da pesquisa, de que o fato de nos primeiros gráficos os alunos darem menor importância à questão tecnológica, isso se deu, provavelmente, por, naquele momento, serem questionados sobre a ligação das NTICs aos docentes. Além disso, no momento em que foi feita a pesquisa, deve-se deixar claro que o Curso de Comunicação Social passava por modificações, e seus professores, sem o aparato tecnológico necessário à ampliação da utilização desses recursos em sala de aula. Apesar de naquele momento esse dado ter obtido poucos votos, porém, aqui ele se mostra como praticamente unânime, indicando a grande importância de todo o aparato tecnológico (e aí contando com a preparação de educadores e educandos para sua utilização tendo como visão o cunho educacional de toda a tecnologia hoje ofertada ao curso)

Em um mundo em constante mudança, a Educação escolar tem de ser mais do que mera assimilação certificada de conhecimentos, muito mais do que preparar consumidores ou preparar pessoas que utilizam de modo eficaz as tecnologias de informação e comunicação. A escola precisa assumir o papel de formar cidadãos autênticos e solidários para a complexidade do mundo e dos desafios que ele propõe, preparando cidadãos conscientes para analisar criticamente o excesso de informações e as consequentes mudanças proporcionadas por essa enorme diversidade de hipertextos e informações ofertadas, a fim de lidar com as inovações e as transformações sucessivas dos conhecimentos em todas as áreas, formando pessoas flexíveis o suficiente para incorporar novos e diferenciados perfis profissionais; que tenham consciência da velocidade das mudanças e do tempo curto de existência de profissões novas e promissoras. Pessoas que possam reconhecer a fragilidade das conquistas sociais para que a partir da própria experiência de uma pessoa inserida em uma sociedade crescentemente saturada de informações, assim como as exigências de uma individuação realizada em contextos de opções crescentes, passam a ser capazes de possuir uma maior flexibilidade, não só das pessoas em seu fazer cotidiano, mas na sociedade em seu conjunto. A escola precisa, enfim, garantir aos educandos a formação e a aquisição de novas habilidades, atitudes e valores, para que possam viver e conviver em uma sociedade em permanente processo de transformação.

A ação docente mediada pelas tecnologias é uma ação partilhada. Já não depende apenas de um único educador, isolado em sua sala de aula, mas das interações que forem possíveis para o desenvolvimento das situações de ensino. Educandos, educadores e tecnologias interagindo com o mesmo objetivo geram um movimento revolucionário de descobertas e aprendizagens.

Portanto, na ação do educador, na sala de aula e o uso que ele faz dos suportes tecnológicos que se encontram à sua disposição, são definidas as relações entre o conhecimento a ser ensinado, o poder do educador e a forma de exploração das tecnologias disponíveis para garantir melhor aprendizagem aos alunos.

O desenvolvimento tecnológico de cada época da civilização marcou a cultura e a forma de compreender a sua história. Todas as descobertas servem para o crescimento e o desenvolvimento do acervo cultural da espécie humana. As diferentes etapas da evolução social resultam de muitas variáveis independentes, mas, na maioria das vezes, decorrem do descobrimento e da aplicação de novos conhecimentos e técnicas de trabalho e produção.

As tecnologias invadem vidas, ampliam a memória, garantem novas possibilidades de bem-estar e fragilizam, em certo modo, as capacidades naturais do ser humano. Somos muito diferentes dos nossos antepassados e nos acostumamos com alguns confortos tecnológicos – água encanada, energia elétrica, fogão, telefone sem fio – que nem podemos imaginar como seria viver sem eles.

Além disso, a evolução tecnológica não se restringe apenas aos novos usos de determinados equipamentos e produtos. Ela altera comportamentos. A ampliação e a banalização do uso de determinada tecnologia impõem-se à cultura existente e transformam não apenas o comportamento individual, mas o de todo o grupo social.

Na atualidade, o surgimento de um novo tipo de sociedade tecnológica é determinado principalmente pelos avanços das tecnologias digitais de comunicação e informação e pela microeletrônica. Essas novas tecnologias quando disseminadas socialmente, alteram as qualificações profissionais e a maneira de como as pessoas vivem cotidianamente, trabalham, informam-se e se comunicam com outras pessoas e com todo o mundo.

Assim, torna-se importante frisar que a qualidade da Educação implica a centralidade do aprendente e uma formação de educadores atualizada que torne possível a valorização dos saberes do educando e a apropriação crítica das tecnologias de informação e comunicação disponíveis na sociedade.

A representação dos universitários no gráfico 7 indica o grande contributo das NTICs no aprendizado. Evidência essa que confirma que a proposta pedagógica da Instituição está de acordo com a realidade moderna no que se refere ao campo avançado da tecnologia.

O ato de aprender é um processo contínuo que se dá de diferentes formas. A partir da própria experiência, com parceiros mais experientes, ao sentir, relacionar-se, experimentar, refletir, estabelecer vínculos, interagir com os outros e com o mundo, no diálogo, ao divergir ou convergir, pela necessidade ou pelo interesse em alcançar determinado objetivo, pelo hábito, pela repetição, pela motivação, pelo prazer, quando é desafiado, concatena o que é sensorial, racional, emocional, pessoal, ético e o social, de forma que estejam equilibrados. Aprende-se quando se observa que as informações, antes desconexas, dispersas, integram-se ao contexto e passam a ter sentido num movimento permanente de (re) significações.

O conhecimento não é fragmentado, mas interdependente, interligado, intersensorial. Conhecer significa compreender todas as dimensões da realidade, captar e expressar essa totalidade de forma cada vez mais ampla e integral. Conhece-se mais e melhor conectando,

juntando, relacionando, acessando o nosso objeto de todos os pontos de vista, por todos os caminhos, integrando-os. Nesse sentido, para Moran (1998):

A construção do conhecimento, a partir do processamento multimídico, é mais “livre”, menos rígida, com conexões mais abertas, que passam pelo sensorial, pelo emocional e pela organização do racional, pela organização provisória, que se modifica com facilidade, que cria convergências e divergências instantâneas, que precisa de processamento múltiplo instantâneo e de resposta imediata (MORAN, 1998, p.148-152).

No gráfico 8, abaixo, tem-se o resultado do questionamento feito aos alunos: Qual o benefício na utilização de NTICs no cotidiano escolar?, sendo possível perceber que o uso das NTICs trazem grandes benefícios para a aprendizagem tais como: facilita a pesquisa ou a obtenção de informações (45,9%); promove a interação inter e/ou intragrupal (26,8%); torna a aula mais atraente, dinâmica e produtiva (26,8%); favorece o estudo a distância (12,2%); propicia ao educando o uso das novas ferramentas midiáticas (20,0%); amplia horizontes (12,2%) e outros tantos benefícios (9,8%) que poderiam aqui ser elencados. (GRÁFICO 8).

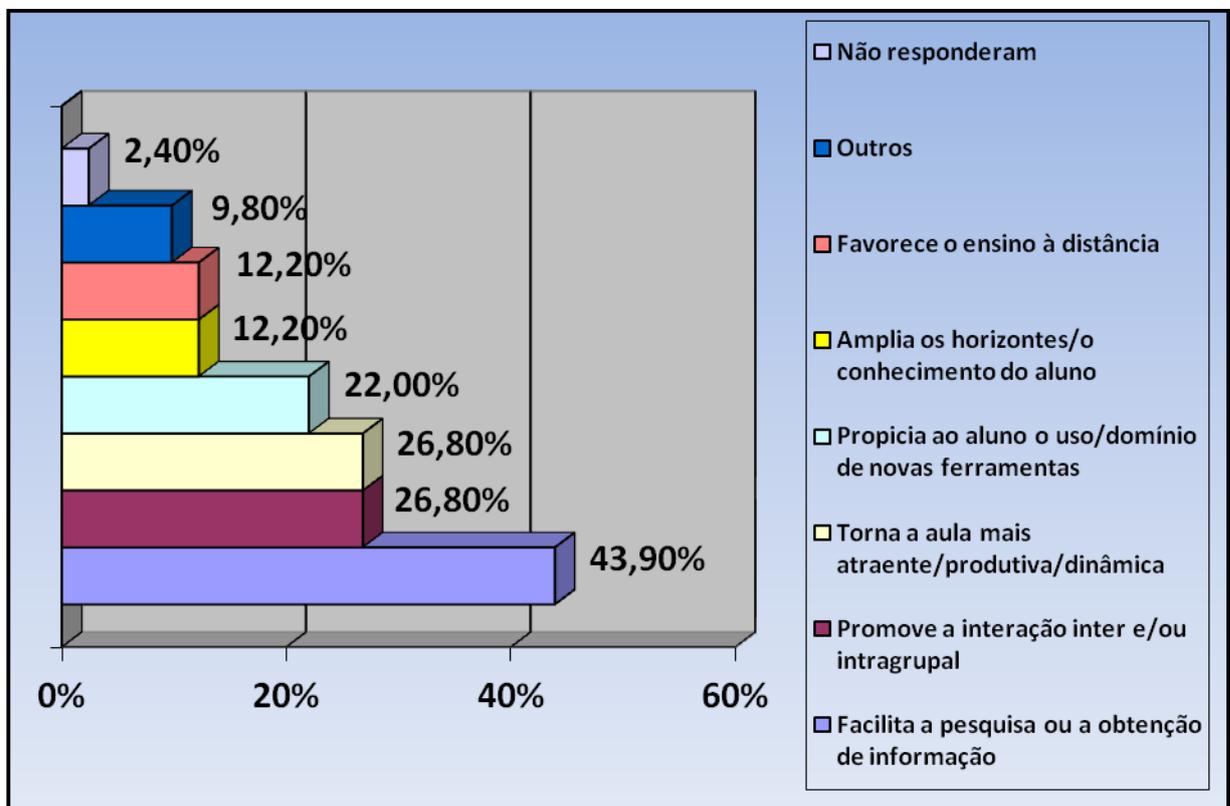


Gráfico 8 – Benefícios decorrentes do uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação
Fonte: Dados da pesquisa

A chegada das tecnologias no ambiente escolar provoca uma mudança de paradigmas. A Informática Educativa oferece uma vastidão de recursos que, se bem aproveitados, dão suporte para o desenvolvimento de diversas atividades com os educandos. Todavia, a escola contemporânea continua muito arraigada ao padrão jesuítico, no qual o educador fala, o educando escuta, o educador manda, o educando obedece. A chegada da era digital coloca a figura do educador como um “mediador” de processos que são, estes sim, capitaneados pelo próprio sujeito aprendiz. Porém, para que isso ocorra de fato, é preciso que o educador não tenha “medo” da possibilidade de autonomia do educando, pois muitos acreditam que com o computador em sala de aula, o educador perde o seu lugar.

Pelo contrário, as máquinas e as mídias nunca substituirão o educador, desde que ele ressignifique seu papel e sua identidade, a partir da utilização das novas abordagens pedagógicas que as tecnologias facilitam. A adoção das NTICs em sala de aula traz para os educandos muitos caminhos a percorrer e, para isso, é preciso a presença do educador, pois é ele quem vai dinamizar todo este novo processo de ensino-aprendizagem por intermédio dessa ferramenta, explorando-a ao máximo com criatividade, conseguindo o intuito maior da Informática Educativa: mudança, dinamização, envolvimento, por parte do educando na aprendizagem. Entre as vantagens potenciais desta modalidade na escola, está o fato de esta, segundo Ferreira (2002):

[...] a) ser ‘sinônimo’ de status social, visto que seu usuário, geralmente crianças e adolescentes, experimentam a inversão da relação de poder do conhecimento que consideram ser propriedade dos pais e professores, quando estes não dominam a Informática; b) possibilitar resposta imediata. O erro pode produzir resultados interessantes; c) não ter o erro como fracasso e, sim, um elemento para exigir reflexão/busca de outro caminho. Além disso, o computador não é um instrumento autônomo, não faz nada sozinho, precisa de comandos para poder funcionar, desenvolvendo o poder de decisão, iniciativa e autonomia; d) favorece a flexibilidade do pensamento; e) estimula o desenvolvimento do raciocínio lógico, pois diante de uma situação-problema é necessário que o aluno analise os dados apresentados, descubra o que deve ser feito, levante hipóteses, estabeleça estratégias, selecione dados para a solução, busque diferentes caminhos para seguir; f) possibilita ainda o desenvolvimento do foco de atenção-concentração; g) favorece a expressão emocional, o prazer com o sucesso e é um espaço onde a criança/jovem pode demonstrar suas frustrações, raiva e projetar suas emoções na escolha de produção de textos ou desenhos. (FERREIRA, 2002, p.29).

Assim, à utilização da Informática Educativa pode se juntar elementos da Educação formal com outros da não formal, beneficiando tanto o aspecto prático dos meios não formais quanto a teoria mais generalizada presente nos meios acadêmicos. Por intermédio de sites na

Internet, por exemplo, pode-se trazer, para dentro da sala de aula, filmes ilustrando a vida de grandes vultos do passado, ou documentários detalhando as etapas no desenvolvimento de seres vivos, dentre outros.

A Internet possibilita um intercâmbio entre localidades distantes, gerando trocas de experiências e contato com pessoas de outros países. Essas “pontes”, que hoje existem entre diferentes mundos, representam um dos poucos acessos para quem não vive perto dos grandes centros urbanos. Somente nas grandes cidades pode-se conviver diretamente com a informação, ou seja, uma fatia minoritária de pessoas tem acesso à universidade, bibliotecas, laboratórios, teatros, cinemas, museus, centros culturais etc. É necessário, deste modo, democratizar nas escolas o acesso ao conhecimento, às tecnologias da informação e da comunicação, seja para a formação continuada dos educadores, seja para o enriquecimento da atividade de educadores e educandos.

A democratização do acesso a esses produtos tecnológicos é, talvez, o maior desafio para esta sociedade, demandando esforços e mudanças nas esferas econômica, política e educacional. Portanto, para que todos possam ter acesso a informações e as utilizem de modo confortável, possibilitado pelas novas tecnologias, é preciso um grande esforço político. Como as tecnologias estão permanentemente em mudança, a aprendizagem contínua é consequência natural do momento social e tecnológico em que se vive, a ponto de a sociedade atual ser denominada por pesquisadores do tema de “sociedade de aprendizagem”. Todavia, a utilização de ferramentas computacionais em sala de aula ainda parece ser um desafio para alguns educadores que se sentem inseguros em conciliar os conteúdos acadêmicos com instrumentos e ambientes multimídia, dos quais ainda não têm pleno domínio.

Certamente, o papel do educador está mudando, seu maior desafio, então, é reaprender a aprender. Compreender que não é mais a única fonte de informação, o transmissor do conhecimento, aquele que ensina, mas aquele que faz aprender, tornando-se um mediador entre o conhecimento e a realidade, um especialista no processo de aprendizagem, em prol de uma Educação que priorize, não apenas o domínio dos conteúdos, mas o desenvolvimento de habilidades, competências, inteligências, atitudes e valores.

A utilização das NTICs no ambiente escolar contribui para a mudança de paradigmas, sobretudo, para o aumento da motivação em aprender, pois as ferramentas de informática exercem um fascínio em nossos educandos. Se a tecnologia for utilizada de forma adequada, terá muito a oferecer e a aprendizagem se tornará mais fácil e prazerosa, pois “a possibilidade

de uso do computador como ferramenta educacional está crescendo e os limites dessa expansão são desconhecidos” (VALENTE, 1993, p.01).

Compete, portanto, ao educador e ao educando explorarem ao máximo todos os recursos que a tecnologia apresenta, de forma a colaborar mais e mais com a aquisição de conhecimento. Ressalta-se, ainda, que o educando é, antes de tudo, o fim, para quem se aplica o desenvolvimento das práticas educativas, levando-o a se inteirar e construir seu conhecimento por intermédio da interatividade com o ambiente de aprendizado.

Assim, é papel da escola democratizar o acesso às mídias, promovendo a inclusão sócio-digital de educandos e da comunidade educativa. É preciso, também, que os dirigentes discutam e compreendam as possibilidades pedagógicas deste valioso recurso. Contudo, é preciso estar consciente de que não é somente a introdução da tecnologia em sala de aula que trará mudanças na aprendizagem dos educandos, pois o computador não pode ser considerado como uma “panacéia” para todos os problemas educacionais.

As ferramentas computacionais, especialmente a Internet, podem ser um recurso rico em possibilidades que contribuam com a melhoria do nível de aprendizagem, desde que haja uma reformulação no currículo, que se criem novos modelos metodológicos, que se repense qual o significado da aprendizagem. Uma aprendizagem na qual haja espaço para que se promova a construção do conhecimento, não como algo que se recebe, mas concebido como relação ou produto da relação entre o sujeito e seu conhecimento, permitindo a ele descobrir, construir e modificar, de forma criativa, inclusive, o seu próprio conhecimento.

O grande desafio da atualidade, portanto, consiste em trazer essa nova realidade para dentro da sala de aula, o que implica em mudar, de maneira significativa, o processo educacional como um todo.

Ao se ter um olhar comparativo para os dois gráficos 8 e 9 (benefícios e riscos decorrentes do uso das NTICs), pode-se perceber que é nas porcentagens computadas entre benefícios e riscos que elas se equiparam. Isso vem confirmar que os educandos questionados são conscientes e esclarecidos no tocante ao uso das novas tecnologias como instrumentos facilitadores da aprendizagem.

Nesse sentido, tem-se o gráfico 9, no qual os sujeitos da pesquisa, no caso os educandos, expõem sobre a sua opinião sobre os riscos decorrentes do uso das NTICs. Segundo esses educandos, o principal risco diz respeito à redução da atenção em relação ao professor, levando à dispersão em relação aos conteúdos ministrados em sala de aula (34,1%).

Em segundo lugar, os alunos colocam que o distanciamento entre eles e o professor (9,8%) é um dos principais riscos. Outros mais votados são itens que se referem a problemas de segurança na rede, como o acesso a fontes não confiáveis de informação (9,8%) e exposição à contaminação por vírus computacionais (4,9%). Além desses, foram elencados, ainda, os seguintes riscos: geração de comodismo ou desinteresse por parte do aluno (7,3%) e outros (12,2%). Houve também alunos que afirmaram não haver nenhum risco no uso das NTICs, perfazendo um total de 22,0%. E 12,2% dos educandos não responderam à questão.

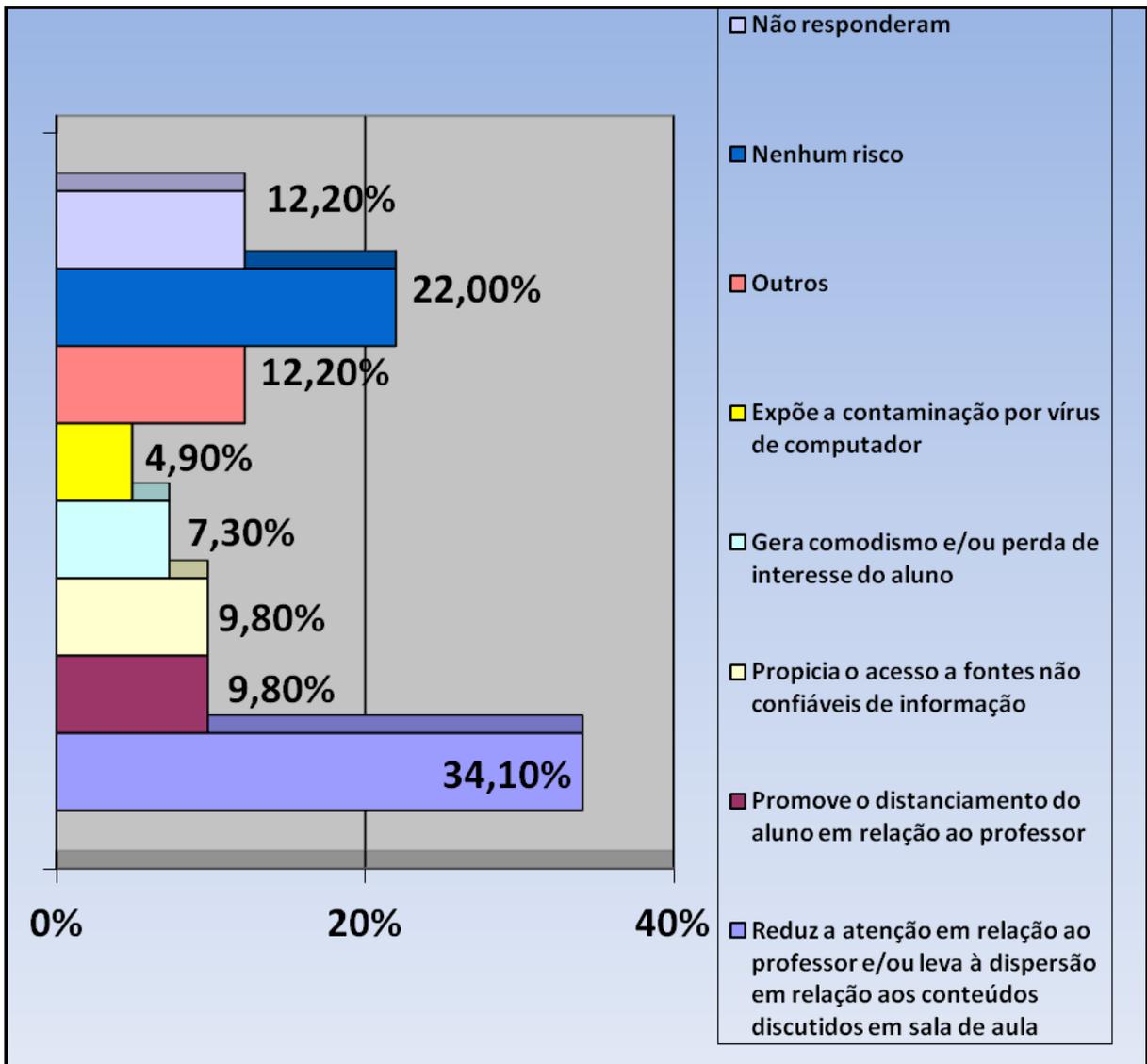


Gráfico 9 – Riscos decorrentes do uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação
 Fonte: Dados da pesquisa

Como bem se sabe, os riscos no uso das NTICs podem ser decorrentes da ignorância referente ao uso das mesmas, levando, como demonstra o gráfico 9, acima, a focar as respostas em pontos tais como: redução de atenção, dispersão em relação ao conteúdo ministrado; distanciamento entre educador e educando; pouco preparo para o uso correto das fontes de informação; comodismo ou perdas de interesse nas buscas e pesquisas, entre outros.

Riscos aos quais todos estão sujeitos, se não há maturidade para o uso da ferramenta. Nesse gráfico, ainda, nota-se um número maior de educandos que se manifestaram ignorando qualquer tipo de risco e outros que não responderam.

A esse respeito, comenta Valente (2003, p.6): “Isto tem contribuído para tornar esta modalidade de utilização do computador extremamente nebulosa, facilitando sua utilização como chamarisco mercadológico.” Certamente esse não é o enfoque da Informática Educativa e, por conseguinte, não é a maneira como a tecnologia deve ser usada no ambiente escolar. Especificamente sobre a informática educativa, afirma Borges Neto (1999) que:

A Informática Educativa se caracteriza pelo uso da informática como suporte ao professor, como um instrumento a mais em sua sala de aula, no qual o professor possa utilizar esses recursos colocados a sua disposição. Nesse nível, o computador é explorado pelo professor especialista em sua potencialidade e capacidade, tornando possível simular, praticar ou vivenciar situações, podendo até sugerir conjecturas abstratas, fundamentais à compreensão de um conhecimento ou modelo de conhecimento que se está construindo. (BORGES, 1999, p.136).

Assim, o autor, ao analisar o fenômeno brasileiro de informatização escolar, percebeu que a falta de planejamento é a tônica reinante, já que este processo ocorre de forma segmentada, descontextualizada e nuclear, ou seja, adapta-se uma sala para receber os computadores, contrata-se um especialista (geralmente indicado por um órgão desvinculado da prática educativa), faz-se um marketing junto à comunidade escolar, e, enfim, reordena-se a grade curricular para acomodar as aulas de informática.

Segundo Valente (1993, p.01) “para a implantação dos recursos tecnológicos de forma eficaz na Educação são necessários quatro ingredientes básicos: o computador, o *software* educativo, o educador capacitado para usar o computador como meio educacional e o educando”, sendo que nenhum se sobressai ao outro. O autor acentua que, “o computador não é mais o instrumento que ensina o aprendiz, mas a ferramenta com a qual o aluno desenvolve algo e, portanto, o aprendizado ocorre pelo fato de estar executando uma tarefa por intermédio do computador” (VALENTE, 1993, p.13).

Quando o próprio aluno cria, faz, age sobre o *software*, decidindo o que melhor solucionaria seu problema, torna-se um sujeito ativo de sua aprendizagem. O computador, ao ser manipulado pelo indivíduo, permite a construção e reconstrução do conhecimento, tornando a aprendizagem uma descoberta. Quando a informática é utilizada a serviço da Educação emancipadora, o educando ganha em qualidade de ensino e aprendizagem. De acordo com Valente (1993):

A mudança da função do computador como meio educacional acontece juntamente com um questionamento da função da escola e do papel do professor. A verdadeira função do aparato educacional não deve ser a de ensinar, mas sim a de criar condições de aprendizagem. Isso significa que o professor precisa deixar de ser o repassador de conhecimento – o computador pode fazer isso e o faz tão eficiente quanto professor – e passar a ser o criador de ambientes de aprendizagem e o facilitador do processo de desenvolvimento intelectual do aluno. (VALENTE, 1993, p. 06).

Portanto, embora seja um instrumento fabuloso devido à sua grande capacidade de armazenamento de dados e à facilidade na sua manipulação, porém, não se pode esquecer que este equipamento não foi desenvolvido com fins pedagógicos, e, por isso, é importante que se lance sobre o mesmo um olhar crítico e se busque, face às teorias e práticas pedagógicas, o bom uso desse recurso. O mesmo só será uma excelente ferramenta se houver a consciência de que possibilitará mais rapidamente o acesso ao conhecimento e não, somente, utilizado como uma máquina de escrever, de entretenimento, de armazenagem de dados. Urge usá-lo como tecnologia a favor de uma Educação mais dinâmica, como auxiliadora de educadores e educandos, para uma aprendizagem mais consistente, não perdendo de vista que as tecnologias de comunicação e informação devem ter um uso adequado e significativo.

Valente (1993, p.16) ainda esclarece que “na Educação de forma geral, a informática tem sido utilizada tanto para ensinar sobre computação, o chamado *computer literacy*, como para ensinar praticamente qualquer assunto por intermédio do computador”. Assim, diversas escolas têm introduzido em seu currículo escolar o ensino da informática com o pretexto da modernidade.

O perigo, porém, reside no fato de, ao invés de aprender a utilizar este novo aparato tecnológico em prol de aprendizagem significativa e do acesso universal ao conhecimento, caírem no uso da mais nova tecnologia computacional, em aulas descontextualizadas, sem nenhum vínculo com as demais disciplinas e sem nenhuma concepção pedagógica que possa desvirtuar a verdadeira função social da escola, pois impossibilitam a construção do conhecimento e a troca de saberes.

“Em um contexto de avançadas tecnologias de informação, portanto, não é possível estudar a cultura fora da comunicação”. A afirmação do pesquisador Guillermo Orozco (OROZCO, 2002, p.10), que tem se dedicado aos estudos de recepção na América Latina, dá uma pequena amostra da capilaridade da Sociedade da Informação hoje marcada pelo desenvolvimento constante de novas tecnologias e, em consequência, por uma crise na Educação e na comunicação; daí a necessidade de uma realfabetização e da criação de estratégias educativas inovadoras para integrar essas novas tecnologias às salas de aula.

Diante do exposto, é possível constatar nas demonstrações dos gráficos, que o uso das NTICs são favoráveis à aquisição de novos conhecimentos e na metodologia usada em sala de aula está expressa a intenção de gerar cidadãos novos para atuarem na sociedade do nosso tempo.

3.2. Da parte dos educadores

O avanço científico-tecnológico passou a ser a principal referência para definir tanto o que será necessário ensinar e aprender no futuro como que tipo de instituições, trabalho pedagógico e tecnologia os novos saberes serão encarregados de transmitir. Mas que novos tipos de capacidades, competências e conhecimentos o trabalho exigirá nas próximas décadas? Pensando nesse questionamento, além de tantos outros possibilitados pelo tema em discussão, foi feito um questionário também para os docentes do curso de Comunicação Social da Instituição Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora, procurando verificar a forma de utilização das NTICs no seu cotidiano escolar refletida por meio de suas práticas em sala de aula.

Para Brunner (2003):

Não se deve cometer o erro de imaginar que a mudança educacional será guiada pelas novas tecnologias da informação e da comunicação, por mais poderosas que essas sejam. A Educação é muito mais que seus suportes tecnológicos: encarnar um princípio formativo é uma tarefa social e cultural quer sejam quais forem as transformações que experimente, continuará dependendo, antes de tudo, de seus componentes humanos, de seus ideais e valores. A história nos ensina que as tecnologias da palavra são cumulativas e não substitutivas, e que dependem dos fins sociais e não o contrário... Por último, não cabe postular que a revolução educacional chegará a nossas cidades independentemente do que façam seus agentes sociais. Em épocas de globalização, a ameaça não é ficarmos para trás, é ficarmos excluídos. (BRUNNER, 2003, p.77).

No gráfico 10 é possível perceber que uma parcela de 54,5% dos educadores envolvidos neste trabalho confirma a existência de convergência total entre as coordenadas do Sistema Preventivo de Dom Bosco com a proposta educativa da Instituição⁶. Assim, ao serem questionados sobre a existência ou não de pontos de convergência com a proposta educativa e a sua realidade em sala de aula, os educadores que afirmaram que isso acontece perfizeram um total de 72,7%, sendo que desses, 54,5% disseram que isso acontece totalmente e quase sempre (18,2%). 27,3% dos educadores, por sua vez, colocaram não haver essa convergência. O ponto favorável a ser destacado nesse item diz respeito à garantia de uma inserção expressiva dos docentes na proposta pedagógica da Instituição ao mesmo tempo que é preciso lançar um olhar mais cuidadoso sobre os 27,3% dos docentes que afirmam que não há convergência com a proposta educativa da Instituição.

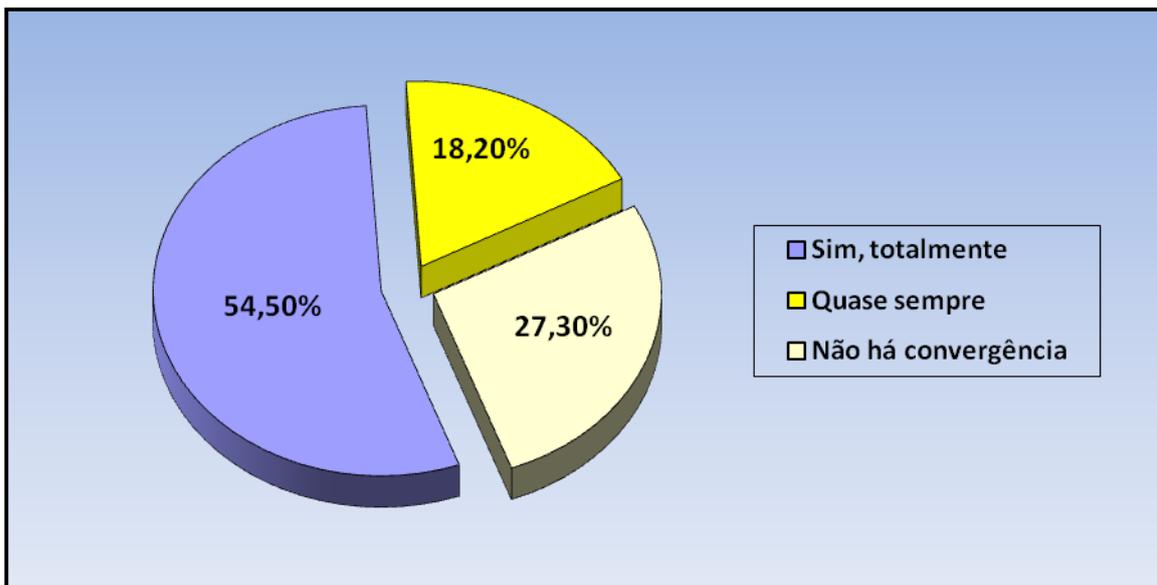


Gráfico 10 – Existência de pontos de convergência com a proposta educativa da Instituição
Fonte: Dados da pesquisa

Os possíveis motivos da divergência entre a resposta dos educadores e a proposta educativa da Instituição podem estar no desconhecimento, na pouca inserção e participação dos mesmos em reuniões pedagógicas, fato este que leva a um questionamento quanto aos

⁶ O sistema preventivo de Dom Bosco trata-se de um sistema educativo que tem, como base fundadora, o tripé: razão, religião e amorevolezza (amor, carinho, afeto), ou seja, é um sistema que faz com que o educando tenha, na presença do educador, a referência para a construção de ambiente carregado de valores que funcionam como prevenção e cuidado com o educando.

critérios de aceitação de docentes e o acompanhamento dos mesmos em suas práticas docentes por parte da Instituição.

É preciso, ainda, considerar que a Educação não é simples tarefa entre outras, mas o caminho privilegiado para construir um mundo melhor. Se isso for compreendido e interiorizado pelo coração do educador, ele terá descoberto a fonte de onde brota o sentido da sua vida e da sua missão educativa.

O mundo atual desafia os educadores de duas maneiras: na primeira o educador deve reinventar a escola, no sentido de ação educativa e na segunda, reinventar a si mesmo como educador. Desta maneira, a prática docente deve ser repensada, para que possa atender a todas as transformações que atingem a escola, suas concepções e suas formas de construção do saber, pois a exigência do mundo moderno tem, a cada dia, se tornado mais forte e intensa. Pode-se, então afirmar que a participação dos educadores é de fundamental importância na consolidação de mudanças que tragam uma melhoria da qualidade de ensino.

Assim, hoje a necessidade de um novo perfil de educador se torna cada dia mais necessário, já que, na sociedade contemporânea, as transformações no mundo, sejam nos avanços tecnológicos, nos meios da informação e comunicação, e nas relações exercem uma força na sociedade, exigindo delas um posicionamento e a busca de um novo perfil frente aos desafios no que tem sido chamado de pós-modernidade.

Já no gráfico 11 esses pontos foram evidenciados: Preocupação com a qualidade acadêmica, 'Amorevolezza' aplicada ao processo pedagógico, estímulo à reflexão autônoma e formação cidadã. O principal ponto de convergência, segundo esses educadores, sujeitos dessa pesquisa é: preocupação com a qualidade acadêmica (45,4%); amorevolezza (27,3%); estímulo à reflexão autônoma (18,2%). Apenas 9,1% dos educadores responderam ser a formação cidadã o ponto mais evidenciado da convergência com a proposta educativa.

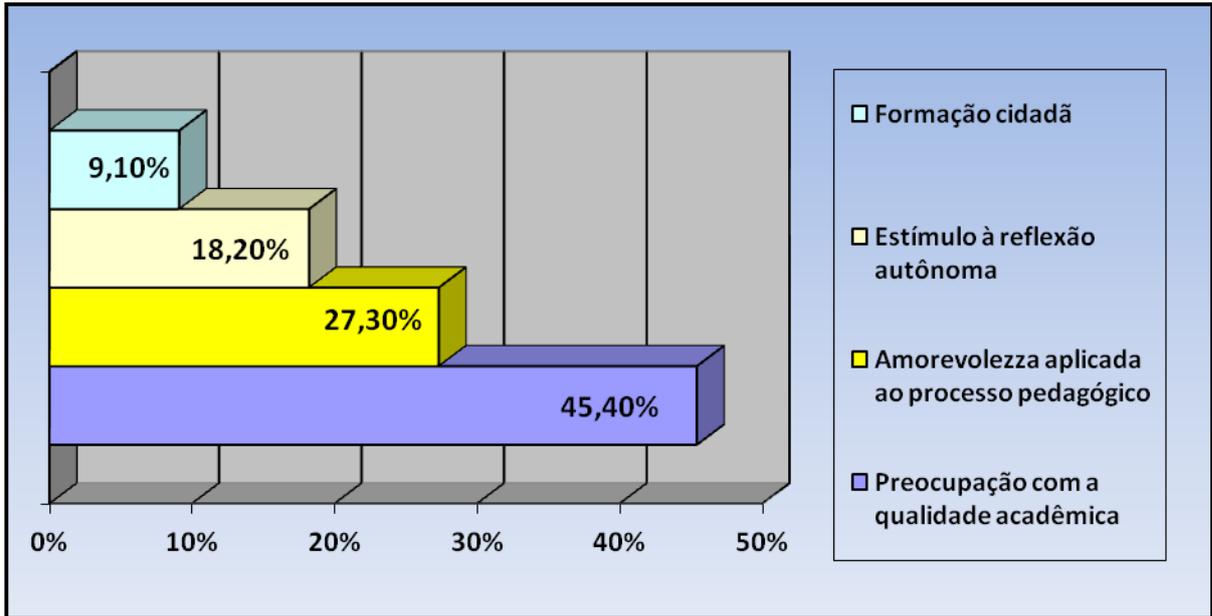


Gráfico 11 – Pontos de convergência com a proposta educativa da Instituição

Fonte: Dados da pesquisa

Em decorrência disso, a atividade docente vem se modificando para atender a essas transformações que atingem diretamente a instituição escolar, suas concepções, suas formas de construção do saber, pois há uma mudança de paradigma que exige um novo modelo de Educação, e um novo perfil de educador, que possa estar a serviço de uma escolarização de qualidade e atenda, efetivamente, com eficiência a todos os destinatários da Educação.

Deve-se também repensar a prática docente para fazer frente aos novos desafios. A arte da docência constitui um campo específico de intervenção profissional na prática social. Assim, o desenvolvimento profissional dos educadores tem se constituído em objetivo de políticas que valorizam a sua formação não mais baseada na racionalidade técnica, muito difundida na década de 70, que os considerava como meros executores de decisões alheias, mas numa perspectiva que considera sua capacidade de decidir, seu protagonismo, sua ação compromissada ao desempenhar seu ofício. O educador é o agente que desenvolve a práxis educativa como enunciada em Paulo Freire. “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. (Freire, 1981, p.79).

Ou seja, isso significa que dentro do processo de conscientização ninguém aprende sozinho, mas sim em comunhão. Esse deve ser o trabalho do educador: estar junto à

sociedade, sentir aquilo que ela precisa, buscar novas direções educativas para aquela realidade, tornando-se, assim, um agente de transformação.

Portanto, a participação dos educadores é de fundamental importância na consolidação de mudanças que tragam efetivamente uma melhoria da qualidade de ensino em nosso país. Sem ela, seu consentimento, seus saberes, seus valores, suas análises na definição de ensinar, de organizar e de gerir escolas, de propor mudanças nas formas de ensinar, de definir projetos educacionais e formas de trabalho pedagógico, quaisquer diretrizes, por melhores que sejam suas intenções, não se consolidam, não se efetivam. “Sem o aval dos educadores, mudanças não se realizam”. Por isso, “não é qualquer um que pode ser educador e não é qualquer educador que consegue fazer frente a esses desafios, pois é preciso que ele exerça sua função com dignidade”, que não se esgota na formação inicial, pelo contrário, “exige também um processo de formação permanente que torne a prática docente como fundamento para a reflexão”, que desenvolva no educador a postura de profissional reflexivo, pesquisador da própria prática, munido de formação teórica competente que o prepare para ver o mundo na sua globalidade e não de forma fragmentada (DEMO, 1993, p.24).

Diante desses horizontes, parece haver a necessidade de uma Educação muito diferente da usual. Para tanto, há a necessidade de se corresponder ao desafio de manejar e produzir conhecimento, ou seja, deve-se superar a exclusividade da didática ensino-aprendizagem, tipicamente reprodutiva/transmissiva. “Trata-se de superar a exclusividade, porquanto continua relevante a função da escola no sentido de socializar conhecimento disponível”. (DEMO, 1993, p.24).

O educador, seja da Educação Básica ou do Ensino Superior, é um ser inserido num contexto social, que tem sua dimensão pessoal e profissional, não podendo ser visto como um ser descontextualizado, idealizado. Ele é um ser complexo e que não se desprende dessa complexidade quando entra na sala de aula. A docência na busca por uma melhor qualidade educacional se constitui a partir de cinco dimensões da competência que o professor deve desenvolver, sendo elas:

- dimensão profissional, que deve dominar com propriedade sua área de atuação;
- dimensão humana, que enfatiza as relações interpessoais;
- dimensão ética, que se relaciona com o respeito e solidariedade, um bem coletivo;
- dimensão social-política, que enfatiza os trabalhos de construção coletiva da sociedade e o exercício dos direitos e deveres;

- dimensão didático-pedagógica, que envolve o domínio dos processos de ensino-aprendizagem e suas metodologias.

Necessário se faz destacar, ainda, que entre as profissões existentes, é especialmente da missão do Magistério que se espera a contribuição para criar as habilidades humanas e as capacidades que permitirão aos indivíduos e às organizações sobreviverem e terem êxito na sociedade do mercado, influenciados por uma cultura pós-moderna.

As mudanças ocorridas nas ciências, nas ciências da Educação, na tecnologia e no contexto social mundial, tanto no período do pós-guerra quanto nos movimentos de abertura política e redemocratização dos países da América Latina, trouxeram para as instituições de ensino necessidades novas que incluem uma visão renovada do educando, transformações familiares, modelos diversos de organização comunitária, intensificação e maior velocidade na circulação de informações. Por consequência, trouxe, também, a exigência de um educador renovado e integrado ao novo cenário científico, social e cultural do qual fazem parte ele, enquanto educador, os educandos e a escola na qual atua. A esse profissional da Educação cabem muitas e novas responsabilidades, entre elas a de compreender melhor os educandos nas suas necessidades afetivas, cognitivas e sociais e a de contribuir para uma resposta efetiva às exigências de uma Educação de qualidade, cuja vocação é formar pessoas que valorizem o conhecimento como um bem, ao mesmo tempo em que são conscientes de seu papel na construção de uma sociedade mais justa em todos os aspectos.

Um dos maiores riscos das novas tendências do século XXI, incluindo o desenvolvimento das novas tecnologias da informação e da comunicação, são as dificuldades por que passam as instituições como um todo, incluídas as escolas. Dificuldades estas influenciadas por decisões macro-políticas educativas e também pela vida cotidiana das escolas, de uma maneira geral.

As instituições são espaços onde as pessoas se reúnem, pensam e trabalham em conjunto. Se as instituições se debilitam, as pessoas têm menos oportunidades de aprender a viver juntas, enfraquecem a coesão social e as possibilidades de crescimento. Por isso, os educadores precisam ter a capacidade de articular a macro-política, sendo essa referida ao conjunto do sistema educativo com as políticas da própria instituição.

A Educação deve ser entendida, portanto, como um ecossistema, dentro do qual todas as pessoas e ambientes se relacionam, aproveitando de modo especial os espaços valorizados pela tradição da Instituição: pátios, laboratórios, teatro, esporte, festas e

lugares externos às escolas. Nem mesmo a inteligência é individual, pois, como afirma Lèvy (1998), “se somos sistema e parte de um sistema, então somos inteligentes na coletividade”. (LÈVY, 1998, p.22).

A Educação permanece com o enorme desafio de ir além da mera informação para se tornar formação da liberdade, da consciência crítica e da solidariedade. Para tal, cabe conhecer os desafios que a atual sociedade pós-industrial do conhecimento levanta, além da organização e da formação das instituições educativas.

Surge, então, um desafio à instituição educativa: “como fazer dela um espaço de formação de qualidade, em que seu fim e sentido não se vejam reduzidos pelas exigências conjunturais?” (CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO, 2007, p.176) Ou seja, uma Educação em que junto ao que ensinar, esteja sempre presente a pergunta do para que educar.

Nos gráficos 12 e 13 está confirmado que tanto a formação continuada quanto à renovação do processo de ensino e aprendizagem pressupõem não apenas a incorporação de metodologias atualizadas, recursos tecnológicos na ação docente, mas essencialmente uma renovação de atitudes, crenças e valores frente às solicitações e demandas que emergem do contexto atual da Instituição de ensino. Especificamente no gráfico 12, ao serem perguntados sobre o impacto da vinculação profissional sobre a função como docente, tem-se que 90,9% dos professores responderam que a vinculação profissional realmente agrega valores que repercutem na sala de aula. Isso significa que grande parte dos docentes se sentem compromissados com a vinculação à instituição objeto dessa pesquisa. E 9,1% não responderam a questão.

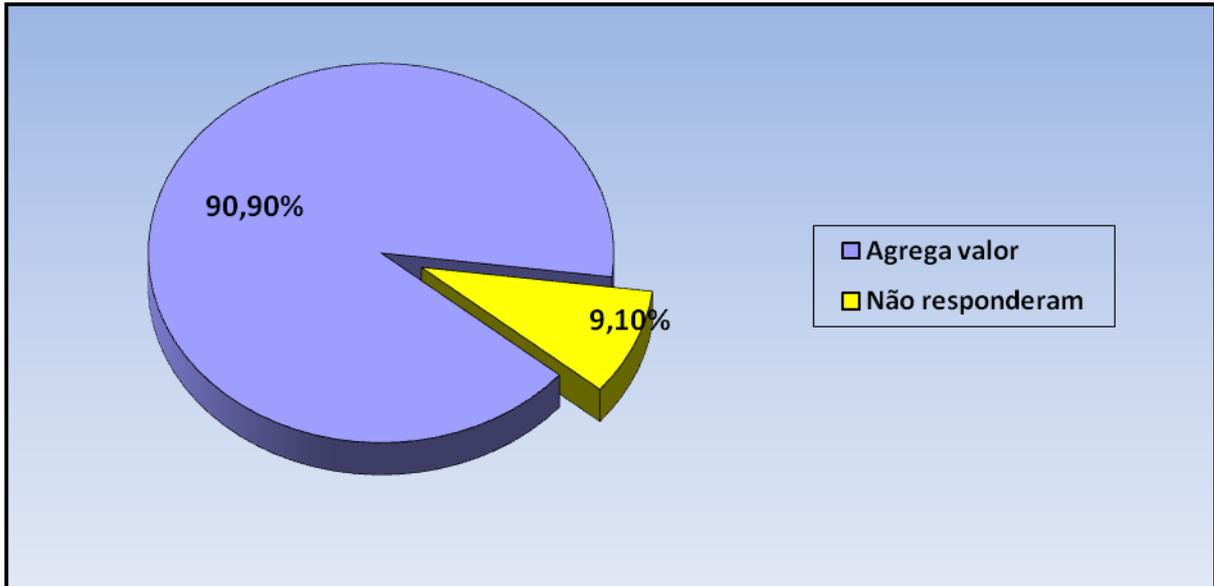


Gráfico 12 – Impacto da vinculação profissional da Instituição sobre a função como docente
Fonte: Dados da pesquisa

Já no gráfico 13: Razões pelas quais a vinculação profissional agrega valor à função do docente, estão assinalados na vertente dos educadores pontos como: prestígio social alçado pela Instituição (27,5%); motivação para a qualificação, produção e desenvolvimento de um bom trabalho (27,3%); ênfase nos valores humanistas (27,3%); estrutura oferecida voltada para a eficiência (18,2%) e, ainda, qualidade de relacionamento com os demais docentes (9,1%). Esses aspectos merecem atenção, pois em um ambiente em que a prioridade é dada às pessoas e ao crescimento integral delas, e onde a rigidez dos regulamentos ocupa o segundo lugar, cada um se sente parte viva da comunidade, divide os projetos e problemas com todos, não sendo difícil que participe de suas soluções, segundo as próprias possibilidades. Portanto, trata-se de dar vida às formas institucionais educativas. (GRÁFICO 13).

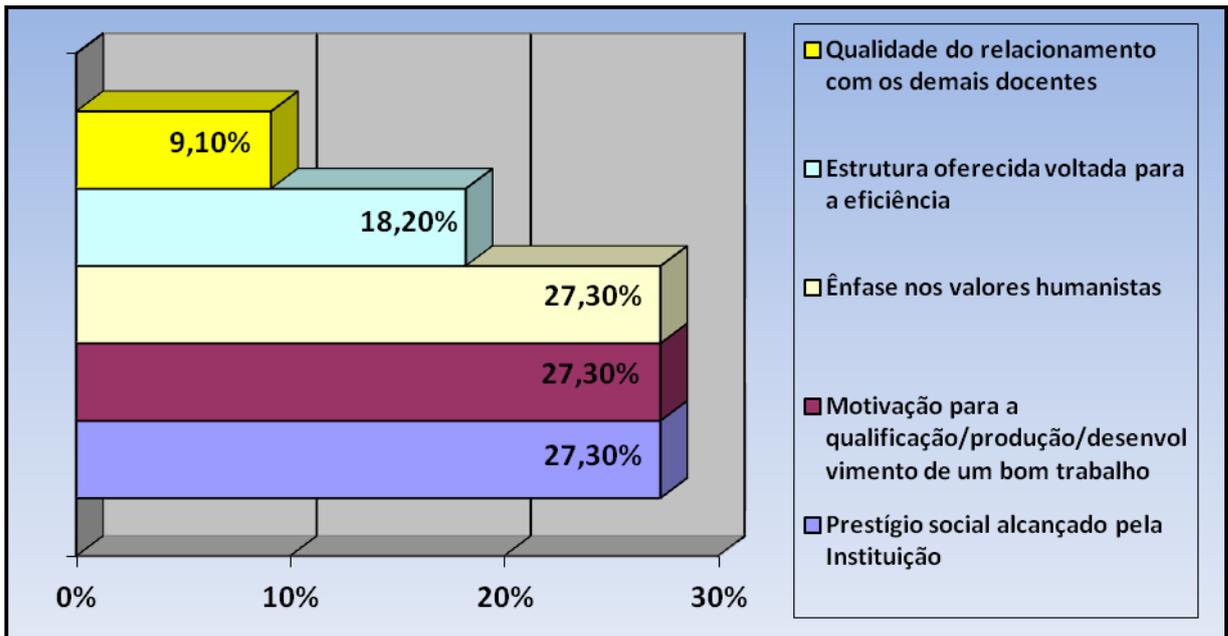


Gráfico 13 – Razões pelas quais a vinculação profissional agrega valor à função docente

Fonte: Dados da pesquisa

Logo, é sabido que formar o profissional educador na dimensão da Instituição é, portanto, mais do que formar para o conhecimento dos valores e princípios da Instituição, é levá-lo a viver esses valores na dimensão do público e do partilhado, para que o conhecimento seja valorizado como um bem a serviço de todos.

No gráfico 14, pode-se perceber os itens considerados pelos docentes como de grande valor na relação de sala de aula, sendo os mais importantes, segundo os sujeitos dessa pesquisa: diálogo (100%), escuta (90,9%), ternura/firmeza (81,8%), proximidade (72,7%), alegria (63,6%), ambiência (45,5%) e amizade (45,5%) ocupam uma porcentagem de destaque nas colocações dos docentes. Isso vem caracterizar e pontuar a qualidade dos ambientes educativos da Instituição no seu agir pedagógico. (GRÁFICO 14).

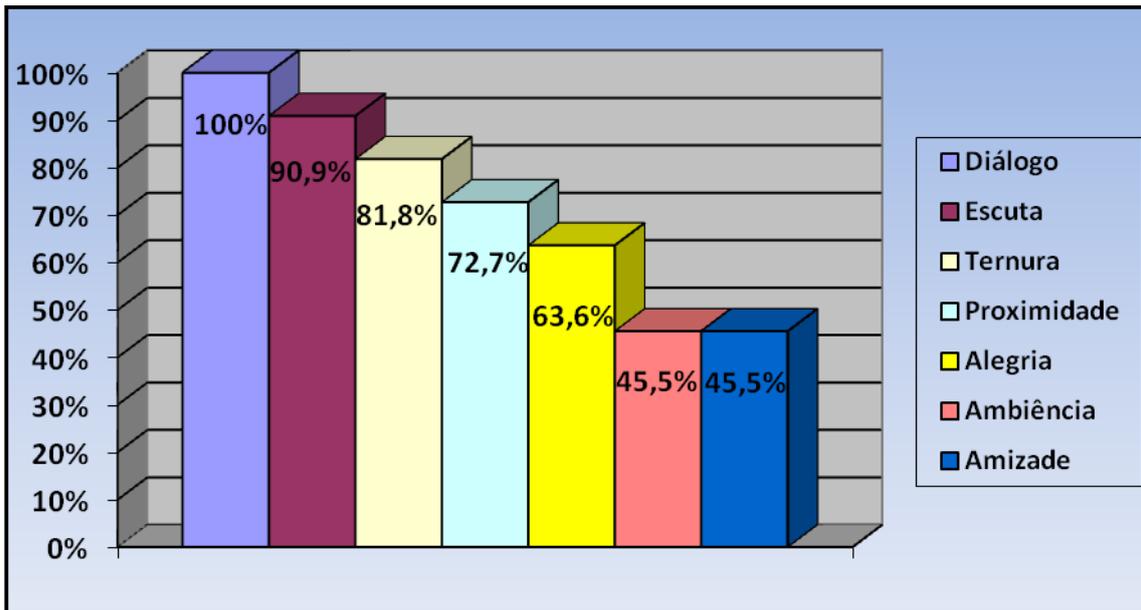


Gráfico 14 – Itens considerados mais valiosos na prática em sala de aula
Fonte: Dados da pesquisa

No gráfico 15, abaixo, pode-se notar a média ponderada entre os itens inseridos no gráfico 14, acima, quer sejam, diálogo (4,54), escuta (2,91), proximidade (2,18), firmeza/ternura (1,64), alegria (1,55), ambiência (1,27) e amizade (0,82). (GRÁFICO 15).

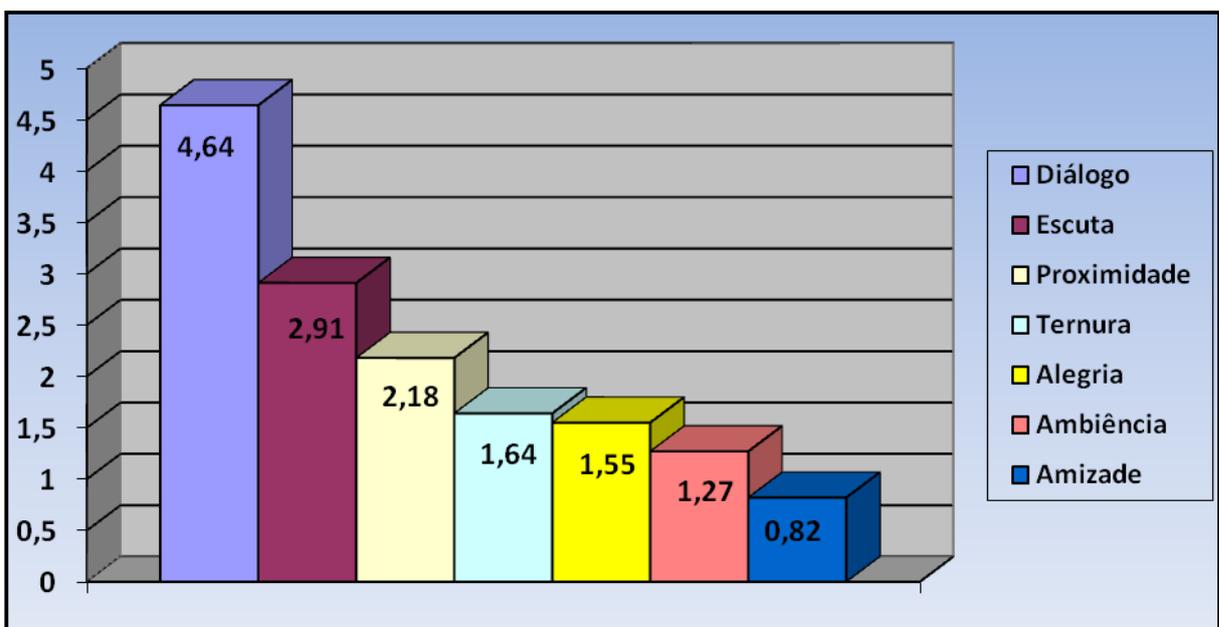


Gráfico 15 – Itens considerados mais valiosos em sala de aula (média ponderada)
Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com Garcia (1998), as pesquisas sobre a formação de professores têm alcançado um expressivo crescimento a partir da década de 1990. Anterior a esta década, a crença de que “quem sabe, automaticamente, sabe ensinar” era fortemente difundida e vivenciada no meio acadêmico. Assim, compreendia-se o processo ensino-aprendizagem como uma transmissão de conhecimentos. O professor era visto como o detentor do saber, enquanto o aluno era considerado o único responsável pela apreensão deste conhecimento. A ênfase no processo de aprendizagem era dada, portanto, aos saberes específicos das áreas de conhecimento incorporados pelos docentes, não considerando, assim, os saberes pedagógicos e didáticos que propiciam, por sua vez, a apreensão do conhecimento pelo educando. Portanto, segundo Pimenta e Anastasiou (2002), é preciso considerar, durante o processo de ensino-aprendizado, a compreensão, não apenas dos saberes das áreas de conhecimento, mas, igualmente, de um conjunto de saberes, quer sejam, para os autores:

Dos saberes das áreas de conhecimento (ninguém ensina o que não sabe), dos saberes pedagógicos (pois o ensinar é uma prática educativa que tem diferentes e diversas direções de sentido na formação do humano), dos saberes didáticos (que tratam a articulação da teoria da Educação, da teoria de ensino para ensinar nas situações contextualizadas), dos saberes da experiência do sujeito professor (que dizem do modo como nos apropriamos do ser professor em nossa vida) (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p.71).

O momento cultural em que se vive exige da escola um novo perfil para a formação do cidadão comunicador. A perspectiva comunicativa é particularmente importante para favorecer a relação e o encontro. Por isso, é necessário prestar atenção às exigências comunicativas das gerações jovens, educá-las para o diálogo interpessoal, a abertura ao outro, respeitando sua originalidade; à vida de grupo como laboratório de relações autênticas; ao redescobrimto da família; à partilha em comunidade de fé; à utilização positiva dos novos meios; à valorização do teatro, da música, da arte.

Para tanto, em uma escola com amplos canais de conversação, deve-se buscar o entendimento com os mais diversos atores sociais, com a cultura, assim como reestruturar nossos sistemas educativos ante a nova realidade. Instituições educativas que, longe de serem aparatos sociais de reprodução de estruturas existentes, se afirmam a si mesmas como espaços de produção, difusão e gestão de significado social. Os lugares dedicados às funções e processos educativos partilham cenários com inúmeras fontes de informação, diálogo e encontro.

Furlani (1990), ao abordar as características do relacionamento entre educador e educando, afirma que:

Não é somente a capacitação técnica do professor (escolaridade, domínio de um ramo de conhecimento, experiência que se exercita nos papéis que ele tem desempenhado); também suas características afetivas, culturais e de personalidade se problematizam como parte dos papéis que são desempenhados, possibilitando que modelos sejam vivenciados quando o professor transmite o conteúdo, disciplina e avalia a situação pedagógica. (FURLANI, 1990, p.57-58).

O gráfico 16, abaixo, ressalta, na visão dos docentes, elementos considerados relevantes no Projeto Pedagógico da Instituição. Assim, ao serem questionados sobre quais elementos são considerados relevantes no Projeto Pedagógico da Instituição, os docentes colocaram, em grau de importância, na opinião deles: valorização dos princípios éticos, morais, religiosos e humanistas (45,5%); estímulo à pesquisa (36,4%); ênfase na aprendizagem (36,4%); valorização da extensão (27,3%). A opção “outros” foi marcada por 27,3% dos docentes, enquanto outros 27,3% não responderam a questão. (GRÁFICO 16).

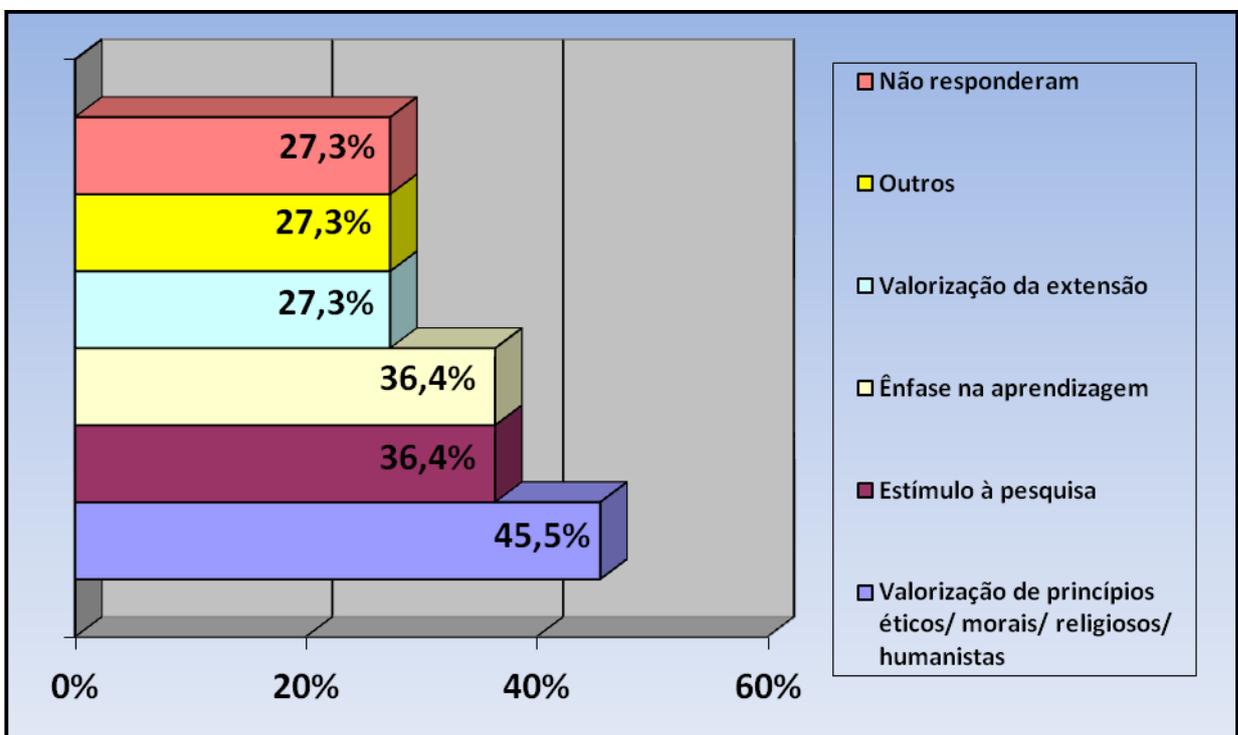


Gráfico 16 – Elementos considerados relevantes no Projeto Político Pedagógico da Instituição

Fonte: Dados da pesquisa

Sabe-se da importância do Projeto Político Pedagógico na vida da Instituição: ele define a identidade da Instituição e aponta o caminho que ela deverá traçar. É a sistematização, nunca definitiva, de um processo de planejamento participativo, a partir de uma clara intencionalidade, de uma leitura crítica da realidade e da definição da ação educativa que se vai realizar, para diminuir a distância entre os atores do processo educativo, no caso.

Os dados do gráfico 16 são de fundamental importância, considerando que eles apresentam a fotografia que os educadores fazem da Instituição e abordam sua inserção na mesma.

Os elementos destacados como relevantes no Projeto Pedagógico da Instituição, como visto, são: valorização de princípios éticos, morais, religiosos e humanistas; estímulo à pesquisa; ênfase na aprendizagem; valorização da extensão; pontos que qualificam a Instituição e que são reconhecidos pelos educandos como se pode constatar no gráfico 5, percebendo que há uma sintonia entre o que os educadores percebem e o que os educandos visualizam como receptores.

Na fala de Dom Ruan Edmundo Vecchi (1999), 7º Sucessor de Dom Bosco, constatam-se as exigências para a Educação do século XXI e elas, sem dúvida, exigem das Instituições de ensino adequação ao mundo moderno. Trata-se de um esforço de estar a frente das novas mídias, dominadas sem esforço pelos jovens hodiernos. Para Vecchi (INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA, 1999, p.7), “Não se consegue valorizar plenamente o alcance desta revolução, porém, está nascendo o “cidadão eletrônico” que nós devemos ajudar a ser “honrado”, a se abrir a um “mais além” da rede e reconhecer a paternidade de Deus, para que seja um “bom cristão”.

Como se constata nos gráficos 17 e 18, é bastante notável o grande e positivo impacto que as NTICs trazem para as práticas docentes, possibilitando à sala de aula poder ser um areópago de aprendizagem, um espaço coletivo de construção do conhecimento. Um ambiente de prazer e, logo, de vivência de novos saberes e novas linguagens. Um dado significativo é que os docentes questionados foram unânimes na afirmação de que o uso das novas tecnologias contribui para uma sala de aula de maior qualidade. (GRÁFICO 17).

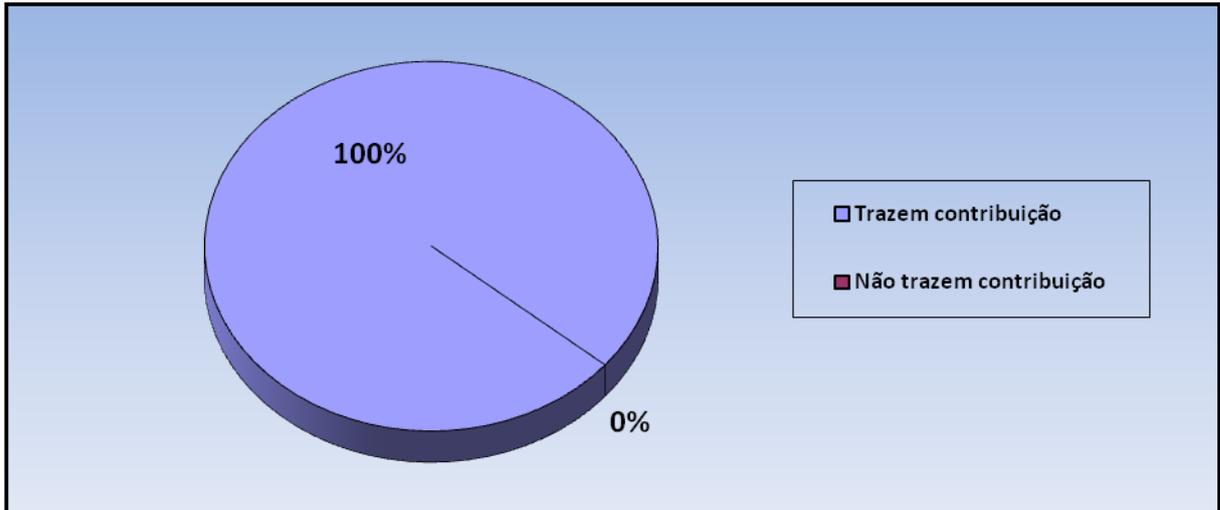


Gráfico 17 – Impacto das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação na prática educativa

Fonte: Dados da pesquisa

É preciso, no entanto e como já explicitado, estar muito claro que as NTICs na Educação são instrumentos e não fins, sendo o uso delas um facilitador de aprendizagem como está bem destacado no gráfico 18, onde há a explicitação das contribuições. Assim, ao serem perguntados sobre os motivos pelos quais as NTICs trazem contribuição para a prática, os docentes responderam, em ordem de prioridades: tornam a aula mais atraente, produtiva e dinâmica (72,7%); promovem a proximidade com o jovem, facilitam o acesso e a mobilidade dos alunos e permitem uma maior proximidade à realidade dos alunos (36,4%); propiciam novas formas de diálogo e de produção de discurso (36,4%); estimulam a pesquisa (9,1%). (GRÁFICO 18).

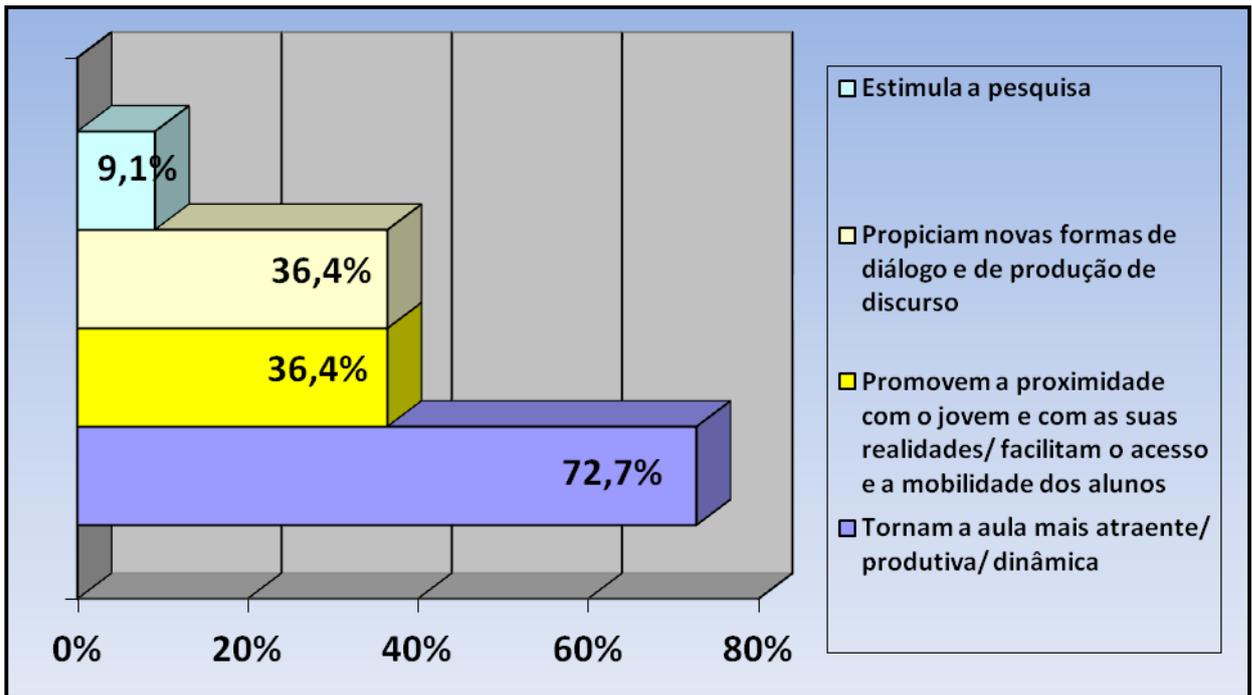


Gráfico 18 – Motivos pelos quais as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação trazem contribuição para a prática

Fonte: Dados da pesquisa

Um estudante pode hoje, com as novas tecnologias disponíveis, navegar através de simulações por uma explosão vulcânica ou ter uma aula de história através da simulação de uma cidade do século XVIII. Essas possibilidades do computador, entre outras, vão muito além das funções anteriores e significam novas formas de reconhecer a própria aprendizagem. Vive-se na era da tecnologia, resultado do que a ciência já produziu ou está produzindo. Inúmeras são as consequências das novas tecnologias que, com seu poder multiplicador, tem se voltado a quase todos os campos da esfera humana. Pode-se, então, perceber, seja no lar, nas escolas, na indústria, no comércio, na fábrica ou na igreja, na cultura e lazer, seja em que área for, que a tecnologia trouxe uma nova linguagem, um novo conhecimento, um novo pensamento, uma nova forma de expressão. O homem passou a ter melhora na qualidade de vida, assim como uma média de vida muito maior se comparada com o início do século, por exemplo. As repercussões ocorrem em todos os segmentos da sociedade nas suas diferentes instituições e na própria vida da sociedade com seus pontos positivos e com seus desafios para viver as mudanças existentes.

O uso das Novas Tecnologias (NTICs) cria, no ambiente sala de aula, um espaço dinâmico, de atração, produção, prazer, promovendo maior aproximação entre os atores: educador e educando; além de propiciar diálogo, interação recíproca e mais estímulo à

pesquisa. Como foi demonstrado no gráfico, esse ambiente torna-se altamente produtivo e de aprendizagem.

Sabe-se que a Educação pode se modificar significativamente com as redes eletrônicas. As universidades se abrem para o mundo; educadores e educandos começam a intercomunicar-se, a trocar informações, a participar de pesquisas, de projetos em conjunto. A Educação continuada, por sua vez, é facilitada pela possibilidade de integração de várias mídias, acessando-as tanto em tempo real como assincronicamente, isto é, no horário favorável a cada indivíduo, facilitando o contato entre educadores e educandos.

Muito se tem falado e escrito sobre a necessidade de uma Educação permanente, de um aprendizado autônomo. As escolas têm buscado métodos e estratégias, objetivando formar um aluno autônomo, isto é, um indivíduo que aprenda a aprender.

As novas tecnologias da comunicação trouxeram enormes vantagens aos mais diversos setores da sociedade. Podemos verificar o quanto isso ajudou no processo de recuperação da informação, através das bases bibliográficas em CD-ROMs e *on line*, como também na obtenção do próprio conteúdo desejado. Os periódicos eletrônicos retratam uma parcela desse avanço tecnológico, apresentando vantagens e desvantagens tanto na sua forma “física” como nas bases que os disponibilizam. Hoje existem diversos “*sites*” na Internet que disponibilizam periódicos eletrônicos. Neste cenário, encontramos uma grande variedade de interfaces, que, por vezes, comprometem os resultados das pesquisas, uma vez que as dificuldades encontradas pelos usuários para realizar uma pesquisa bibliográfica são elementos geradores de buscas ineficientes ou mesmo incorretas, às vezes com plágios e erros graves de contextualização.

Assim, diante do exposto, pode-se afirmar que a revolução tecno-comunicacional é regida pela razão de mercado, na qual coexistem, de modo conflitante e inconsciente, as culturas pós-moderna, moderna e tradicional. Nas últimas cinco décadas, as mudanças socioculturais são profundas, expansionistas e têm duração cada vez mais curta. O pensamento contemporâneo, fortemente influenciado pela filosofia existencialista, a passagem da física atômica para a física quântica, os conceitos de relatividade, incerteza e falseabilidade, o desenvolvimento das neurociências, os aportes sobre pensamento complexo, a cibernética e as novas versões da *web* na Internet impõem a necessidade de se mudar de um paradigma simples – atomizado – para um paradigma complexo – sistêmico.

Tomando como referência os gráficos 19 e 20, pode-se constatar como os docentes estão conscientes do papel que assumem como educadores e gestores do conhecimento no contexto em que estão inseridos. No gráfico 19, quando perguntados sobre a eficácia da utilização de NTICs como meio de tornar a aula mais condizente com a realidade dos alunos, 81,2% dos docentes reconhecem essa eficácia contra 18,8% que afirmam que essa eficácia acontece, não o tempo todo, mas às vezes. Um fato que chama a atenção é que nenhum dos sujeitos da pesquisa afirmou que essa eficácia não acontece em hipótese nenhuma.

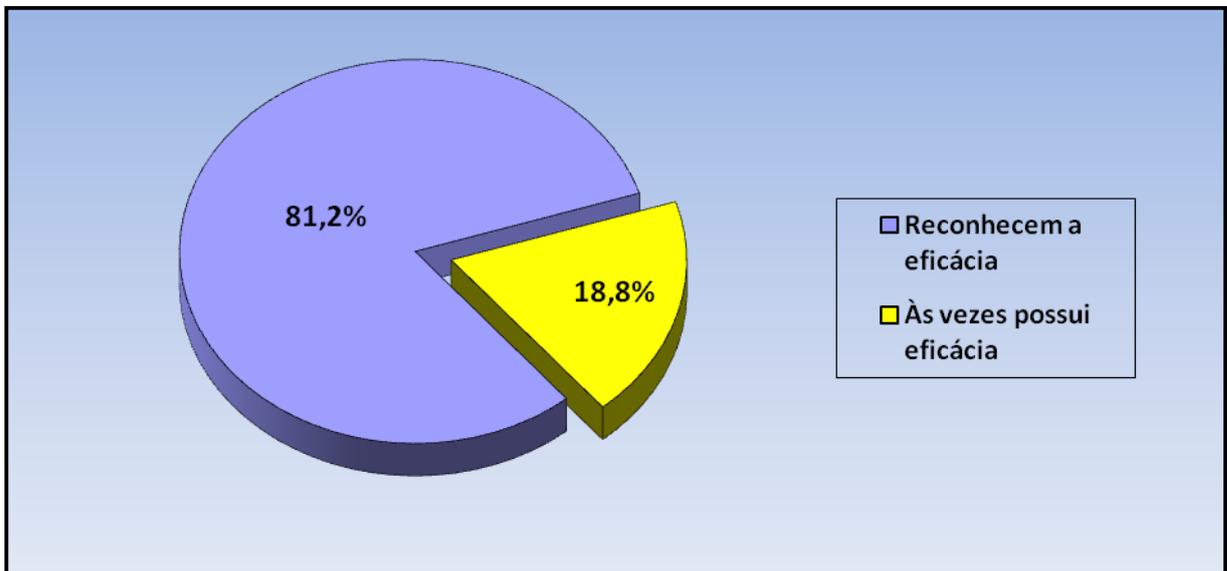


Gráfico 19 – A eficácia do uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação como meio de tornar a aula mais atendida com a realidade dos alunos

Fonte: Dados da pesquisa

No gráfico 20, por sua vez, e ainda relacionado à eficácia do uso das NTICs, os docentes colocaram, em grau de importância, as seguintes formas de interação de melhor reciprocidade com o cotidiano dos alunos: simulação do ambiente de trabalho (36,4%); despertando a atenção dos alunos (36,4%); fazendo uso da internet (18,2%); promovendo a interação (9,1%). Outros 9,1% dos docentes não responderam a questão colocada.

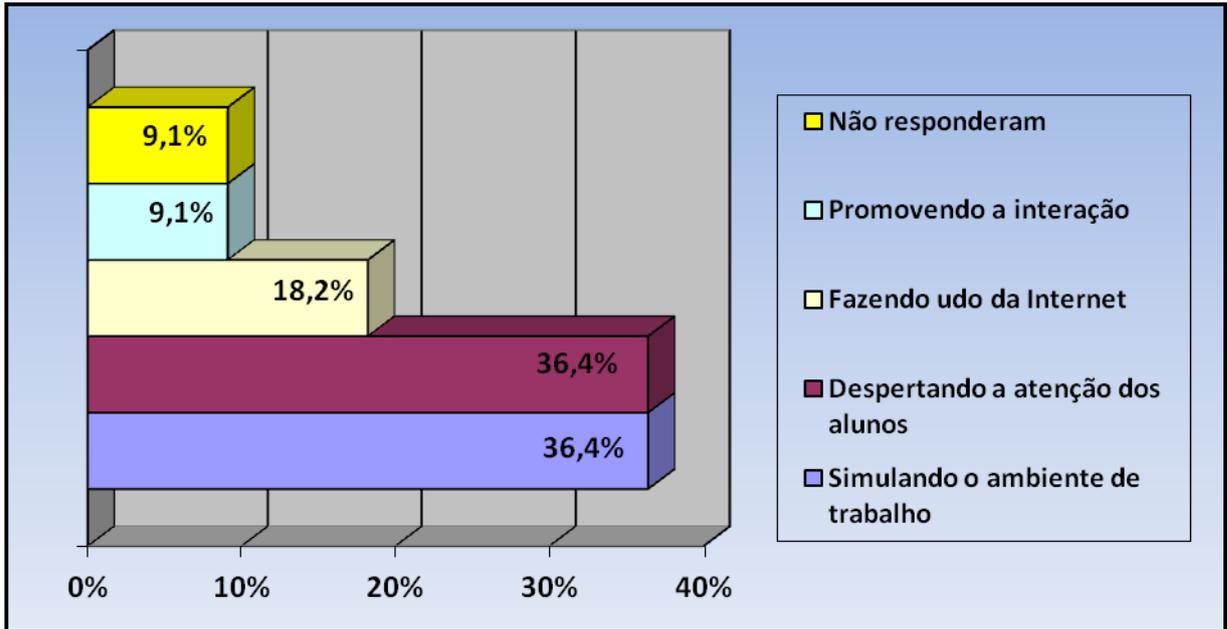


Gráfico 20 – Motivo pelo qual as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação tornam a aula mais atendida com a realidade dos alunos

Fonte: Dados da pesquisa

Como mostram os gráficos 19 e 20, portanto, trabalhar com as tecnologias de forma interativa nas salas de aula requer, entre outros, a responsabilidade de aperfeiçoar as compreensões de alunos sobre o mundo em que vivem. Faz-se, assim, indispensável o desenvolvimento contínuo de intercâmbios cumulativos desses educandos com dados e informações sobre o mundo e a história de sua natureza, de sua cultura, posicionando-se e expressando-se com os elementos observados. Ao se trabalhar, adequadamente, com essas novas tecnologias, Kenski (1996) constata que: “a aprendizagem pode se dar com o envolvimento integral do indivíduo, isto é, do emocional, do racional, do seu imaginário, do intuitivo, do sensorial em interação, a partir de desafios, da exploração de possibilidades, do assumir de responsabilidades, do criar e do refletir juntos.” (KENSKI, 1996, p.2).

Diante do exposto, o uso e influência das novas tecnologias devem servir ao educador não só em relação à sua atividade de ensino, mas à continuidade das atividades de pesquisa. E a pesquisa com as novas tecnologias tem características diferentes que estão diretamente ligadas à procura da constante informação.

Os educadores, portanto, devem construir e trabalhar em conjunto com seus educandos não só para ajudá-los a aumentar a capacidade, métodos, táticas para coletar e selecionar elementos, mas, especialmente, para desenvolver conceitos, considerações que serão o alicerce para a edificação de seus novos conhecimentos. Como descreve Gadotti (2002, p.30-

33), o professor “deixará de ser um lecionador para ser um organizador do conhecimento e da aprendizagem, (...) um mediador do conhecimento, um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador”. A Instituição precisa repensar seus métodos curriculares e preparar seus docentes tanto para se apropriarem das novas tecnologias de informação e comunicação quanto para a prática da Educação à distância que se vê viabilizada.

Com as mudanças, em processo muito acelerado, os valores, princípios e normas nem sempre são transmitidos por tradição, isto porque os seres humanos fazem escolhas independentes para dar o direcionamento para a vida. Diante dessa realidade, a escola católica apresenta referenciais significativos para a construção da identidade individual e da sociedade.

No uso das novas tecnologias, o educando desenvolve a aprendizagem cooperativa, a pesquisa em grupo, a troca de resultados e essa interação bem sucedida aumenta a aprendizagem. Em alguns casos, há uma competição excessiva, monopólio de determinados educandos sobre o grupo, apesar de que, mesmo assim, no conjunto, a cooperação prevalece.

Nos gráficos 21 e 22 estão elencados alguns benefícios e riscos no uso das novas tecnologias em sala de aula. No gráfico 21, primeiramente, pode-se verificar que, ao serem questionados sobre os benefícios obtidos com as NTICs, os educadores colocam que: tornam as aulas mais dinâmicas e atraentes (63,6%); promovem a interação (63,6%); facilitam o acesso à pesquisa e à informação (27,3%); Outros benefícios (27,3%).

Interessante observar nesse gráfico o alto índice dos itens: “tornam as aulas mais dinâmicas e atraentes e promovem a interação”. Isso permite a inferência de que o uso das NTICs ajuda a desenvolver a flexibilidade mental, a adaptação a ritmos diferentes, a intuição, porque as informações vão sendo descobertas por acertos e erros, por conexões escondidas não lineares, que vão “linkando-se” por hipertextos, textos interconectados, mas ocultos, com inúmeras possibilidades diferentes de navegação. (LÉVY, 1998). Desenvolve a flexibilidade, porque a maior parte das sequências é imprevisível, aberta. As NTICs ainda ajudam na adaptação a ritmos diferentes: a internet permite a pesquisa individual, na qual cada aluno cria o seu próprio ritmo; e a pesquisa em grupo, por meio da qual se desenvolve a aprendizagem colaborativa.

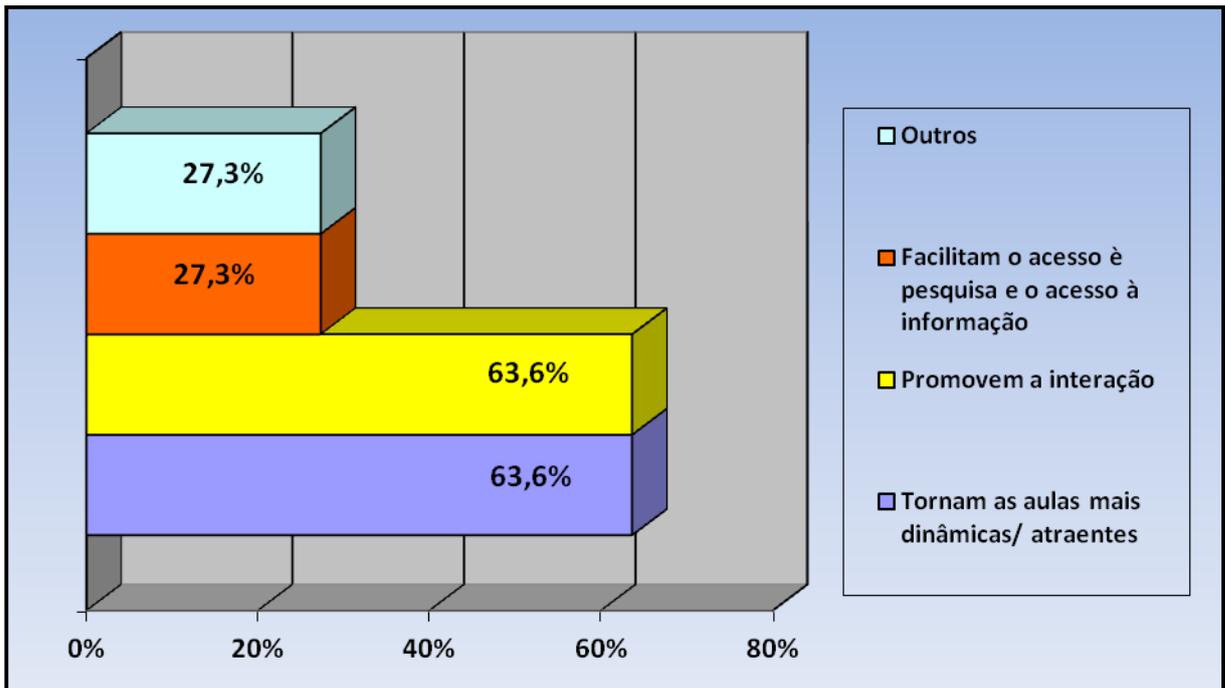


Gráfico 21 – Benefícios obtidos com o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação

Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico 21, como visto, retrata o quanto os educadores percebem os benefícios do uso da NTICs em sala de aula e ao os assinalarem, os docentes confirmam o que os educandos assinalaram em gráficos anteriores, quando sujeitos da pesquisa. O certo é que tanto educadores como educandos, ao se manifestarem em relação aos benefícios do uso da NTICs, percebem uma sala de aula mais dinâmica, mais facilitadora de novas aprendizagens e integradora de novas relações.

Em contrapartida, surgem também alguns problemas em concomitância com os benefícios elencados: tem-se muitos dados, muitas informações disponíveis, conhecimento de menos no uso da internet na Educação, havendo uma confusão entre informação e conhecimento. Na informação, os dados são organizados dentro de uma lógica, de um código, de uma estrutura determinada. Portanto, conhecer é integrar a informação no referencial, no paradigma, apropriando dela, tornando-a significativa para todos, sendo que o conhecimento não se passa aleatoriamente: ele se cria, se constroi.

Então, procurando identificar os riscos decorrentes do uso das NTICs, já no gráfico 22, tem-se elencado pelos docentes pesquisados, em ordem de prioridades: pode levar à dispersão (36,4%); pode desencorajar o aprofundamento acadêmico (27,3%); pode facilitar o plágio (18,2%); outros riscos também foram levantados por 9,1% dos educadores. 27,3% não identificaram riscos ao uso das NTICs no cotidiano da sala de aula.

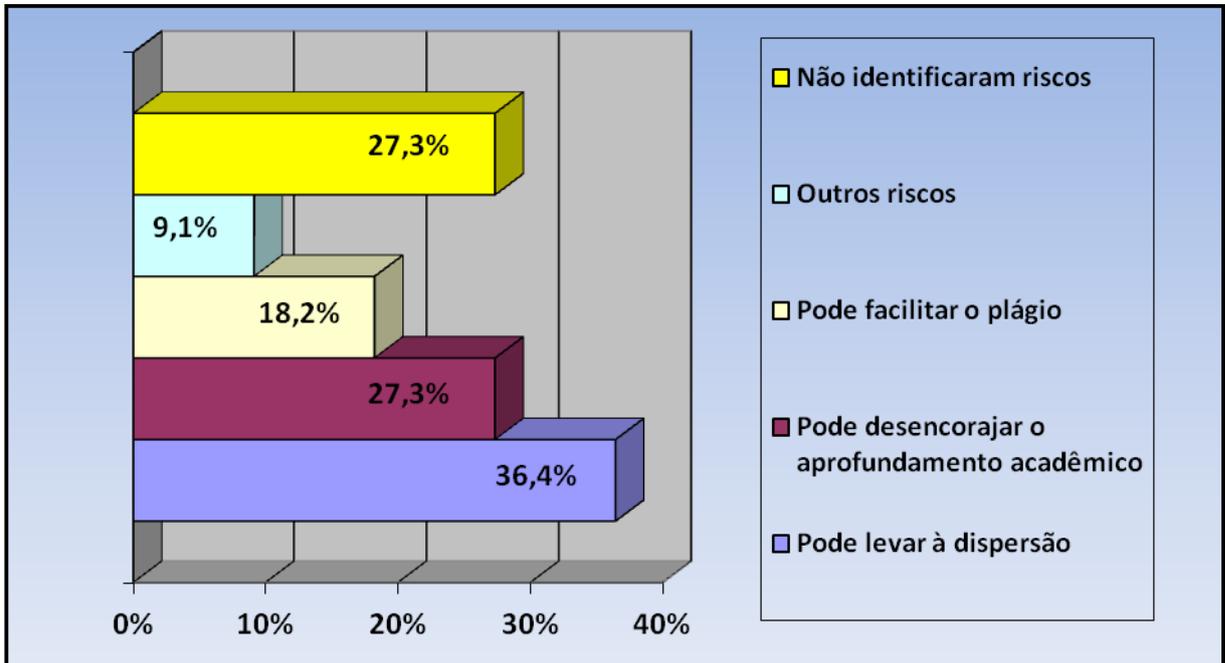


Gráfico 22 – Riscos decorrentes do uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação

Fonte: Dados da pesquisa

Como se percebe no gráfico 22, um dos pontos citados pelos docentes da pesquisa diz respeito à facilidade de plágios e cópias, fazendo com que muitos alunos se percam no emaranhado de possibilidades de navegação, perdendo tempo com informações pouco significativas, ficando na periferia dos assuntos, sem aprofundá-los, sem integrá-los em um paradigma consistente. Já com relação à dispersão provocada, item mais apontado pelos docentes, vale dizer que existem informações que distraem e que pouco acrescentam ao que já se sabe, mas que, por elas, perde-se muito tempo na rede sem adquirir conhecimento, acontecendo este somente quando há a possibilidade de filtragem, seleção, comparação, avaliação, sintetização e contextualização do que é mais relevante e significativo.

Nos gráficos seguintes são abordadas as possibilidades do trabalho interdisciplinar e as novas tecnologias. Uma realidade ainda em processo, porém, vista com perspectiva e com grande adesão dos docentes que opinam ser favoráveis ao uso das NTICs facilitando o trabalho interdisciplinar.

Mesmo que o gráfico 23 mostre 100% de resposta favorável aos impactos das NTICs no trabalho interdisciplinar, sabe-se que também da parte dos educadores esse é um programa ainda em processo, pois nem todos são habilitados para exercerem uma prática interdisciplinar, havendo ainda um caminho a percorrer para atingir esse patamar. Talvez o

gráfico mostre uma grande aspiração, um desejo e visualização de um futuro próximo, visto que a Educação, cada vez mais, clama por trabalho conjunto, sem tantas fragmentações.

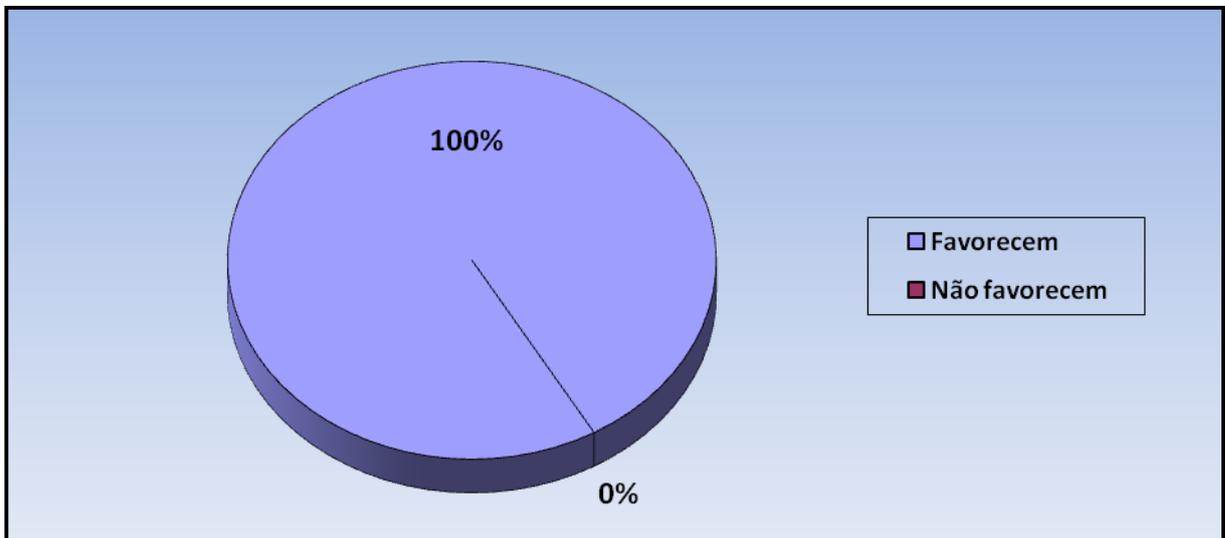


Gráfico 23 – Impacto das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação no trabalho interdisciplinar

Fonte: Dados da pesquisa

Santomé (1998) lembra que uma disciplina é uma maneira de organizar e delimitar um território de trabalho, de concentrar a pesquisa e as experiências de um determinado ângulo de visão. A interdisciplinaridade busca a integração das disciplinas numa atuação holística, tendo a compreensão de que nada funciona isoladamente, pois tudo tem que ser ajustado e com o todo.

A interdisciplinariedade, portanto, leva o educando à compreensão da realidade, de modo total, crítico e articulado com outras áreas do saber, para que possa desenvolver a capacidade de criação de novos conhecimentos, tornando-se o pilar na construção de aprendizagem e das fronteiras das disciplinas.

Pode-se inferir, diante do estudo realizado, a forma de como o trabalho interdisciplinar é um caminhar contínuo entre as diversas áreas, contemplando a interrelação entre todas as disciplinas e conteúdos, interconectando com as atividades trabalhadas nos laboratórios de mídias, fazendo-se necessária uma formação mais direcionada à totalidade, em prol de uma Educação menos fragmentada.

O gráfico 24 exprime os motivos pelos quais as NTICs favorecem o trabalho interdisciplinar, na opinião dos professores, sendo que as respostas foram, em ordem

crecente de importância, segundo esses sujeitos: a facilitação da articulação com outros campos do saber (54,6%); facilitação do trabalho em rede, o intercâmbio e a discussão docente (36,4%); Outros (9,1%). Não responderam a questão também 9,1% dos questionados. (GRÁFICO 24).

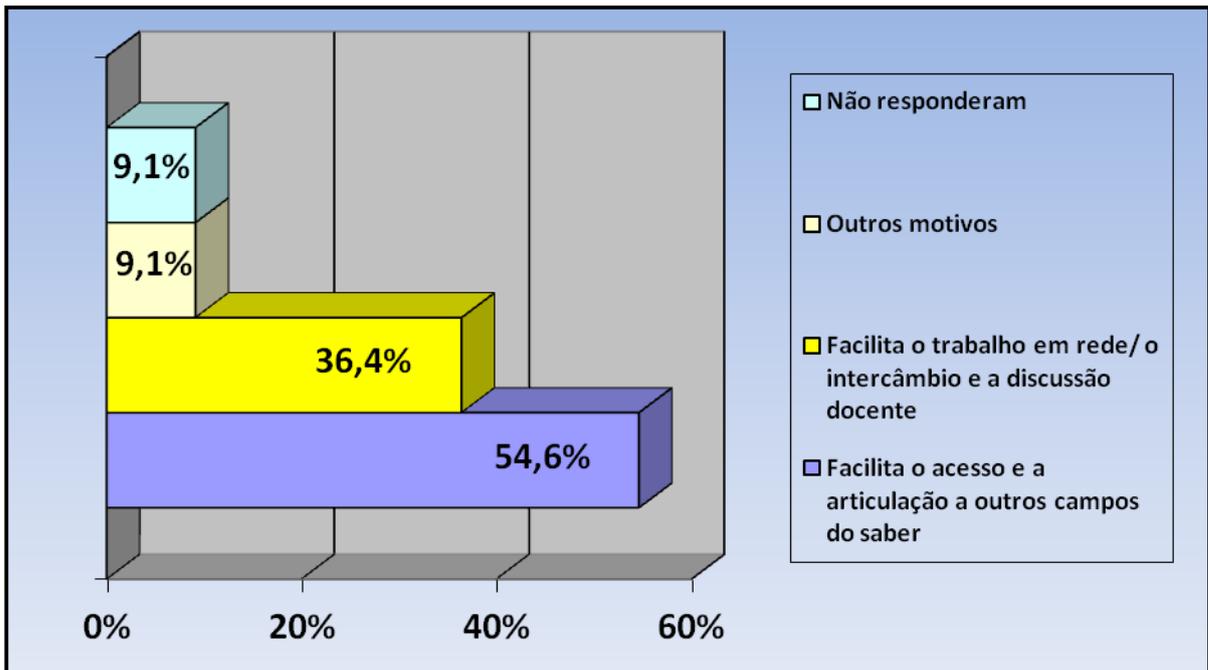


Gráfico 24 – Motivos pelos quais as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação favorecem o trabalho interdisciplinar

Fonte: Dados da pesquisa

Os dados gráficos assinalam, assim, que ensinar na e com as novas tecnologias atinge resultados significativos quando se está integrado em um contexto estrutural de mudança do processo de ensino-aprendizagem, no qual educadores e educandos vivenciam formas de comunicação abertas, de participação interpessoal e grupal efetivas. Sabe-se, nesse sentido, que as mídias sozinhas não modificam o processo de ensinar e aprender, mas modificam a atitude básica pessoal e institucional diante da vida, do mundo, de si mesmo e do outro.

Porém, aliar a tecnologia à Educação não é tarefa fácil, da mesma forma que não o é praticar a interdisciplinaridade na Instituição, fazendo-se a conexão com os conteúdos trabalhados nos laboratórios multimídias, pois requer, além de cada educador, que o grupo todo esteja empenhado no sentido de produzir um conhecimento interrelacionado com todas as disciplinas e interconectado com as atividades desenvolvidas nos espaços multimidiáticos,

o que aumenta a necessidade, em cada educador, de analisar a situação a partir de sua perspectiva, de estudar e se aprofundar em diversas áreas.

Assim, ainda tecendo considerações sobre a interdisciplinaridade, Fazenda (1985, p. 2) ressalta sobre a necessidade da formação do educador para atuar de forma interdisciplinar, apontando que “muito se tem escrito sobre a Educação da criança e pouco ou quase nada sobre a Educação do adulto”. Ele reforça, ainda, que as propostas interdisciplinares são implantadas “de cima para baixo”, sem que os educadores que irão executá-las tenham compreensão plena acerca da proposta

Sendo a tecnologia a mola propulsora em todos os setores, nas instituições de ensino observa-se timidamente a inserção dela por meio de atividades, porém, ainda com limitações, devido, algumas vezes, à própria complexidade do contexto escolar no acesso aos recursos e pelos questionamentos quanto às abordagens pedagógicas vinculadas ao uso destas tecnologias, entre as quais está a proposta de trabalho interdisciplinar.

O momento atual requer uma visão plural sobre a Educação como um todo, implica pensar coletivamente, numa perspectiva interdisciplinar, superando a fragmentação do conhecimento, com olhares fixos para a construção de um mundo melhor para o educador, seus colegas, sua comunidade, para a sociedade, desenvolvendo as inteligências múltiplas, contribuindo, assim, para a formação de um profissional humano, ético e sensível, como propõe Behrens (2005).

O entrelaçamento entre as áreas do conhecimento, associadas aos conteúdos e às atividades realizadas nos laboratórios midiáticos, requer do docente não somente um maior tempo disponível para aprender mais, mas também, um maior tempo para refletir sobre sua prática, para aprender refletindo sobre sua ação, pois esta ação pedagógica diferenciada requer a integração dos conhecimentos, aliados a uma metodologia específica, que propicie a potencialização deste conhecimento interdisciplinar com a utilização dos laboratórios de multimídia, garantindo, assim, a significação destes conteúdos.

No gráfico 25, os educadores inseridos nessa pesquisa foram unânimes em acordar sobre a proposta de construção de um Projeto Político Pedagógico com a vertente interdisciplinar. Isso mostra que o caminho é um trabalho unificado, na busca de definir a identidade da Instituição, apontando o caminho a ser por ela traçado nos próximos anos. É a sistematização, nunca definitiva, de um processo de planejamento participativo, a partir de uma intencionalidade e de uma leitura crítica da realidade. Essa amostragem realizada procura

buscar estratégias para dar novos passos, tendo em vista que uma Instituição, que traz no seu bojo a preparação do educando com um perfil de excelência e de competência de qualidade, ante uma sociedade complexa e cada vez mais competitiva e exigente nos processos de seleção para o mercado de trabalho precisa estar “nos tempos e nos lugares”, como já dizia S. João Bosco a seus seguidores. (GRÁFICO 25).

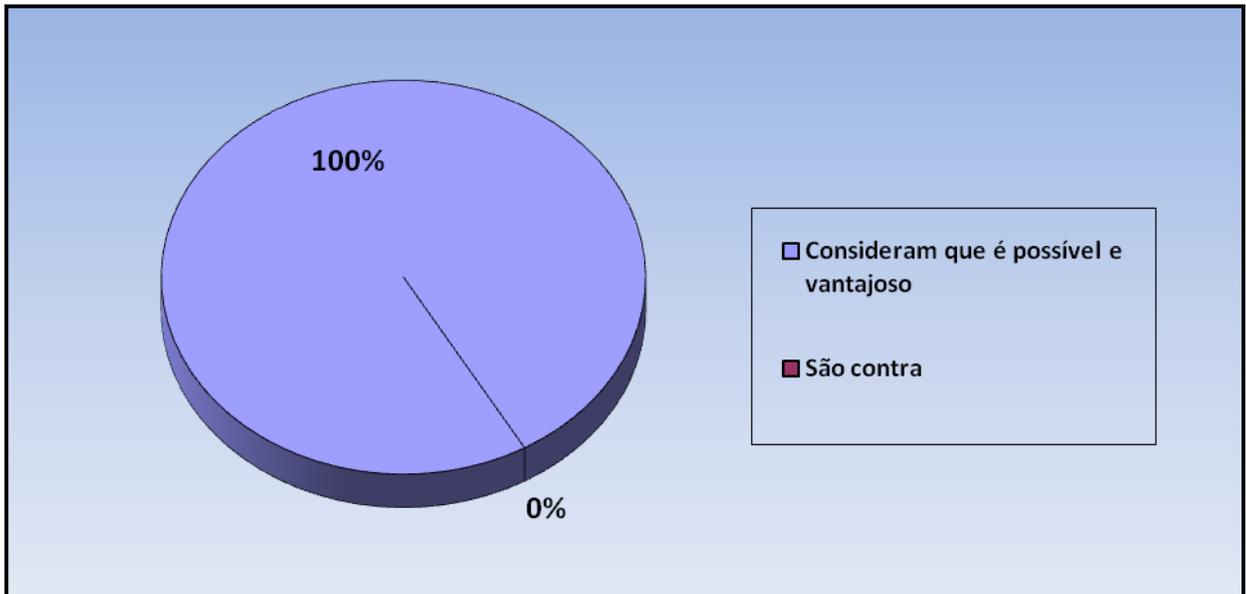


Gráfico 25 – Opinião sobre a construção de um Projeto Pedagógico Interdisciplinar
Fonte: Dados da pesquisa

Behrens (2005) propõe a arquitetura de um paradigma inovador, que estabelece alianças entre as abordagens do ensino com pesquisa, a abordagem progressista e a visão holística, sistêmica ou ecológica, sendo que, ao se estabelecer uma teia entre essas abordagens, o docente e discente possam ser construtores de seu próprio conhecimento, com espírito crítico, investigativo e reflexivo, visando à transformação social, com ênfase nos trabalhos individuais, coletivos e as parcerias, buscando a superação da fragmentação do conhecimento instrumentalizado pela tecnologia inovadora, como uma ferramenta para que o meio educacional esteja em sintonia com a época em que se vive.

Assim, em um processo de ensino-aprendizagem, tudo deve estar interrelacionado, interconectado, de forma multi e transdisciplinar, formando uma grande teia, uma grande rede, na qual os conteúdos devem ser estudados sob o enfoque da pesquisa de sistemas integrados, propiciando a construção do conhecimento a partir da reflexão, da curiosidade e da criticidade, impulsionando o educando a edificar sua autonomia, a ser um agente construtor

de seu próprio conhecimento e como tal possa dar significado às suas ações em prol da sociedade onde está inserido.

Para tanto esta prática pedagógica necessita ser problematizadora, estar ancorada num processo dialógico, com uma visão do todo, com uma visão inter, multi, transdisciplinar, e precisa aliar, ainda, as contribuições de Gardner (1994) sobre as inteligências múltiplas, como o agregar o valor da dimensão do coletivo como espaço de construção do saber e desenvolver o potencial lógico e a cognição como estratégia de aquisição de novas aprendizagens.

Neste contexto, o professor necessita ousar, romper barreiras, propor metodologias inovadoras utilizando-se da rede informatizada como sua aliada no processo de ensino-aprendizagem.

Para que isso ocorra, há, no entanto, necessidade de uma mudança, inclusive, na gestão das instituições de ensino, que deverão apresentar-se mais abertas e sensíveis aos projetos criativos, inovadores e desafiadores, em que está prevista a utilização de espaços virtuais e presenciais dentro e fora destas instituições de ensino.

O desafio de aliar a interdisciplinaridade às NTICs, então, é muito grande, pois, realizar um trabalho nesse sentido é considerado um grande salto na Educação. Dowbor (2001), tecendo considerações frente às NTICs e ao sistema de ensino, considera que, diante das transformações ocorridas no planeta, a Educação permanece como que “anestesiada”. Porém, ele acredita que não basta instituir propostas mirabolantes de modernização da Educação, sem antes repensar as funções do educador como mediador deste processo.

Na construção dos Projetos Político-Pedagógicos (PPP), considerando a interdisciplinaridade, é preciso considerar que a estrutura curricular organizada a partir de disciplinas estanques dificulta a adoção de práticas que possibilitem a mudança de atitude dos atores, e que permita a devida aproximação entre disciplinas, necessária à implementação da interdisciplinaridade. O trabalho interdisciplinar depende, então, em grande parte, da conscientização, da vontade e da atitude de todos os atores envolvidos ante aos procedimentos cristalizados e condutas estabelecidas no cotidiano do ensino. É muito difícil modificar, sem a devida intenção, o modo arraigado de ensinar e de aprender, a não ser que os indivíduos, conscientes do fato se mobilizem quanto a esta mudança.

Na concepção de NOSSA (1999) a melhoria na qualidade de ensino, nesse sentido, não depende somente das mudanças curriculares e culturais das Instituições de Ensino Superior, mas, principalmente, da seriedade, dedicação e compromisso assumido pelos

profissionais na capacidade de formar bons profissionais e não apenas informá-los sobre alguns conteúdos. Para o autor, torna-se necessária a implementação do currículo de forma global, no qual o conteúdo é voltado de forma interdisciplinar para as diversas áreas de conhecimento, de forma a levar o aluno a aprender a aprender.

Finalizando, portanto, coloca-se que almejar um ensino mais inclusivo é optar por caminhos que levem o aluno a aprender, a construir o conhecimento, ao invés de os docentes permanecerem na mesma estratégia de ensino. O aluno da era digital está em contato diário com as mais modernas tecnologias e a escola e o educador necessitam propor metodologias inovadoras utilizando-se das NTICs e da rede informatizada disponível como sua aliada no processo de ensino- aprendizagem.

3. 2. NOVAS POSSIBILIDADES COMUNICACIONAIS NA SALA DE AULA

No contexto das inovações tecnológicas vivenciadas na sociedade contemporânea, as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTICs) descortinam novas perspectivas para a Educação e, principalmente, para o ensino *on line*, com suporte em ambientes digitais de aprendizagem acessados via internet.

O contínuo avanço da tecnologia em tempos de reestruturação do capitalismo vivenciado nas últimas décadas, e por consequência, a disseminação da internet, suscitam reflexões e fazem ressurgir com novo ímpeto o interesse pela utilização das NTICs na Educação. Tal interesse faz emergir na prática educacional vigente um complexo ambiente comunicacional e socializador de informações, marcado pela interatividade e construção coletiva do conhecimento. Porém, se por um lado, mudanças significativas começam a surgir, por outro, iniciativas quanto ao uso das conexões em rede, aplicadas ao processo de ensino e aprendizagem estão ainda restritas a uma pequena parcela da sociedade.

Atenta sobre essas questões, Almeida (2003) enfatiza que:

[...] O uso das NTICs na escola, principalmente com o acesso à internet, contribui para expandir o acesso à informação atualizada, permite estabelecer novas relações com o saber que ultrapassam os limites dos materiais instrucionais tradicionais, favorece a criação de comunidades colaborativas que privilegiam a comunicação e permite eliminar os muros que separam a instituição da sociedade. (ALMEIDA, 2003, p.114).

Assim, o contato direto dos indivíduos com as conexões em rede desencadeiam, nesse contexto de aprendizado cotidiano, um caminho distinto e promissor na História da Educação contemporânea.

A perspectiva de novas mudanças suscitam a necessidade de implementação de uma pedagogia voltada para a elaboração colaborativa, não apenas como um novo modelo de Educação, mas, principalmente, pela oportunidade de substituição da lógica da transmissão, presente na mídia de massa, para a lógica da transformação, evidenciada na cibercultura. Assim, o educador deixa de ser instrumento absoluto do saber e da ciência para transformar-se no incentivador e facilitador do ensino-aprendizagem, tanto na sala de aula, como além dela.

A superação dos limites de tempo e espaço para reinventar uma nova sala de aula nos moldes presencial e *on line* é, inegavelmente, um desafio a ser enfrentado pelos sujeitos envolvidos nos processos educacionais da atualidade. É justamente nesse tempo de mediação tecnológica, jamais visto em termos históricos, que emergem com toda força, as conexões em rede, que, segundo Siqueira (2004, p.12), "colocam em cheque categorias e conceitos tradicionais". Essa modalidade comunicacional que emerge com a cibercultura, distingue a interatividade como modelo de comunicação capaz de modificar métodos retrógrados baseados na transmissão e que certamente pressupõe a movimentação ativa de sujeitos por meio de trocas virtuais e, como explicita Lèvy (1993, p. 40), "graças à sua dimensão reticular e não linear, favorece uma atitude explorativa, ou mesmo lúdica, face ao material a ser assimilado".

Portanto, a abertura de novos cenários de comunicação proporciona o desenvolvimento da interconexão e a criação de comunidades virtuais, que se multiplicam a cada dia, transformando os ambientes escolares tradicionais. As possibilidades de ensinar e aprender tomando por base os recursos tecnológicos caracterizados pela conexão e interação entre sujeitos são apresentadas na sociedade e vêm se tornando alvo de intensas reflexões. Sobre a exploração dessa nova modalidade comunicacional, Kenski (2010, p.61) esclarece que: "O estilo digital engendra, obrigatoriamente, não apenas o uso de novos equipamentos para a produção e apreensão de conhecimento, mas também novos comportamentos de aprendizagem, novas racionalidades, novos estímulos perceptivos".

O advento das NTICs propiciou o estabelecimento e a popularização das comunidades virtuais. Estas, além de se configurarem como ambientes favoráveis à prática educativa, oportunizam o desenvolvimento de novas formas de convivência, por meio das interconexões e têm seu funcionamento ligado, em primeira instância, às redes de conexões proporcionadas

pelas tecnologias de informação e comunicação e, num segundo momento, pela possibilidade de pessoas com objetivos comuns se encontrarem e estabelecerem relações nesse espaço. Através das ações realizadas à distância, é possível o desenvolvimento de novas relações e subjetividades, constituindo um espaço que materializa a comunicação, a cultura e a Educação.

As inúmeras formas de acesso às informações decorrentes dos avanços tecnológicos vivenciados nas últimas décadas estão favorecendo o desenvolvimento da Educação, no contexto geral. Contudo, a Educação formal, desenvolvida nos espaços escolares, ainda continua centrada nos processos de emissão e recepção passiva dos conhecimentos. Educadores e educandos não conseguem encontrar o caminho da co-participação. Assim sendo, pressupõe-se que, sob a mediação da modalidade *on line*, as novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs), podem exercer um papel relevante na construção de um ensino com características inovadoras e transformadoras, e, portanto, potencializadoras de uma Educação de qualidade. É preciso, portanto, acreditar que a emergência das novas tecnologias pode funcionar como força impulsionadora de rumos novos e eficazes no campo educacional.

Um ato novo das sociedades modernas reside na sua aptidão para gerar e difundir informação, contribuindo para o emergir da “aldeia global”, onde o indivíduo é confrontado com a necessidade de uma aprendizagem permanente. Esta sociedade de informação exige uma ampla consolidação e atualização de conhecimentos, direcionando o indivíduo para um novo conceito de Educação – a construção do conhecimento, e uma nova alfabetização – a infoalfabetização.

As NTICs podem proporcionar potencialidades imprescindíveis à Educação. O que, gradualmente conduz ao reequacionamento do sistema educativo e da própria formação. Neste contexto, cada vez mais, ter-se-á de articular a escola com a sociedade de informação e do conhecimento, oferecendo condições para que todos possam ascender e selecionar, ordenar, gerir e utilizar novos produtos imprescindíveis ao ensino-aprendizagem.

Com o desenvolvimento de novos meios de difusão, a informação deixou de ser predominantemente veiculada pelo educador na escola. Atualmente, com o crescente aumento da informação, o educando chega à escola transportando consigo a imagem de um mundo que ultrapassa os limites do núcleo familiar, do educador e da própria escola. Mas pelo fato de a informação não ser conhecimento, o educando continua necessitando da orientação de alguém

que já trabalhou ou tem condições para trabalhar essa informação. Nada pode substituir a riqueza do diálogo pedagógico, portanto.

As NTICs multiplicaram enormemente as possibilidades de pesquisa de informação e os equipamentos interativos e multimídia vieram colocar à disposição dos educandos um manancial inesgotável de informações. Munidos destes novos instrumentos, os alunos podem tornar-se “exploradores” ativos do mundo que os envolve. Nesse sentido, os educadores devem orientar e acompanhar os educandos a avaliarem e gerirem, na prática, a informação que lhes chega. Este processo revela-se muito mais próximo da vida real do que os métodos tradicionais de transmissão do saber, começando a surgir na sala de aula novos tipos de relacionamento. O desenvolvimento das novas tecnologias não diminui em nada o papel dos educadores, antes, o modifica profundamente, constituindo uma oportunidade que deve ser plenamente aproveitada. Assim, o educador já não pode, em uma sociedade de informação e do conhecimento, limitar-se a ser difusor de saber. Torna-se, de algum modo, parceiro de um saber coletivo que lhe compete organizar, deixando de se apresentar como o núcleo do conhecimento para se tornar um otimizador desse saber, convertendo-se num organizador do conhecimento; fornecedor de meios e recursos de aprendizagem; estimulador do diálogo, da reflexão e da participação crítica.

Portanto, com esses meios técnicos que, como o nome sugere, facilitam a mediação, a Educação à distância tem tornado mais interativo o educando passivo e consumidor de conteúdos e facilita para que ele vá se tornando uma espécie de co-autor da construção do seu conhecimento.

Devido à sua flexibilidade e potencial interativo, a utilização dos sistemas e documentos hipermedia em contexto educativo proporciona o desenvolvimento de um percurso autônomo de aprendizagem por parte dos educandos, desmistificando simultaneamente a ideia do educador detentor de todo o conhecimento. Assim, a possibilidade de implementação de um novo modelo interativo no processo de comunicação constitui um suporte para a aproximação educador-educando, bem como uma mudança no processo ensino-aprendizagem, no qual surge um utilizador ativo que participa na organização da informação e no controle da aprendizagem.

As novas tecnologias por meio da construção de documentos hipermedia permitem a livre “navegação”, adaptando-se aos diferentes níveis de capacidade e de aprendizagem dos educandos.

No que diz respeito à motivação e à facilitação do processo ensino-aprendizagem, as NTICs podem desempenhar um papel primordial, desde que integradas corretamente no contexto pedagógico. As suas potencialidades são, de tal modo, vastas, que proporcionam uma aplicação/exploração tão abrangente e eficaz, cujo limite se encontra apenas na imaginação e criatividade do seu utilizador.

Educar e aprender talvez seja melhor do que transmitir e receber informação: é comunicar informação e conhecimento. E o papel do educador enquanto comunicador parece estar mais evidenciado quando se utilizam NTICs, evidentemente, correndo o risco de caminhos perversos como a confusão da figura do educador com a caricata imagem de mero “animador” do processo de aprendizagem. Gerir o que se cria, então, é um grande desafio quando se utilizam os recursos das NTICs.

É possível, portanto, pensar que, com o uso de NTICs, as capacidades de comunicação por parte de quem tem de criar, transmitir e compartilhar conhecimento afloram com mais intensidade, vigor e visibilidade do que quando não se usa a tecnologia.

Uma aula expositiva pode ser muito boa e ainda ter seu espaço garantido na Instituição de ensino, mas é preciso ampliar as formas de aprendizagem dos educandos, apresentando possibilidades variadas, integrando as novas tecnologias no processo pedagógico e atividades que permitam expandir e compreender, de forma mais aprofundada e abrangente, os conteúdos.

Para tanto, em uma nova sala de aula é preciso que os educandos ganhem autonomia em relação às suas próprias aprendizagens, que consigam administrar seus tempos de estudo, que saibam selecionar conteúdos que mais lhes interessam, que participem das atividades, independentemente do horário ou local em que estejam.

As tecnologias ampliam as possibilidades de ensino para além do curto e delimitado espaço de presença física de educadores e educandos na mesma sala de aula. A possibilidade de interação entre eles, objetos e informações que estejam envolvidos no processo de ensino redefinem toda a dinâmica da sala de aula e cria novos vínculos entre os participantes. Paradoxalmente, o uso adequado das tecnologias em atividades de ensino à distância pode criar laços e aproximações bem mais firmes do que as interações que ocorrem no breve tempo da aula presencial.

Um conceito para medir o grau de interação em atividades educativas é apresentado por Moore (2002), sendo denominado como “distância transacional”, ou seja, a distância

física e comunicativa em sala de aula. Para Moore (1993, p.22), a distância transacional será maior ou menor, dependendo da forma como os alunos são tratados: se “são abandonados à própria sorte, com seus materiais de estudo, ou se podem se comunicar com os educadores. Isso significa que, havendo mais comunicação entre alunos e professores, a distância entre eles é menor, independentemente da distância física”.

Com base na proposta de Moore (2002) e levando-se em consideração que a aprendizagem será mais significativa quanto maior for o grau de interação e comunicação entre os participantes do processo, novas técnicas e tecnologias vêm sendo desenvolvidas, visando obter o máximo de aproximação nas atividades realizadas à distância, no ciberespaço. Segundo o professor Romero Tori (2002):

O resultado é que, enquanto vemos muitos cursos tradicionais sustentando-se única e exclusivamente na proximidade natural de suas aulas presenciais, a Educação mediada pelas tecnologias não para de evoluir e de criar condições para a efetiva redução de distâncias. Esse avanço tecnológico pode ser utilizado não apenas em cursos à distância, mas em cursos presenciais. (TORI, 2002, p.9).

O autor ainda questiona: “Se a tecnologia pode criar aproximação onde existe distância física, não poderia ser utilizada na redução de distâncias transacionais em cursos presenciais?” (TORI, 2002, p.10) A resposta é que não apenas pode, como muitas escolas já começam a fazê-lo, principalmente no Ensino Superior, para o qual já existe a possibilidade legal de oferecimento na modalidade semipresencial. Entre as inúmeras possibilidades, Tori (2002) destaca algumas que podem ser utilizadas em uma forma híbrida (presencial/à distância) de ensino, sendo elas:

- Substituição de aulas expositivas, com grande número de educandos por material interativo *on line*, complementado por aulas presenciais, com menor carga horária e pequeno número de alunos, destinadas a atividades que envolvam discussões, esclarecimentos de dúvidas, dinâmicas de grupo, orientações;
- criação de fóruns de discussão por série, por área, por disciplina e por projeto;
- oferecimento de monitoria *on line* aos alunos;
- oferecimento de laboratórios virtuais, que permitam aos alunos a realização de experiências preparatórias, reduzindo-se o tempo necessário para experimentações em laboratórios reais ou, em alguns casos, substituindo-se laboratórios que ocupam espaço físico;
- apoio a projetos colaborativos, mesmo que realizados em sala de aula, por meio de recursos virtuais;
- oferecimento aos alunos de contas para acesso via internet a área em disco virtual, biblioteca virtual e outros recursos de apoio. (TORI, 2002, p.10-15).

Difícil pensar de forma global no futuro das relações entre educações e tecnologias. Uma coisa, porém, é certa: serão múltiplas Educações para pessoas muito diferentes. Essas diferenças estarão ligadas às condições de acesso e de uso de tecnologias cada vez mais avançadas. A lacuna que havia há cerca de dez anos entre os que tinham e os que não tinham acesso a computadores e redes vai se ampliar. Essa lacuna refere-se a um abismo com relação às possibilidades de acesso e de captação de informação proporcionado pelos meios tecnológicos. Um enorme “fosso tecnológico”, como diz Michael Lewis (2001), que vai criar largas barreiras entre educandos e educadores que usam e não usam os meios digitais para todos os fins. Crianças e jovens que fazem parte da geração *net* já exibem um perfil muito diferente dos excluídos, e as diferenças não estão apenas na fluência com que usam computadores e redes, mas também à facilidade de acesso; tendo, como consequência, o aumento das possibilidades de aprendizagem mediante as novas tecnologias.

Diante do exposto, é tarefa do educador romper com a prevalência da transmissão e converter-se em formulador de problemas, provocador de interrogações, coordenador de equipes de trabalho, sistematizador de experiências e memória viva de uma Educação que, em lugar de aferrar-se ao passado, valoriza e possibilita o diálogo entre culturas e gerações.

Seja na sala de aula entre quatro paredes, seja na aula *on line*, o educador está convidado a se inspirar nos fundamentos da interatividade e, com eles, criar e mobilizar ambientes, atividades, estratégias e articulações. Para tanto, as novas linguagens tecnológicas requerem educadores capazes de captar suas potencialidades de humanização como aborda Marco Silva (2003):

- ambientes portadores de: intertextualidade, conexões com outros sites ou documentos; intratextualidade, conexões no mesmo documento, multivocalidade, multiplicidade de pontos de vista, facilidade de uso, ambientes de fácil navegabilidade intuitiva e de transparência nas informações, mescla, integração de várias linguagens (sons, textos, imagens, dinâmicas e estáticas, gráficos, mapas); hipermídia, integração de vários suportes midiáticos abertos a novos vínculos;
- atividades de pesquisa que estimulem a construção de conhecimento, a partir de situações-problema, nas quais o sujeito possa contextualizar questões locais e globais de seu universo cultural;

- estratégias de avaliação formativa, por meio das quais os saberes sejam construídos em processo de negociações e a tomada de decisões seja uma prática constante nas autorias e coautorias;
- articulações entre diversos campos de conhecimento tomados como rede inter/transdisciplinar e, ao mesmo tempo, estímulos à participação criativa dos aprendizes, considerando suas disposições sensoriais, motoras, afetivas, cognitivas e culturais. (SILVA, 2003).

Silva (2006, p.93-109) ainda afirma que, para cuidar da sua autoria, o educador conta com algumas sugestões de interatividade formuladas pelo autor como ações concretas em favor da expressão livre e plural em ambientes de docência e aprendizagem colaborativa:

1. Propiciar oportunidades de múltiplas experimentações e expressões:

- Promover oportunidades de trabalho em grupos colaborativos;
- Desenvolver o cenário das atividades de aprendizagem, a fim de possibilitar a participação livre, o diálogo, a troca e a articulação de experiências;
- Utilizar recursos cênicos para despertar e manter o interesse e a motivação do grupo envolvido;
- Favorecer a participação coletiva em debates presenciais e *on line*;
- Garantir a exposição de argumentos e questionamentos.

2. Disponibilizar uma montagem de conexões em rede que permita múltiplas ocorrências para:

- Fazer uso de diferentes suportes e linguagens midiáticos (texto, som, vídeo, computador, internet) em mixagens e em multimídia, presenciais e *on line*;
- Garantir um território de expressão e aprendizagem labirínticos, com sinalizações que ajudem o aprendiz a não se perder, mas que, ao mesmo tempo, não o impeçam de fazer o caminho;

- Desenvolver com a colaboração de profissionais específicos, um ambiente intuitivo, funcional, de fácil navegação e que poderá ser aperfeiçoado na medida da atuação do aprendiz;
- Propor a aprendizagem e o conhecimento como espaços abertos à navegação, colaboração e criação, permitindo que o aprendiz conduza suas explorações.

3. Provocar situações de inquietação criadora para:

- Promover ocasiões que despertem a coragem do enfrentamento em público diante de situações que provoquem reações individuais e grupais;
- Encorajar esforços no sentido da troca entre todos os envolvidos, juntamente com a definição conjunta de atitudes de respeito à diversidade e à solidariedade;
- Incentivar a participação dos estudantes na resolução de problemas apresentados, de forma autônoma e cooperativa;
- Elaborar questões que convoquem os estudantes à resolução de problemas e a apresentar, defender e, se necessário, reformular seus pontos de vista constantemente;
- Formular problemas voltados para o desenvolvimento de competências que possibilitem ao aprendiz ressignificar ideias, conceitos e procedimentos.

4. Arquitetar colaborativamente percursos hipertextuais para:

- Articular o percurso da aprendizagem em caminhos diferentes, multidisciplinares e transdisciplinares, em teias, em vários atalhos, reconectáveis a qualquer instante por mecanismos de associação;
- Explorar as vantagens do hipertexto: disponibilizar os dados de conhecimento conectados e em múltiplas camadas ligadas a pontos que facilitem o acesso e o cruzamento de informações e de participações;
- Implementar, no roteiro do curso, diferentes desenhos e múltiplas combinações de linguagens e recursos educacionais retirados do universo cultural do estudante, atento aos seus eixos de interesse.

5. Mobilizar a experiência do conhecimento para:

- Modelar os domínios do conhecimento como espaços conceituais, nos quais os aprendizes possam construir seus próprios mapas e conduzir suas explorações, considerando os conteúdos como ponto de partida e não como ponto de chegada no processo de construção do conhecimento;
- Desenvolver atividades de que participem não só a livre expressão, o confronto de ideias e a colaboração entre os estudantes, mas que permitam, também, o aguçamento da observação e da interpretação das atitudes dos atores envolvidos;
- Interpretar situações de aprendizagem que considerem as experiências, os conhecimentos e as expectativas que os estudantes já trazem consigo.

Também com preocupação no trabalho do educador, porém, no aspecto comunicador da docência, o III ESA – III Encontro Continental Escola Salesiana na América, no tópico: “Da Escola Salesiana na América na Perspectiva da Cultura da Comunicação” – Região Andina – Cinab, é possível constatar que: o momento cultural em que vivemos exige da escola um novo perfil para a formação do cidadão comunicador. A perspectiva comunicativa é particularmente importante para favorecer a relação e o encontro. Por isso, é necessário prestar atenção às exigências comunicativas das gerações jovens, educá-las para o diálogo interpessoal, a abertura ao outro, respeitando sua originalidade, a vida de grupo como laboratório de relações autênticas, o redescobrimto da família, a partilha em comunidade de fé, a utilização positiva dos novos meios, a valorização do teatro, da música, da arte. (INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA, 2006).

Segundo Soares (1999), a escola da modernidade chega com normas bem definidas e um enorme caudal de serviços prestados à humanidade, porém, sem ter criado ou gerenciado suficientemente processos de interrelação cultural que a coloquem em sintonia com o novo mundo que a circunda. Assim, o novo rosto da escola necessita de cultura e da comunicação.

Para tanto, a escola de hoje deve estar sistematicamente aberta a novas fontes de saber, sejam elas convergentes ou não, já que os estudantes estão confrontados com essas fontes e necessitam ser acompanhados para aproveitá-las em seu valor ou para discuti-las com consciência crítica e lucidez. Escolas projetadas como espaços de exploração, de descobrimento e de invenção vão deixando de ser apenas centros de transmissão do saber para começar a ser cenários de descobertas coletivas e centros de produção do conhecimento.

Para resolver a questão acima se pede uma renovação tecnológica da escola que parta da alfabetização própria da sociedade da informação, para enriquecer os processos pedagógicos por meio de uma nova alfabetização multimídia, na formação de novos modos de perceber, de compreender as novas linguagens. Assim, uma escola alternativa deve favorecer novas comunidades educativas, ensaiando uma espécie de Educação multicultural e internacional. O mundo virtual permite conformar comunidades que, transcendendo limites de espaço e tempo, potenciem novos valores de convivência e novos âmbitos de produção e discussão do saber.

A concepção de educação que, ao assumir uma dimensão eminentemente prescritiva do ato educativo, tende a valorizar, sobretudo, a difusão da informação e a aquisição de aptidões específicas por parte dos alunos, por meio da utilização de metodologias que se caracterizam por sua sistematicidade padronizada e se polarizam, sobretudo, nos conteúdos a aprender. Gera-se, assim, um ambiente educativo que se desenvolve em função: de um clima de relacionamento pedagógico subordinado à afirmação do magistrocentrismo como modalidade reguladora do processo de reprodução do saber; de processos comunicativos por meio dos quais se configura um espaço estratégico fundamental, no seio do qual a difusão da informação adquire maior importância que a comunicação entre os diversos atores.

O paradigma pedagógico que se caracteriza por valorizar a qualidade dos mais variados tipos de interações que acontecem em uma sala de aula como fator potenciador das aprendizagens dos alunos. Trata-se aqui do paradigma da comunicação que pode ser caracterizado como o produto resultante da emergência de uma concepção acerca do que se entende por ser e tornar-se pessoa. Pontecorvo (2003), inspirada em Bakhtin, afirma que os significados que atribuímos às coisas, aos fatos e aos acontecimentos não se geram a partir do interior da mente de quem quer que seja, mas do diálogo que alguém tem oportunidade de estabelecer com outros seres humanos, em função do qual um indivíduo se envolve em um processo de compreensão ativa da perspectiva dos outros e da procura de respostas que são afinal, o efeito das interações entre quem fala e quem ouve como se estivéssemos perante uma fâsca elétrica que nos ilumina quando se põem em contato os dois terminais de uma bateria.

Os saberes que vamos construindo serão o resultado de um processo de comunicação, conduzindo-nos, assim, a concluir que é o modo como as interações pedagógicas contribuem para que os alunos possam beneficiar do contato ou mesmo do confronto com os professores, com os saberes já estabelecidos e com os seus pares que importa discutir.

No atual momento, não se trata mais de nos perguntarmos se devemos ou não introduzir as novas tecnologias da informação e da comunicação no processo educativo. Já na década de 80, educadores preocupados com a questão consideraram inevitável que a informática invadisse a educação e a escola, assim como ela havia atingido toda a sociedade (Monteiro & Rezende, 1993). Atualmente, professores de várias áreas reagem de maneira mais radical, reconhecendo que, se a educação e a escola não abrirem espaço para essas novas linguagens, elas poderão ter seus espaços definitivamente comprometidos (Kawamura, 1998).

Sabemos, entretanto, que os meios, por si sós, não são capazes de trazer contribuições para a área educacional e que eles são ineficientes se usados como o ingrediente mais importante do processo educativo, ou sem a reflexão humana. Mesmo aqueles que defendem a tecnologia, proclamando apenas seus benefícios, deveriam considerar que a tecnologia educacional deve adequar-se às necessidades de determinado projeto político-pedagógico, colocando-se a serviço de seus objetivos e nunca os determinando.

Embora seja verdade que a tecnologia educacional não irá resolver os problemas da educação, que são de natureza social, política, ideológica, econômica e cultural, essa constatação não nos pode deixar sem ação frente à introdução das inovações tecnológicas no contexto educacional. Ainda é preciso continuar pesquisando sobre o que as novas tecnologias têm a oferecer à educação, para que tenhamos condições de formar uma visão crítica fundamentada sobre o seu uso.

Nesse processo, o mais importante é considerar essa oportunidade como fundamental para questionarmos o paradigma tradicional de ensino ainda hegemônico no contexto educativo. O ideal é aproveitar este momento para incorporar novos referenciais teóricos à elaboração de materiais didáticos ou à prática pedagógica até porque as novas tecnologias podem propiciar novas concepções de ensino-aprendizagem.

Esse deve ser o grande desafio em qualquer projeto de inovação tecnológica na área educacional. Afinal, se a tecnologia não recebe o tratamento educacional necessário, o alcance do projeto tende a ser efêmero, não alterando o cotidiano de professores e alunos nem trazendo contribuições ao processo de ensino-aprendizagem (Candau, 1991, p. 14-23).

A introdução de novas tecnologias na educação não implica necessariamente novas práticas pedagógicas, pois com ela pode-se apenas vestir o velho com roupa nova, como seria o caso dos livros eletrônicos, tutoriais multimídia e cursos a distância disponíveis na Internet, que não incorporam nada de novo no que se refere à concepção do processo de ensino-

aprendizagem. Dessa forma, as novas tecnologias são usadas apenas como instrumento (Preto, 1996), o que tende a ser inócuo na educação se não repensamos os demais elementos envolvidos nesse processo. Assim considerado, “sua utilização acaba por resultar quase sempre em aulas em vídeo iguais às da escola de hoje, ou a textos em microcomputadores, interativos e auto-instrutivos, mais limitados que os livros existentes nas estantes escolares” (Kawamura, 1998).

Acreditar, entretanto, que novas práticas pedagógicas implicam o uso de novas tecnologias, confiando à tecnologia educacional a renovação da educação, seria uma visão extremamente tecnicista do processo educativo. Para Dillon (1996), acreditar que qualquer nova tecnologia nos oferece os meios de resolver nossos problemas educacionais é fazer parte da nova tecnocracia. Segundo ele, essa nova tecnocracia não é muito diferente da velha tecnocracia das máquinas de ensinar de Skinner, mesmo que admitamos avanços teóricos de lá para cá.

Se as novas tecnologias não implicam novas práticas pedagógicas nem vice-versa, aparentemente poderíamos dizer que não há relação entre essas duas instâncias. Entretanto, isso não é necessariamente verdade, se considerarmos que o uso das novas tecnologias pode contribuir para novas práticas pedagógicas desde que seja baseado em novas concepções de conhecimento, de aluno, de professor, transformando uma série de elementos que compõem o processo de ensino-aprendizagem.

A forma, a utilização das novas tecnologias poderá contribuir para a elaboração de materiais didáticos e para a prática pedagógica e a separação entre a tecnologia e o contexto educativo apenas facilita a exposição das ideias, mas a concepção de tecnologia educacional aceita atualmente é aquela que considera como tecnologia tudo o que os professores fazem a cada dia para enfrentar o problema de ter de ensinar a um grupo de estudantes determinados conteúdos com determinadas metas (Sancho, 1998), independentemente do uso de meios tecnológicos para esse fim.

O principal aspecto a ser questionado sobre a elaboração de materiais didáticos mediatizados por novas tecnologias da informação e da comunicação é a sua contribuição para novas concepções da aprendizagem.

Carraher (1992, p. 21-30), referindo-se à informática, considera que sua contribuição é (apenas) de ordem tecnológica e não conceitual, o que significa que ela não oferece subsídio para elaboração de novas ideias acerca dos processos de aprendizagem ou ensino.

Desde que usadas como fundamento do processo de ensino-aprendizagem e não como mero instrumento, Pretto (1996) admite, numa visão oposta, que as novas tecnologias podem representar uma nova forma de pensar e sentir ainda em construção, vislumbrando, assim, um papel importante para elas na elaboração do pensamento.

Vista dessa perspectiva, a concepção de materiais didáticos que incorporem novas tecnologias, capazes de oferecer uma reestruturação do processo de aprendizagem, depende do esforço de relacionar novas abordagens teóricas sobre a aprendizagem a seu desenho instrucional. Tomando, porém, como exemplo a pesquisa no campo da informática educativa nos últimos dez anos, pode-se observar que a transferência de descobertas nas ciências cognitivas e sociais para a prática do planejamento de materiais didáticos raramente é um processo tão direto (Dillon, 1996), o que representa o grande desafio para os projetos de inovações tecnológicas na escola.

O construtivismo tem sido ultimamente a abordagem teórica mais utilizada para orientar o desenvolvimento de materiais didáticos informatizados, principalmente o de ambientes multimídia de aprendizagem (Boyle, 1997). Podemos considerá-lo como um guarda-chuva que tem dado origem a diferentes propostas educativas que incorporam novas tecnologias, às vezes de forma implícita, às vezes de forma explícita.

O fato de a abordagem construtivista ser hoje predominante não significa uma tendência única refletida nos materiais didáticos, mesmo porque a ideia de construção do conhecimento está presente na obra de vários autores, como Piaget, Vygotsky, Wallon, Paulo Freire, Freud, entre outros (Grossi & Bordin, 1993, citado por Bastos, 1998) e, dependendo de qual deles seja o referencial eleito, configura-se uma proposta pedagógica um pouco diferenciada.

Apesar das diferenças entre as concepções teóricas desses autores sobre o construtivismo, há elementos comuns que são fundamentais. Talvez o mais marcante seja a consideração do indivíduo como agente ativo de seu próprio conhecimento, o que no contexto educativo desloca a preocupação com o processo de ensino (visão tradicional) para o processo de aprendizagem. Na visão construtivista, o estudante constrói representações por meio de sua interação com a realidade, as quais irão constituir seu conhecimento, processo insubstituível e incompatível com a ideia de que o conhecimento possa ser adquirido ou transmitido. Assumir esses pressupostos significa mudar alguns aspectos centrais do processo de ensino-aprendizagem em relação à visão tradicional.

À medida que professores e elaboradores de materiais didáticos que incorporam as novas tecnologias apropriam-se dos pressupostos teóricos construtivistas, estes tomam uma feição diferenciada, parecendo mesmo apoiarem-se em abordagens diferentes. Isso pode, de fato, acontecer porque não há uma correlação perfeita entre pressupostos teóricos do construtivismo e as características técnicas de materiais didáticos.

A transferência da teoria para a prática do desenho instrucional não é fácil nem óbvia e, muitas vezes, as iniciativas de usar os pressupostos construtivistas no desenvolvimento de ambientes tecnológicos de ensino-aprendizagem ficam aquém da intenção inicial. Procurando colocá-los em prática, materiais didáticos que incorporam as novas tecnologias têm como característica principal passar para as mãos do estudante o controle de sua aprendizagem, tornando possível uma interação na qual ele “ensina” à tecnologia (Valente, 1993) mais do que aprende com ela.

A epistemologia construtivista relaciona-se fundamentalmente com a ideia de construção, o que no planejamento de materiais didáticos informatizados pode ser traduzido na criação de ambientes de aprendizagem que permitam e deem suporte à construção de alguma coisa ou ao envolvimento ativo do estudante na realização de uma tarefa, que pode ser individual ou em grupo, e a contextualização dessa tarefa. Para isso, oferecem ferramentas e meios para criação e manipulação de artefatos ao invés de apresentarem conceitos prontos ao estudante.

Para Morgan (1995), a oposição entre os papéis, ativo e passivo do aluno frente à aprendizagem é insuficiente. Com o conceito de abordagem profunda, a autora pretende dar ênfase à apropriação das estratégias metacognitivas pelo aluno na interação com materiais didáticos informatizados. Essa perspectiva quer marcar a diferença em relação ao processo tradicional de ensino, no qual o aluno interage com o conteúdo visando apenas à avaliação.

Para que o aluno desenvolva uma abordagem profunda à sua aprendizagem, é necessário que ele adquira a consciência do que consiste aprender, etapa que será fundamental no processo.

Em outras palavras, o mais importante é aprender como aprender, como construir e refinar novos significados. A metacognição pode, assim, ser associada à resolução de problemas, quando, além de refletir sobre a solução, o indivíduo reflete sobre suas próprias abordagens ao problema. Essa reflexão pode gerar estratégias alternativas mais produtivas. O

alvo do processo educativo passa a ser a habilidade de reflexividade (Cunningham et al., 1993) e não a de memorização.

Em termos mais técnicos, Perkins (1992) delinea cinco elementos que podem fazer parte de ambientes informatizados de aprendizagem (“bancos de informação”, “utensílios para processamento de símbolos”, “ferramentas de construção”, “bancos de fenômenos” e “gerenciador de tarefas”) e discute o impacto do construtivismo sobre esses ambientes, dependendo de quais deles são selecionados. Os bancos de informação são depósitos de informação, como livros-texto, livros de referência ou banco de dados informatizados. Utensílios para processamento de símbolos são superfícies para manipulação de símbolos como, por exemplo, blocos de notas ou processadores de texto. Ferramentas para construção são conjuntos de componentes que fornecem materiais para atividade de construção como, por exemplo, uma linguagem de programação. Bancos de fenômenos são exemplos de fenômenos a serem estudados. Finalmente, gerenciadores de tarefas estabelecem as tarefas de aprendizagem, monitoram o progresso e avaliam os resultados.

A maior ênfase num desses componentes do que em outros pode levar a diferentes configurações de projetos de inovação tecnológica na educação. Uma sala de aula tradicional, por exemplo, prioriza os bancos de informação e os utensílios para processamento de símbolos. O professor tradicional, em geral, faz o papel de gerenciador de tarefas. Em software educacional do tipo tutorial ou de exercício e prática, o computador tem um forte papel de gerenciador de tarefas, uma vez que estabelece a sequência de tópicos a serem trabalhados e os objetivos a serem alcançados.

Perkins (1992) classifica como construtivista o ambiente de aprendizagem que ofereça ao aluno ferramentas de construção e a possibilidade de interação com a realidade, muitas vezes simulada. O computador é usado como ferramenta para gravar, analisar e comunicar interpretações da informação entre os participantes. O estudante deverá construir seu próprio banco de informações e assumir a responsabilidade pelo gerenciamento das tarefas de aprendizagem.

Se, por um lado, o construtivismo tem sido considerado, hoje em dia, uma abordagem mais adequada para se compreender a cognição humana, como pode ser visto pela ampla aceitação que alcançou recentemente, por outro, é verdade que esse referencial permanece ainda mais descritivo do que prescritivo (Jonassen, 1991) e que há necessidade de pesquisa para testar, validar e/ou alterar as perspectivas de desenho instrucional que ele oferece.

A incorporação das novas tecnologias da informação e da comunicação na educação tem consequências tanto para a prática docente como para os processos de aprendizagem. Restringir-se ao exame de algumas implicações, de ordem pedagógica, das inovações tecnológicas sobre a educação, portanto a uma visão parcial da situação, na medida em que não foram discutidas as condições políticas e sociais que estruturam as práticas escolares.

Mesmo sem o aprofundamento da questão político-social, não é difícil perceber que a tecnologia tem um papel de destaque no momento social em que estamos vivendo. O aluno de hoje, de todos os níveis de ensino, com o acesso (maior ou menor) às novas tecnologias em seu cotidiano, começa a desempenhar um novo papel no contexto escolar. Apresenta vantagens em relação ao aluno de dez anos atrás, porque traz para a escola maior conhecimento factual e demonstra necessidades e expectativas mais objetivas quanto à sua formação. Como resposta a essa realidade, é fundamental o questionamento da postura tradicional do professor enquanto detentor do poder e do conhecimento, em total descompasso com as tendências atuais de incorporação das novas tecnologias da informação e da comunicação na educação, segundo a perspectiva construtivista.

Esperamos ter deixado claro, ao longo do trabalho, que a introdução das novas tecnologias da informação e da comunicação no contexto educacional só pode significar um avanço para o cotidiano de professores e alunos, se essa aliança não se caracterizar somente pela presença da tecnologia (Dillon, 1996). Pela sucinta análise desenvolvida aqui, a relação entre a tecnologia educacional e a prática pedagógica pode ser de colaboração, desde que a tecnologia seja subjugada aos objetivos pedagógicos. Isso quer dizer que professores, coordenadores, elaboradores de materiais e alunos estarão discutindo o seu papel, e que esse processo poderá ser um impulso para a abertura da mentalidade dos professores (Kawamura, 1998) e para o questionamento dos paradigmas tradicionais de ensino-aprendizagem cristalizados em nossa cultura, cuja fundamentação está enraizada no objetivismo (Jonassen, 1996).

Diante do exposto, pode-se, então, afirmar que a escola de hoje é para aprender, não só para transmitir conhecimentos. Trata-se de aprender a ler a realidade, o que implica a necessidade de compreender os ecossistemas comunicativos. Ante esses desafios, a escola está constantemente chamada a passar para uma aprendizagem dialógica e socialmente significativa; uma aprendizagem que supere as concepções academicistas e se abra a um horizonte de solidariedade, igualdade e transformação social, com o exercício efetivo de cidadania.

4. INTERIORIZAÇÃO DOS PRINCÍPIOS ÉTICOS E EPISTEMOLÓGICOS DA FACULDADE SALESIANA MARIA AUXILIADORA PARA CONSTRUÇÃO DA CULTURA EDUCOMUNICATIVA

A missão da escola enquanto espaço de Educação é formar cidadãos plenos: capazes de produzir e serem competentes para gerir a sociedade, de forma que todos possam usufruir dos bens produzidos. Para tanto, precisa construir conhecimentos, habilidades e valores. Alguns afirmam que a tecnologia mudará completamente a maneira de como as sociedades organizam seus sistemas educativos, bem como a forma de conceber o processo de formação das pessoas. Sabe-se que, até agora, a Educação escolar continua sendo essencialmente uma conversa entre as duas gerações, um diálogo que transmite a tradição, apoia o crescimento e ajuda a enfrentar o futuro.

No interior da escola, um ponto que chama atenção: o educador, formado pelo mesmo sistema educacional que o educando, reproduz o modelo secular da aula expositiva, onde só ele fala e a turma anota – de forma passiva. De modo geral, o mestre, como a maioria dos cidadãos, não participa ativamente como ator político na sociedade – poucos exercem uma cidadania proativa. A falta desta vivência implica passar conhecimentos sobre o tema, sem convicção.

Sem dúvida, aqueles adultos capazes de aprender por si mesmos encontrarão, na tecnologia, um poderoso aliado para crescer e se desenvolver. No entanto, esta ainda não é uma capacidade muito comum e muitos continuarão precisando do afeto e do olhar de outros para se sentirem apoiados, estimulados e motivados a aprender.

A humanidade está caminhando para um cenário bem próximo, onde serão muitas as famílias que disporão de máquinas que funcionem como poderosos canais de acesso a inúmeros serviços multimídia, com um grande número de possibilidades de comunicação, informação, entretenimento, cultura e Educação. Mas transformar esses meios em poderosas ferramentas de crescimento pessoal dependerá da intenção das pessoas ao utilizá-los e também, sem dúvida, de suas capacidades.

4.1. A FACULDADE SALESIANA MARIA AUXILIADORA E SEUS PRINCÍPIOS ÉTICOS E EPISTEMOLÓGICOS

Sabe-se que o futuro não depende tanto das tecnologias em si, mas do que sejamos capazes de fazer com elas, tendo-se, então, a responsabilidade de atentar para o que vem pela frente e, simultaneamente, explorar as potencialidades das atuais tecnologias. Alguns passos, nesse sentido, poderão ser dados tais como:

- Ser rigorosos, já que este é um terreno tanto de promesas como de miragens;
- Ser equilibrados, já que a responsabilidade é a Educação e não a novidade tecnológica;
- Ser inovadores, para adaptar a tecnologia às próprias necessidades;
- Ser honestos, para reconhecer o que funciona e o que não funciona, de acordo com os objetivos educativos;
- Ser pacientes e persistentes, para impulsionar políticas que aproveitem as rápidas mudanças tecnológicas, além das mudanças em Educação.

Se em algum momento pensou-se que esta seria uma tarefa passageira, produto da explosão de um novo tipo de tecnologia, hoje sabe-se que não é assim. A inovação tecnológica de nossos tempos não é algo passageiro. A rapidez com que se expandem as novas tecnologias e seu impacto nos mais diversos âmbitos de atividade são traços permanentes da modernidade. Para integrar uma Educação pertinente às necessidades dos cidadãos, terá que prepará-los para viver nesse cenário cambiante, e isso só poderá ser feito se se prestar atenção à direção das mudanças, assimilando os códigos do novo mundo.

Nesse tempo de mudanças vertiginosas e de tantas promessas, a colaboração é uma necessidade. Necessita-se aprender uns com os outros. Não há respostas únicas, e sim opções. Necessário se faz tecer uma plataforma, uma rede de cooperação que possibilite e facilite o intercâmbio e a aprendizagem entre os diferentes projetos. É preciso construir espaços de confiança e instâncias de colaboração onde seja possível dialogar e intercambiar saberes e experiências cotidianas, compartilhar novos desafios e transformá-los em novas oportunidades.

A partir do avanço das novas tecnologias midiáticas, começam a despontar esperanças de interferir nesse modelo escolar, que afeta a qualidade da Educação e, em especial, a

formação para a cidadania. As áreas da Comunicação e da Educação começam a confluir, surgindo um outro campo de saber – a Educomunicação – que vai facilitar a construção do cidadão pleno, capaz de intervir no curso, tanto de sua vida como na da sociedade.

A Visão de Futuro da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora – FSMA configura a situação desejada e seu contexto de atuação ao longo do tempo, na qual é proposto:

Ser reconhecida pela excelência de seu processo educacional e pela contribuição na formação de pessoas capazes de intervir na sociedade local, regional e internacional, que sejam livres e felizes, através de:

- Métodos de ensino atualizados e eficazes, com ênfase na Ciência, Filosofia e Arte, que favoreçam a transformação de conhecimentos e tecnologias em experiência de vida;
- Linha investigativa própria do espírito de inquiridor, de interesse da comunidade local e regional;
- Tornar-se instituição autossustentável, com satisfação total de seus destinatários e da mantenedora. (FACULDADE SALESIANA MARIA AUXILIADORA, s.d., s.p.).

Essa Missão exprime o propósito da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora (FSMA), segundo uma perspectiva ampla. Ao mesmo tempo, individualiza e distingue a razão de ser da Instituição e identifica o escopo de suas operações em termos de atendimento aos padrões de excelência de qualidade na Educação. Dessa forma, ainda segundo o site da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora (s.d.):

A FSMA assume o compromisso com seus educandos de perpassar o crivo educativo cristão humanístico, através de docência competente e recursos pedagógicos e tecnológicos atualizados, tendo em vista a formação de cidadãos capazes de intervir na sociedade local, regional e internacional com os conhecimentos cultivados e adquiridos na sua trajetória acadêmica. (FACULDADE SALESIANA MARIA AUXILIADORA, s.d., s.p.).

Ainda na sua proposta educativa, a Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora (FSMA) estimula toda a sua comunidade acadêmica a crer:

- Na Educação, como fator preponderante para o progresso e desenvolvimento da região e do país;
- Nas pessoas e no seu potencial de gerar alternativas de transformação no âmbito civil e eclesial;
- Na participação e na sinergia resultante deste processo;
- Nos princípios éticos e na justiça como base para as relações interpessoais;
- Na ciência e na tecnologia como propulsoras do bem comum;
- Na comunicação, de forma transparente, como fator de integração dos processos e das pessoas no sistema. (FACULDADE SALESIANA MARIA AUXILIADORA, s.d., s.p.).

O Encontro da Escola Salesiana da América – III ESA – definiu, entre as políticas orientadoras: “concentrar-se no compromisso de construir ecossistemas comunicacionais ricos de intencionalidade educativa, como busca de sentidos e ressignificação das relações sociais e a orientação dos processos educativo-pastorais para uma ação comunicativa que gere uma cidadania ativa”.

Nesse sentido, a Educomunicação orienta as comunidades educativas a assumirem, com maior consciência, os aspectos comunicativos do Sistema Preventivo, e transitar, com competência, na nova cultura digital, para dar um aporte significativo à qualidade da comunicação.

Para tanto, no Congresso Internacional com a temática: “Sistema Preventivo e Direitos Humanos”, realizado em Roma, nos dias 2 a 6 de janeiro de 2009, no pronunciamento de abertura o Reitor-mor dos Salesianos - Pe. Pascual Chávez Villanueva, *apud* Fistarol (2009) diz que:

Nossa época demonstra ter confiança na Educação; empenha-se por estendê-la a todos; procura adequá-la constantemente aos desafios que surgem no campo do trabalho, dos conhecimentos e da organização social; confia-a sempre mais a instituições especializadas. A Educação tornou-se um direito reconhecido e uma aspiração de toda pessoa. Apesar da confiança na Educação, temos a impressão de que há, em relação a ela, uma distância sempre crescente entre aspirações e possibilidades, entre declarações e execuções, entre intenções e realizações. Torna-se difícil definir-se diante da Educação numa cultura marcada pelo pluralismo das convicções e comportamentos; pela caducidade e substituição veloz dos conhecimentos; pela socialização dos bens culturais; pela escolarização generalizada e a universidade de massa; pelo papel dominante dos meios de comunicação social na cultura moderna; pelo desenvolvimento do setor quaternário que privilegia a

inovação constante e a pesquisa. Sociedades e instituições de todos os tipos parecem frágeis e desorientadas diante do pedido de sentido feito pelos jovens. (VILLANUEVA *apud* FISTAROL, 2009, p.30).

Também, o Papa Bento XVI demonstra sua preocupação com a questão educacional quando, um ano antes do Pe. Pascual Chávez Villanueva, fala sobre a emergência educativa. Na carta à diocese de Roma, em 2008, *apud* Fistarol (2009), ele afirma que:

Educar nunca foi fácil, e hoje parece tornar-se sempre mais difícil. Sabem-no bem os pais, os educadores, os sacerdotes e todos os que desempenham responsabilidades educativas diretas. Fala-se, por isso, de uma grande “emergência educativa” confirmada pelos insucessos com os quais, com muita frequência, confrontam-se os nossos esforços para formar pessoas sólidas, capazes de colaborar com os outros e dar sentido à própria vida. [...] Há uma atmosfera difundida, uma mentalidade e uma forma de cultura que fazem duvidar do valor da pessoa humana, do próprio significado da verdade e do bem, em síntese da bondade da vida. Torna-se difícil, então, transmitir de uma geração a outra algo de válido e de certo, regras de comportamento, objetivos críveis em base aos quais construir a própria vida. (BENTO XVI *apud* FISTAROL, 2009, p.30).

Trata-se, portanto, de proporcionar uma Educação que habilite as pessoas a adaptar-se à sociedade do conhecimento. A sociedade tecnológica em que vivemos há muito tempo vem fazendo uso de sistemas de informação com base nas tecnologias de informação e de comunicação. Esses sistemas, com a difusão da internet, passaram a fazer parte do dia a dia pessoal e profissional das pessoas.

Na busca de interiorização dos princípios éticos e epistemológicos para a construção de uma cultura educacional, alguns passos se fazem necessários: “Na lógica dos processos, cada meta atingida é somente o ponto inicial de um caminho sucessivo. Nesse sentido, são propostos alguns desafios que são também prospectivas para o caminho futuro em todos os níveis”:

- a) **“O desafio da sinergia e da convergência dos processos na ótica da missão comum”**. A estratégia da coordenação requer mudança de mentalidade, empenho constante feito de pequenos passos, envolvimento de todos os membros da Comunidade Educativa. Exige proceder em interação, trabalhar com âmbitos para fortalecer relações interpessoais humanizantes. A sinergia se torna eficaz à medida que os procesos são partilhados de modo mais abrangente e realizados e acompanhados em nível local.

- b) **“O desafio da mentalidade processual e não apenas mentalidade de ação”**. Proceder nesta linha pressupõe uma sequência de passos pensados e organizados gradualmente, e de acordo com as pessoas em contínuo devir. Isto implica flexibilidade e capacidade de entrar na lógica dos tempos longos, respeitando as fases de desenvolvimento das pessoas em interação crítica com as realidades interculturais e interreligiosas. A mentalidade de processo ratifica a elaboração do projeto e a busca de estratégias para transformar a realidade, segundo os critérios evangélicos.
- c) **“O desafio do diálogo com a cultura”**. A cultura contemporânea interpela e pede para sermos abertos ao mundo dos educandos e aceitar mudar com eles. Deste modo, é importante primar pelo diálogo com a cultura e em particular com as culturas juvenis. É necessário, ainda, discernir tudo aquilo que pode ser interpretado em chave pessoal. Esta é uma atitude e um aspecto específico do Sistema Preventivo, proposta educativa salesiana, que considera a Educação um processo que assume na integridade a realidade humana e a globalidade da pessoa. É um desafio que oferece oportunidade de incidir de modo preventivo sobre a vida dos educandos.
- d) **“O desafio de estar com os jovens/educandos”**. Fortalecer o clima de família, as relações de “amorevolezza” e cuidar, em particular, da pedagogia do ambiente que valoriza os recursos de toda a Comunidade Educativa, projetada para ser um lugar de esperança para os educandos. Fortalecer, hoje, o acompanhamento dos educandos dentro dos ambientes educativos se constitui uma experiência importante no cultivo da fé – aprender a crer, dando sentido e significado à própria vida.
- e) **“O desafio de uma formação adequada e permanente sobre a comunicação”** de toda a comunidade educativa. Os atuais avanços da comunicação configuram a humanidade como um conjunto/pluralidade de pessoas/sujeitos capazes de ser, não somente consumidores, mas produtores de linguagens, de arte, de ideias, de significados, de valores e de cultura. Surgem, portanto, de modo novo e urgente, tanto a questão ética acerca da comunicação e das tecnologias comunicativas, quanto o compromisso sócio-político com a qualificação humana da comunicação, não se tratando somente do uso das ideias que qualificam ou alienam a vida de todos e de cada um. (REDE SALESIANA DE ESCOLAS, 2010, p.97-98).

O caminho da Educação-comunicação-cidadania, lança como prospectiva, melhorar a interação entre todos os campos de formação. Isto significa iniciar e reforçar processos de Educomunicação em todos os níveis, favorecendo a colaboração e o apoio recíproco em todos os espaços onde há a intenção educativa.

Cangià (2008) destaca como é necessário refundar as práticas comunicativas partindo do relacionamento e da experiência com as origens corpóreas, manuais, dos sinais e das mensagens, em uma sociedade que caminha cada vez mais para o consumo virtual. As linguagens expressivas garantem a multiplicidade, a complexidade e o entrelaçar-se da comunicação, qualidades sem as quais o papel de “atores sociais” das crianças/adolescentes/jovens aconteceria de modo anônimo e sem identidade.

A ênfase na reciprocidade, que permite “reconhecer-se” como um dom recebido a ser restituído ao longo da vida, que favorece a dinâmica dialógica da pessoa, o seu crescer com e para os outros na abertura à comunidade e em vivência humana continuamente renovada por novas presenças é o contorno de toda reflexão aqui realizada e prática do educar à comunicação como realidade multidimensional.

3.2. COMUNICAÇÃO PARA A CIDADANIA

Essa evolução tecnológica, que surgiu após a Segunda Guerra Mundial, contribuiu para que as comunicações assumissem importante papel político no mundo globalizado, propiciando o surgimento de um novo espaço público para a discussão política, para apropriação e para a circulação de novos sentidos.

Entende-se por globalização uma tendência do capitalismo, que se intensificou na segunda metade do século XX, com o avanço das novas tecnologias e da comunicação, fragmentando e internacionalizando o modo de produção, segundo os interesses do capital, e que provocou consequências significantes na vida social do planeta, a partir da década de 1990.

Além disso, não há dúvida de que se vai consolidando, principalmente na América Latina, uma teoria de referência que sustenta a interrelação Comunicação/Educação como um campo de diálogo, espaço para o conhecimento crítico e criativo, para a cidadania e solidariedade.

A comunicação para a cidadania constitui uma reflexão sobre o papel da comunicação na formação dos valores da participação, responsabilidade, solidariedade, democracia e paz. Conduz ao compromisso responsável de transformação do ambiente em que se vive como exercício de cidadania. Necessário se faz, portanto, propor à comunidade a participação na análise e na formulação de políticas públicas de comunicação para o ambiente onde se vive.

Desde o momento em que educadores e educandos dominam os meios de comunicação, se constituem como cidadãos ativos, conscientes e participativos, capazes de escolher a informação que desejam em um universo em constante mudança.

O grande desafio no cenário educacional, para toda a comunidade educativa envolvida no processo educacional, é compreender que são atores da produção, distribuição, consumo da informação, dos meios de comunicação e do seu impacto social e cultural. A Educação busca caminhos que lhes permitam interagir com os jovens “*on line*” e “*off line*”, para formar cidadãos globais informados e formados, cultos, criativos, críticos, compassivos, solidários, que possam ser capazes de lutar pela justiça social nesta nova paisagem cultural.

Santos (2004), na sua obra: *O que é o pós-moderno?* enfatiza a falta de sentido e de coerência de valores que toma conta da vida das pessoas nos tempos atuais, faltando referências.

O uso compartilhado das novas tecnologias reconfigura o espaço público para discussão e a ação política. Para Resende (1999, p.36), “a história do espaço público é a história da criação de sentidos”, desde a Grécia Antiga até hoje. É um espaço de conflito permanente, mas que possibilita, se for bem aproveitado, o avanço da democracia e da cidadania.

Numa entrevista realizada pela Revista Comunicação & Educação com o comunicólogo Armand Mattelart e que foi publicada em setembro/dezembro de 1999, ele afirmava sobre a necessidade de se utilizar a tecnologia em favor de exercício da cidadania. Evoca-se o tempo em que se considerava que a internet constituiria uma *Ágora* que resolveria os desequilíbrios sociais e constata a virada da informação constituindo-se em lógicas mercantis, onde tudo é negociado. Mattelart (1999) ainda enfatiza o papel protagônico da Educação, uma vez que nas sociedades existem cada vez mais excluídos e só na medida em que todos podem ascender ao conhecimento proveniente destas tecnologias que criam uma nova cultura, é que se poderá trabalhar a serviço de todos. Mattelart afirma que:

[...] esta problemática deve ser transformada em problemática cidadã. De outro modo, nunca poderemos reformar o sistema. Creio que será um trabalho longo, porém, me parece fundamental. Nada se auto-regulamentará. Isto é completamente falso. A auto-regulamentação não se dá se não existir uma intervenção de cidadania contra interesses privados. (MATTELART, 1999, p.72).

Sabe-se que a Educação tem hoje um compromisso político na formação de um cidadão integral se fazendo necessário manter uma reflexão permanente sobre o significado de “ser cidadão”. É oportuno questionar-se de como instaurar uma coesão política num cenário social multicultural, polissêmico, diferenciado, no qual surgem novos autores sociais na participação política.

As motivações que levam os profissionais a estabelecerem vínculos entre comunicação e Educação estão permeados por possibilidades ainda não conquistadas. Os educadores acreditam na mediação da comunicação com e para a Educação, enquanto ação política de intervenção no social fragmentado complexo da pós-modernidade, estruturado sobre a lógica do poder econômico financeiro internacional e do fenômeno da globalização.

O primeiro ponto de confluência entre Educação, comunicação e formação do cidadão, portanto, está na mudança de foco. Na Educação, ele sai do sistema educacional e do professor, e vai centrar-se no aluno. Com os estudos de mediação, na comunicação, o enfoque sai do emissor/produzidor para entender o receptor como co-produzidor. No desenvolvimento da cidadania, do ponto de vista de Gramsci, a importância deixa de estar na superestrutura, nos governos e nos políticos, e vai valorizar o cidadão. Portanto, a chave para a mudança está nos estudos da mediação nos três campos, a saber: Educação, comunicação e formação para a cidadania.

E a pergunta que surge com essa colocação é: como repensar a cidadania como um espaço em que os cidadãos ressignifiquem criticamente determinadas linguagens e práticas, reorganizem criativamente a memória dos símbolos, signos, ritos, mitos que tornam possíveis o sentido e a participação?

As intervenções político-sociais da Educomunicação se orientam por meio da formação de uma consciência ética e uma prática encaminhada à transformação da sociedade. O que dá suporte à ação educacional é uma releitura das utopias sociais. A ação política se faz concreta na formação de cidadãos críticos, participativos, criativos, interlocutores; cidadãos que sejam capazes de interagir e transformar o contexto em que estão inseridos. Para

tanto, se requer uma comunicação que proponha a credibilidade no ser humano, sua constância na prática de relações solidárias e humanizadoras, gerando, assim, uma cidadania promotora de consciência ética e de valores estéticos, que encontra no rosto do outro marca indelével da subjetividade, da originalidade do ser humano.

A comunicação considera estas novas subjetividades, sobretudo dos jovens, com sua capacidade de expressão multicultural, seu conhecimento híbrido, globalizador, penetrado pela cultura da oralidade e da imagem, como um novo modo de construir a memória histórica informatizada. Mas surge daí outro questionamento: como formar estes jovens cidadãos, como sujeitos autônomos, sem evadir a necessidade de uma mudança de gestão comunicativa no mundo da Educação?

A concepção de “cidadania”, hoje, é itinerante e processual no que concerne à sua identidade. O conceito tradicional de cidadania já não responde aos imperativos do mundo pós-moderno. O mundo em que movemos nos faz passar do local ao mundial, de experiências únicas a experiências múltiplas, do compacto ao fragmentado, de comunidades reais a comunidades virtuais, do singular ao plural, das tradições à diversidade cultural. Esse transitar de um pólo a outro constitui a realidade vivencial do jovem da nossa era.

Falar em “cidadania” nas relações comunicacionais dentro da “*polis*” remete a ressignificar o conceito espacial. A “*ciberpolis*”, então, possibilita a reflexão de que os sujeitos passam a ser “cibercidadãos”, implicando, inclusive, possíveis novas formas de alfabetização: a escrita multimodal, quer seja, a multimídia, que utiliza uma gama de formas tecnológicas de comunicação.

Neste cenário, a internet passa a ser também espaços para o exercício político, possibilitando o surgimento de novas comunidades democráticas, nas quais a liberdade de expressão e criação são mais amplas. Da mesma forma, também as redes de internet criam centros de poder, capazes de produzir significados múltiplos e transformadores: fluidez, heterogeneidade, interatividade, interconexão, reciprocidade. Estabelece-se, então, um contrato social que procura o equilíbrio entre liberdade pessoal e harmonia social.

Len Masterman, professor da Universidade de Liverpool *apud* Soares (1996), considera que a consciência dos educadores sobre a contínua erosão pela qual vem passando o sistema democrático dos meios de comunicação e que põe em risco a democracia no mundo é um fato capaz de motivá-los a trabalhar na área da cidadania. Ele alerta sobre o perigo que supõe, entre outros:

- a) A camuflagem ideológica sustentada pelo neoliberalismo, que oculta o perigo para a democracia, representada pelas concentrações dos meios nas mãos de uns poucos; efetivamente, a filosofia de mercado se torna “cortina de fumaça” que dificulta o olhar crítico até a tendência da crescente centralização da propriedade dos meios, com a consequente redução de espaço para a manifestação pública do pensamento;
- b) A deterioração dos sistemas públicos dos Meios de Comunicação, com um Estado que vai deixando de assumir obrigações fundamentais no campo, como a de dar suporte a programas educativos e culturais, através do uso das novas tecnologias. Ainda que Masterman não se mostre a favor do controle governamental das NTICs, ele defende a responsabilidade do Estado nesta área, especialmente nos países que necessitam da existência de um sistema de comunicação eficiente no campo educacional.
- c) A escandalosa convergência de interesses entre a política e a publicidade, produz uma espécie de simulacro de democracia virtual, em que os candidatos já não são eleitos por seus programas de governo, mas sim pela imagem que deles produzem os meios de massa. É conhecido por todos os montantes publicitários que se maneja nas campanhas políticas. As imagens dos candidatos e as estratégias dos partidos são trabalhadas por grandes agências publicitárias. (SOARES, 1996, p.55).

Ao comentar o pensamento de Len Masterman, Soares (1996) evidencia que a Educomunicação promove hoje uma formação sócio-política que antes não existia. Nas décadas dos anos 60 e 70, os motivos psicológicos eram os que orientavam a Educação para as novas tecnologias da informação e comunicação. Temia-se a influência negativa nas crianças e adolescentes, se bem que esta linha manteve sua vigência, também na década dos anos 80, quando apareceu uma tendência cultural, na Educação midiática, trabalhando o projeto baseado no fato de que “comunicação é cultura”. Hoje, a estas duas correntes soma-se a que aponta: educar para defender e impulsionar a democratização dos recursos e instrumentos de comunicação e a necessidade de intervir nas ações que contribuem para criar políticas nacionais na área da Comunicação e na do uso das Novas Tecnologias. Isto é, sem dúvida, Educação para a cidadania e para ética participativa e social.

Neste novo milênio, a humanidade vive um momento histórico especial com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação. Simultaneamente, novos valores vão surgindo, uma nova razão começa a ser gestada, baseada em um logos não mais operativo, mas que tem a globalidade e a integridade como vetores fundamentais.

Em tal contexto, não se pode permitir que a introdução desses recursos no sistema educacional represente apenas um instrumento didático-pedagógico. A introdução de novos elementos, ditos mais modernos, em velhas práticas educativas têm ocorrido, pois sua simples incorporação não é garantia de uma nova Educação, uma nova escola, para o futuro.

Faz-se necessária, portanto, diante do colocado, uma integração efetiva entre Educação e comunicação, de forma que esses novos meios estejam presentes também como fundamento da nova Educação. Aí sim, os novos valores desta sociedade, ainda em construção, estarão presentes e serão integrantes desta nova escola, agora com futuro.

Essa escola do aprender tem como principal compromisso garantir a aprendizagem dos alunos. E isso vai muito além de conhecer, compreender e analisar criticamente uma determinada informação ou realidade, como já dito anteriormente. A escola do aprender precisa estar em consonância com as múltiplas realidades sociais nas quais seus participantes se inserem e precisa refletir sobre suas práticas as formas de interagir com essas realidades e ir além como cidadãos de um novo tempo, engajados e comprometidos com o planeta em que habitam e conscientes do protagonismo que podem exercer como atores dessa e nessa sociedade.

A transitoriedade do conhecimento científico, sempre em mudança, mostra que os novos momentos exigem da escola - como espaço designado para a formação dos membros de uma determinada sociedade - uma nova realidade; que exige a transformação dos seus espaços e a incorporação de novos sítios, em que também se dê e se faça Educação com qualidade. Exige também novos tempos: pessoais, grupais e sociais, que transcendam os limites definidos pelas práticas escolares, mas que ampliem para a reformulação das estruturas organizativas e dos currículos, dos períodos letivos, da contagem de horas/créditos das disciplinas, tempos de ensinar e de “avaliar”, tempos de educadores e educandos; que redefina as propostas pedagógicas dos cursos e os coloque em torno de desafios essencialmente novos e ligados a organizações flexíveis e mutáveis, baseados em valores e princípios que deem importância, sobretudo, aos processos que levarão às aprendizagens de todos os envolvidos.

Mas, se o foco é a aprendizagem, o que se vai aprender? A resposta, inicialmente, pode estar na proposta elaborada pela comissão coordenada por Jacques Delors (1998) para a Unesco, em relação às mudanças necessárias para a Educação contemporânea. De acordo com Delors (1998):

A Educação deve transmitir, de fato, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro. Simultaneamente, compete-lhe encontrar e assinalar as referências que impeçam as pessoas de ficarem submergidas nas ondas de informações, mais ou menos efêmeras, que invadem os espaços públicos e privados e as levem a orientar-se para projetos de desenvolvimentos individuais e coletivos. À Educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e

constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele.

Nesta visão prospectiva, uma resposta puramente quantitativa à necessidade insaciável de Educação – uma bagagem escolar cada vez mais pesada – já não é possível, nem mesmo adequada. Não basta, de fato, que cada um acumule no começo da vida uma determinada quantidade de conhecimentos de que possa abastecer-se indefinidamente.

É, antes, necessário estar à altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer estes conhecimentos, e de adaptar a um mundo em mudança. (DELORS, 1998, p.82).

Ele ainda propõe que:

A Educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão, de algum modo, para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas: finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta. (DELORS, 1998, p. 82-83).

Nesse sentido, é preciso que, ainda segundo Delors (1998), “se ultrapasse a visão puramente instrumental da Educação, considerada como via obrigatória para obter certos resultados (saber-fazer, aquisição de capacidades diversas, fins de ordem econômica), e se passe a considerá-la em toda a sua plenitude: realização da pessoa que, na sua totalidade, aprende a ser”. (DELORS, 1998, p.84).

Assim, a viabilização das propostas encaminhadas por Delors (1998) requer muitas mudanças na Educação. Porém, acredita-se que o acesso ao conhecimento proporcionado pelas tecnologias digitais de informação e comunicação pode oferecer caminhos para essas novas propostas educacionais, bem mais adequadas aos novos tempos sociais. Nesse sentido, de acordo com Kenski (2003):

A interação proporcionada pelas “telas” amplia as possibilidades de comunicação com outros espaços de saber. As informações fluem de todos os lados e podem ser acessadas e trabalhadas por todos: professores, alunos e pelos que, pelos mais diferenciados motivos se encontram excluídos das escolas e dos campi: jovens, velhos, doentes, estrangeiros, moradores distantes, trabalhadores em tempo integral, curiosos, tímidos, donas de casa... pessoas. (KENSKI, 2003, p.101).

Não basta, no entanto, o uso de novas tecnologias, máquinas e equipamentos para se realizar a reformulação necessária na Educação. Isso até poderia ser dispensável se a opção for privilegiar nas situações educacionais a principal condição para a concretização dessas

propostas: o estímulo para a interação, a troca, a comunicação significativa entre todos os participantes. Mais ainda: o mais importante é que essas pessoas estejam reunidas em um determinado espaço com o objetivo maior de aprender juntas. Esse é o ponto de partida para o início de um novo modelo educacional diferenciado, que é a formação de comunidades de aprendizagem.

Não basta, também, que o educador queira formar espaços educacionais. É preciso que todos queiram, que haja amadurecimento, comprometimento, disciplina e valores comuns, para que se possa criar um processo que leve a alcançar os princípios de uma comunidade de aprendizagem. Trata-se de uma nova cultura educacional, que rompe com os tempos rígidos das disciplinas e com os espaços formais das salas de aula presenciais. Um tempo de aprender colaborativamente, respeitando as diferenças pessoais, os diferentes estilos de aprendizagem, fortalecendo o compromisso com a própria maneira de aprender e com a aprendizagem dos demais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como temática deste trabalho, a EDUCOMUNICAÇÃO nos remete às reflexões para campos distintos, mas que se entrelaçam num mesmo cenário: educar para a comunicação e comunicar educando.

A Educomunicação é uma teoria que dá sustentação à interrelação entre comunicação e Educação. Essa interrelação é entendida como um campo de diálogo entre as duas disciplinas, um espaço para o conhecimento crítico e criativo, de interatividade, um lugar no qual se pode viver e expressar a cidadania e a solidariedade. É um espaço interdisciplinar e transdisciplinar, um processo comunicativo e educativo, que se baseia sobre novas concepções de sujeito, espaço, tempo; sobre uma nova construção do pensamento e ação. É o conjunto das escolhas, das políticas e das ações que uma comunidade educativa planeja, coloca em ação e, por fim, avalia por que os processos projetados, as estratégias escolhidas e as produções organizadas tendem a criar e reforçar ecossistemas comunicativos em todos os ambientes, sejam eles “reais” ou “virtuais”. (INSTITUTO FILHAS DE MARIA AUXILIADORA, 2004)

A Educomunicação se fundamenta na convicção de que a pessoa humana é um ser em relação e na constatação de que, hoje, em termos de Educação, se está diante de um novo sujeito, com uma nova percepção de espaço, de tempo e de ação. A comunicação é compreendida, então, como um componente do processo educativo, uma modalidade dialógica, uma forma de relação estratégica que se estabelece entre a Educação e a própria comunicação.

No processo de Educomunicação, a Educação é assumida como um percurso comunicativo que precisa ser construído, analisado e avaliado permanentemente, para que as pessoas se descubram como produtoras de cultura, a partir da apropriação crítica dos recursos da informação e da comunicação social.

Daí a natureza essencialmente relacional da Educomunicação, que implica a construção de ecossistemas comunicativos abertos, colaborativos, democráticos, que favoreçam a comunhão, facilitem a aprendizagem e o pleno exercício da cidadania. Ela é um novo âmbito de intervenção social com finalidade muito clara: colocar a Educação e a comunicação a serviço do desenvolvimento social e individual do ser humano, para construir, em conjunto, um planeta mais habitável e solidário para todos. A Educomunicação se

caracteriza pela busca permanente de respostas teóricas e práticas às complexas questões presentes nas condições de vida da sociedade contemporânea.

Os cenários educativos são hoje desafiados pelas inúmeras tecnologias que, dia após dia tornam-se mais sofisticadas. Não é possível conceber, hoje, um espaço educativo sem pensar nas novas tecnologias presentes em todos os espaços habitados pelos seres humanos. Urgente se faz, portanto, estabelecer políticas que venham propor a utilização das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) a favor de quem intervém no processo de comunicação, com o objetivo de alargar os espaços de expressão da vida.

A partir da pesquisa realizada, foi possível constatar que os universitários estão cientes dos impactos que os meios avançados das novas tecnologias de comunicação e informação causam no interior das salas de aula e também que estes são ferramentas que permitem o convívio dos sujeitos com o fazer pedagógico de qualquer instituição educativa. Mais ainda, a pesquisa nos mostra que o uso das NTICs em sala de aula pode, e muito, facilitar a aprendizagem, tornando o conhecimento mais contextualizado, mostrando ser possível tornar a sala de aula um ambiente cada vez mais agradável de se estar, com aulas mais dinâmicas e participativas, desenvolvendo, com mais amplitude, o ensino-aprendizagem de nossos alunos.

O uso da tecnologia na educação quando guiado pelas necessidades de alunos e professores e, principalmente, quando calcado em abordagens teóricas sobre a natureza do conhecimento e do processo de ensino-aprendizagem resulta em aquisição de conhecimentos sólidos e aplicáveis à realidade do aprendiz. O exposto sinaliza que é possível e recomendável articular uma concepção de conhecimento e de aprendizagem a um projeto de inovação tecnológica na educação.

De fato, não é mais possível estar em sala de aula somente com a bagagem adquirida na graduação por meios tradicionais de ensino. Ou achar que a tecnologia é coisa só para especialistas. Para quem trabalha sozinho, sem trocar experiências com a equipe de trabalho e ignora as didáticas de cada área, desconhecendo outras abordagens de conhecimento, é quase impossível sobreviver no patamar acadêmico do nosso tempo. Planejar e avaliar constantemente, acreditando que o educando pode aprender, por outro lado, é essencial na rotina dos bons profissionais da Educação.

Antes, achava-se que a principal função do professor era transmitir conhecimento aos alunos. Jean Piaget, Vygotsky e outros estudiosos mostraram que o que realmente importa é

ser um mediador na construção do conhecimento e isso requer uma postura ativa de reflexão, autoavaliação e estudo constante.

Tudo isso, é claro, porque os docentes também não são os mesmos de décadas passadas. Longe disso. Com a democratização do acesso à internet, no fim dos anos 90, passamos a ter nas escolas estudantes que interagem desde cedo com as chamadas tecnologias da informação e comunicação, o que exige um olhar diferente sobre o impacto destas na aprendizagem. E mais, sabe-se que estudantes conectados têm uma relação diferente com o tempo e com o mundo, o que coloca grandes desafios para a docência. Desafios esses que exigem das instituições grandes investimentos na capacitação dos docentes e na infraestrutura, modernizando ambientes e espaços compatíveis com as exigências impostas pelos avanços das tecnologias hodiernas.

Urgente se faz buscar estratégias compatíveis com o desafio de uma formação adequada e permanente relativo à comunicação, de toda a Comunidade Educativa. Os atuais avanços da comunicação configuram a humanidade como um conjunto/pluralidade de pessoas/sujeitos capazes de ser, não somente consumidores, mas produtores de linguagens, de arte, de ideias, de significados, de valores e de cultura. Surgem, portanto, de modo novo, tanto a questão ética acerca da comunicação e das tecnologias comunicativas, quanto do compromisso sócio-político com a qualificação humana da comunicação: não se trata somente do uso das tecnologias como ferramentas, mas também dos conteúdos, dos valores, das ideias que qualificam ou alienam a vida de todos e de cada um, dependendo da forma de utilização que cada um faz desses instrumentos.

Almejar uma escola mais inclusiva é optar por caminhos que levem o discente a aprender, a construir o conhecimento, ao invés de os docentes permanecerem na mesma estratégia tradicional, ou seja: o educador, aquele que é o detentor do saber, até porque o educando da era digital está em contato diário com as mais modernas tecnologias e a instituição escolar e o educador necessitam apressar o passo, ousar, romper barreiras, propor metodologias inovadoras utilizando-se das NTICs e da rede informatizada disponível como uma aliada no processo de ensino-aprendizagem.

Os fluxos, os espaços e os tempos da comunicação determinados pela contínua inovação das novas tecnologias requerem dos educadores de hoje uma mudança de mentalidade, não somente na perspectiva da fluência, mas principalmente na capacidade de partir da cultura midiática para propor e produzir conteúdos alternativos ao senso comum.

A nova estação da Internet, predominada pelo social *network*, no qual são os próprios usuários que produzem e colocam em rede os conteúdos, constitui um desafio e um recurso para educar, comunicar e enculturar a visão cristã da vida.

Aquí reside a chave para interpretar o tempo presente, acompanhar os jovens/educandos na experiência de vida pessoal e social, orientar as comunidades educativas para serem ecossistemas educacionais e expressão da síntese cultura-fé-vida. É no ser comunidade e no encontro recíproco, em todo e qualquer nível, que se promove o bem comum e o valor humano da justiça. A rede de relações, sempre mais vivida *on line* no ciberespaço e *off line* no sistema de comunicação integrado, torna-se, não somente lugar de confronto, mas também de verdadeira e própria elaboração da cultura universal, em relação, sobretudo, à paz, à justiça, à solidariedade e ao diálogo entre os povos e culturas diversas. Os meios não modelam mais a nossa cultura. Eles **são** a nossa cultura.

Pensar a escola como espaço educacional, portanto, requer pensá-la coletivamente, em coro como um palco polifônico, onde todas as vozes têm sua expressividade e legitimidade. Os atores sociais que a controlam são responsáveis por redesenhar seu futuro de ambiências de novas aprendizagens para educadores, crianças e jovens. Requer inaugurar novas posturas de gestão do conhecimento. Desaprender será um exercício cotidiano para abrir espaço a novas construções. Nada disso é mágico e instantâneo. Requer planejamento e intencionalidade. Requer posturas políticas. Requer entusiasmo para continuar sonhando espaços de aprendizagem como lugares de pessoas felizes e conscientes, capazes de ser, nos contextos em que estão inseridos, agentes de transformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M E de. **Informática e formação de professores**. Brasília: Ministério da Educação, 2000, p. 79.
- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. VIEIRA, Alexandre Thomaz. ALONSO, Myrtes (Orgs). **Gestão educacional e tecnologia**. São Paulo: Avercamp, 2003, p.114
- BACCEGA, Maria Aparecida. Meios de comunicação na escola. **Revista Comunicação & Educação**. n. 25, São Paulo: Ed. Salesiana/ECA/USP, 2002. p.7.
- BASTOS, Fernando. 1998. **Construtivismo e Ensino de Ciências**. In: NARDI, Roberto. (Org.). **Questões Atuais no Ensino de Ciências**. SP: Escrituras Editora.
- BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2005.
- BORGES NETO, H. Uma classificação sobre a utilização do computador pela escola. **Revista Educação em Debate**, ano 21, v. 1, n. 27, Fortaleza, 1999. p.135-138.
- BOYLE, Tom. **Design for Multimedia Learning**. London: Prentice Hall. 1997.
- BRUNNER, J. J. **Educação no encontro com as novas tecnologias**. In: TEDESCO, J.C. (Org). **Educação e Novas Tecnologias**. São Paulo: Cortêz, 2004.
- BRUNNER, J. J. Educação no encontro das novas tecnologias. In: BRUNNER, J. J. **Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?** São Paulo: Ed. Cortêz, 2003.
- CANDAU, Vera M. 1991. **Informática na Educação: um desafio**. *Tecnologia Educacional*, v.20, n.98, 99, p.14-23, jan/abr.1991.
- CANGIÀ Caterina. **Educare alla comunicazione interpersonale, ambientale, mediata adi massa e manuale-espressiva**. Roma: Multidea, 2008.
- CASTELLS, Manuel. **Fim de Milênio**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CARRAHER, David W. **O papel do computador na aprendizagem**. *Revista Acesso*, 3, n.5, p.21-30, jan.1992.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA. **Documento de Aparecida**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CUNNINGHAM, Donald J., DUFFY, Thomas M., KNUTH, Randy A. 1993. **The Textbook of the Future**. In: MCKNIGHT, C., DILLON, A., RICHARDSON, J. (Eds.). **Hypertext: a psychological perspective**. New York: Ellis Horwood.
- DELORS, Jacques et al. **Nell'educazione un tesoro**. Rapporto all'UNESCO della Commissione Internazionale sull'Educazione per il Ventunesimo Secolo. Roma, Armando Editore, 1998.

DEMO, P. **Desafios modernos da Educação**. Petrópolis, Vozes, 1993.

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez, 1991.

DILLON, Andrew. Myths, **Misconceptions and an Alternative Perspective on Information**. Usage and the Electronic Medium. In: ROUET, J.F., LEVONEN, J.J., DILLON, A., SPIRO, R.J. (Eds.). *Hypertext and Cognition*. NJ: Lawrence Erlbaum. 1996

DOWBOR, L. **Tecnologias do Conhecimento**: os desafios da Educação, Petrópolis: Petrópolis: Editora Vozes LTDA, 2001.

EQUIPE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA NA AMÉRICA. **Proposta de Educomunicação para a Família Salesiana**. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.

FAZENDA, I. A. Questão da Interdisciplinaridade no Ensino. 3, Encontro de Prática de Ensino. **Anais...** PUC: São Paulo, fevereiro, 1985.

FERREIRA, A. L. D. **Informática educativa na Educação infantil**: Riscos e Benefícios. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará-UFC, 2002, Monografia (Especialização em Informática Educativa).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Pesquisar**. Disponível em: <
<http://www.dicionariodoaurelio.com/Pesquisar>> Acesso em: 20 fev. 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Qualidade**. 7 ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008. p.669.

FISTAROL, Orestes Carlinhos (Org). **Sistema preventivo e direitos humanos**. Brasília: CISBRASIL/CIB, 2009.

FREINET, Célestin. **Conselho aos Pais**. Lisboa, Editorial Estampa, 1974.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 34 ed. São Paulo: Ed. Cortêz, 1997.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9 ed., Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 1981.

FURLANI, Luiza M. T. **Autoridade do professor**: Meta, mito ou nada disso? São Paulo: Cortêz, 1990.

GADOTTI, Moacir. A boniteza de um sonho: aprender e ensinar com sentido. **Abceducatio**, Ano 3, n. 17, 2002.

GARCIA, C. Marcelo. Pesquisa sobre a formação de professores: o conhecimento sobre aprender a ensinar. **Revista Brasileira de Educação**, n. 9, Set-dez, 1998. p. 51 -75.

GARDNER, H. **Estruturas da Mente**: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GASTALDI, Italo. Educar y evangelizar em La ‘posmodernidad’ y em La new age”. In: CENTRO SALESIANO REGIONAL. **Processo educativo salesiano y culturas emergentes**. Cumbayá: Instituto FMA, 1994.

GUTIÉRREZ, Martín. **La educación multimídia y las nuevas tecnologías**. Madri: Ediciones de La torre, 1997.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Inovações: aprendendo com as inovações nas escolas**. Artmed Editora, Porto Alegre, 2000.

INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. **Mulheres em rede comunicativa**. GONG 1. Roma: Instituto Filhas de Maria Auxiliadora, 1994.

INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. **Para uma comunicação de qualidade**. GONG 3. Roma: Instituto Filhas de Maria Auxiliadora, 1999.

INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. **Uma antena voltada para o mundo**. GONG 2. Roma: Instituto Filhas de Maria Auxiliadora, 1995.

INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. **Educomunicação: pequenos passos de uma nova cultura**, GONG 4. Roma: Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, 2008.

JONASSEN, David. **Objetivism versus Constructivism: Do We Need a New Philosophical Paradigm?** Educational Technology Research & Development, v.39, n.3, p.5-14, 1991.

JONASSEN, David H. Using Mindtools to Develop Critical Thinking and Foster Collaboration in Schools. In: JONASSEN, D.H. (Ed.). **Computers in the Classroom: Mindtools for Critical Thinking**. NJ: Prentice Hall. 1996.

KAWAMURA, Regina. **Linguagem e Novas Tecnologias**. In: ALMEIDA, Maria José P.M. de, SILVA, Henrique César da. (Orgs.). **Linguagens, Leituras e Ensino da Ciência**. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

KAPLÚN, Mário. Las teoryas Del aprendizaje Y su relación com La comunicación. **Periódicos culturales**, chasqui 64, dez, 1998.

KENSKI, Vani Moreira. Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. **Revista Brasileira de Educação**. n.8, Mai-Ago, 1998.

KENSKI, Vani Moreira. O Ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias. In VEIGA, Ilma P. Alencastro (Org). **Didática: o Ensino e suas relações**. Campinas, SP, Papirus, 1996.

LÈVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropología do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

LÈVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LÈVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

LÈVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** São Paulo: Ed. 34, 1993.

LÜDKE, Menga e ANDRÊ, Marli E. D. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: E.P.U, 1986.

LUFT, C. U. **Caminhos da Educação: realidades e perspectivas.** Westphalen: Ed. Frederico, 2009.

LUFT, C.P. **O computador e a sala de aula.** São Paulo: Ática, 2006. Disponível em: Fonte: <http://www.webartigos.com/articles/59770/1/O-COMPUTADOR-E-A-SALA-DE-AULA/pagina1.html#ixzz1Rj7xbdn6>. Acesso em: 13 dez. 2010.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à Educação. **Revista Comunicação & Educação.** Ano 6, n.18, São Paulo, maio-set., 2000. p.51-60.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Heredando El futuro: pensar La educación desde La comunicación. **Nómadas**, Bogotá, n.5, maio/set. 1996. p.10-22.

MASINI, Elcie F. Salzano. Enfoque fenomenológico de pesquisa em Educação. In: FAZENDA, Ivani. (org.) **Metodologia da pesquisa educacional.** 6. ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2000.

MATTELART, Armand. Comunicação e Interesse Público. **Comunicação & Educação:** São Paulo. n.16, p.72.

MC LUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem.** São Paulo: Ed. Matrix, 1969.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social** - teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MINAYO, Maria C. de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MONTEIRO, Eduardo B., REZENDE, Flavia. 1993. Informática e Educação: panorâmica da área segundo artigos dos periódicos nacionais de educação. *Tecnologia Educacional*, v.22, n.110, 111, p.42-49, jan/abr.1993

MOORE, M. **Teoria da Distância Transacional.** Trad. Wilson Azevedo. Disponível em: www.abed.org.br/publique/cgilua.exe/sys/star.htm. Acesso em: 12 set. 2010.

MOORE, Michael. Teoria da distância transacional. 2002. **Revista Brasileira de Aprendizagem aberta e à distância.** Disponível em: WWW.abed.org.br/publique. Acesso em: 18 nov. 2010.

MORAES, M.C. **O paradigma educacional emergente.** São Paulo: Papyrus, 1997.

MORAN, José Manuel. **Leituras dos meios de comunicação.** São Paulo: Ed. Pancast, 1993.

MORAN, José Manuel. **Mudanças na comunicação pessoal.** São Paulo: Paulinas, 1998.

MORGAN, Alistair R. 1995. **Student Learning and Student's Experiences: Research, Theory and Practice.** In: LOCKWOOD, Fred (Ed.). *Open and Distance Learning Today.* London and New York: Routledge.

MURARO, R. M. **Os avanços tecnológicos e o futuro da humanidade.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2009.

NAGEM, Sulamita. **A recepção às crianças de seis anos no ensino fundamental público: uma porta aberta ou fechada para a alfabetização e o letramento?** 2006. (Dissertação – Mestrado em Educação). Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR – Betim – MG

NOSSA, Valcemiro. Formação do corpo docente dos Cursos de Graduação em Contabilidade no Brasil: Uma análise crítica. **Cadernos de Estudo FIPECAF/** São Paulo: FEA/USP. V.2, n.21, mai-ago, 1999. p.74-92.

OROZCO, Guillermo Gomez. **Comunicação, Educação e novas tecnologias: tríade do século XXI.** Comunicação & Educação. São Paulo, v. 23, jan/abr, 2002.

PERKINS, David N. 1992. **Technology Meets Constructivism: Do They Make a Marriage?** In: DUFFY, T.M., JONASSEN, D.H. (Eds.). *Constructivism and the Technology of Instruction: A Conversation.* NJ: Lawrence Erlbaum.

PONTECORVO, C. **Manual de Psicologia de la Educaciòn.** Madrid: Editorial Popular, 2003.

PIMENTA, S.G, ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no Ensino Superior.** São Paulo: Cortêz, 2002.

PRETTO, Nelson. **Uma escola sem/com futuro – educação e multimídia.** Campinas: Papirus. 1996.

RESENDE, Fernando. O jornal e o Jornalista: atores sociais no espaço público contemporâneo. **Revista Novos Olhares.** n.3. São Paulo: ECA/USP, 1999.

SANDER, Benno. **Gestão da Educação na América Latina: construção e reconstrução do conhecimento.** Campinas: Autores Associados, 1995.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo Integrado.** Porto Alegre: Artimed. 1998.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno?** São Paulo: Brasiliense, 2004.

SCHAEFER, Claiton César. **Educomunicação.** Disponível em: WWW.pt.scribd.com/doc/47279152/educomunicacao. Acesso em: 22 jan. 2010.

SHAUN, Angela. **Educomunicação: reflexões e princípios,** Rio de Janeiro, Mauad, 2002, p. 15.

SILVA, Marco. (Org.) **Educação on line.** São Paulo: Edições Loyola, 2010.

SILVA, Marco. Indicadores de interatividade para o professor presencial e *online*. **Diálogo educacional**: Revista do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, v.4, n.12, 2004. p. 93-109.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**: Educação, comunicação e mídia clássica, 5 ed., São Paulo, Edições Loyola, 2003.

SIQUEIRA, Holgonsi Soares Gonçalves. **Sociedade em rede**: conexões e desconexões. Observatório da Imprensa, 2004.

SOARES, Ismar de Oliveira. A Educomunicação e suas áreas de intervenção. In: **EDUCOM.TV**, tópico 1. ECA/USP, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Caminhos da Educomunicação**. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Revista Brasileira de Comunicação, Educação e Arte**. Brasília: UNB, jan/mar, 1999. p.5-75.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Revista Comunicação & Educação**. Ano 7, n.19. São Paulo, ECA/USP, 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Sociedade da Informação ou da Comunicação?** Cidade Nova, São Paulo, 1996

SOARES, Ismar de Oliveira. Tecnologia da informação: novos atores sociais. **Revista da Comunicação & Educação**. Ano 2, n.4, set/dez, 1995.

Tori, R. Métricas para uma Educação sem Distância. **Revista Brasileira de Informática na Educação**. Sociedade Brasileira de Computação. v. 10, n. 2., Set. 2002, p. 9-19.

VALENTE, J. A. **Computadores e conhecimento**: repensando a Educação. Campinas: UNICAMP, 1993.

VALENTE, José Armando. Diferentes usos do computador na Educação. In: VALENTE, José Armando. **Computadores e conhecimento**: repensando a Educação. Campinas: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 1993. p.1-23.

VALENTE, José A. 1993. **Diferentes usos do computador na Educação**. Em Aberto, Brasília, 12, n.57, p.3-16, jan/mar.1993.

VECCHI, Juan. **Actas del Consejo General**. Roma: FMA, 1999.

APÊNDICES

A - QUESTIONÁRIO DOS EDUCANDOS

		PÁGINA DE REVISÃO _____
NOME _____	CURSO _____	GRUPO FOCAL DO EDUCANDOS _____
PESQUISA _____		

Prezado Educando:

Esta é uma pesquisa sobre o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação, que tem por objetivo melhorar as práticas pedagógicas em sala de aula. Para tanto, contamos com a sua valiosa colaboração respondendo as questões abaixo.

Este é um questionário anônimo, portanto não é necessário que você se identifique.

Obrigada.

A. Abaixo estão citados alguns motivos que levam uma pessoa a escolher uma faculdade para estudar.

No espaço correspondente ao motivo que você considerou o mais importante quando escolheu esta faculdade, coloque o número 1.

No motivo seguinte em ordem de importância, coloque o número 2, e assim por diante.

- 1. ___ | Oferece estudo de qualidade
- 1. ___ | Prepara para o mercado de trabalho
- 1. ___ | Garante a formação humano / cristã
- 1. ___ | Favorece um clima de convivência saudável

B. Dos itens abaixo, assinale os cinco que você considera mais valiosos na prática do professor em sala de aula:

- 1.C) Diálogo
- 2.C) Proximidade
- 3.C) Humanismo Salesiano
- 4.C) Alegria
- 5.C) Linguagem do Coração - Amizade
- 6.C) Escuta
- 7.C) Ambiência

C. Escreva em ordem de importância os cinco itens assinalados na questão anterior, começando pelo mais importante.

D. O uso de Novas Tecnologias da Informação e Comunicação ajuda a melhorar a qualidade das relações interpessoais em sala de aula?

- 1.C) Sim
- 2.C) Às vezes
- 3.C) Não

E. Por quê? -----

F. O uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação em sala de aula contribui para a melhoria da comunicação entre docentes e alunos?

- 1.C) Sim. Cite 2 contribuições positivas:
 - 1. -----
 - 2. -----

2.C) Não. Justifique: -----

G. Na relação de sala de aula a maioria dos professores deixa transparecer valores que qualificam a Instituição?

- 1.C) Sim
- 2.C) Não - PULE PARA I

H. Cite alguns destes valores: -----

I. Na relação do docente com o conteúdo ministrado é possível perceber o binômio com unificação / educação?

- 1.C) Sim
- 2.C) Não - PULE PARA K

J. Como? -----

K. Cite, a partir de sua prática vivenciada em sala de aula, os BENEFÍCIOS no uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação:

L. Cite, a partir de sua prática vivenciada em sala de aula, os RISCOS no uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação:

G. Cite, hierarquicamente, três traços constitutivos do Educador Salesiano percebidos por você no dia a dia de sua vida como estudante:

- 1. -----
- 2. -----
- 3. -----

- Obrigado por responder a este questionário -

B - QUESTIONÁRIO DOS EDUCADORES

 		NOME DO RESPONDENTE _____
INSTITUIÇÃO _____	CURSO _____	GRUPO FOCAL DO EDUCADORES _____
PERÍODO _____		
PERÍODO DA PESQUISA _____ I.R. ANA TERESA PINTO		

Prezado Educador:

Esta é uma pesquisa sobre o uso das Novas Tecnologias em Informação e Comunicação na Educação, que tem por objetivo melhorar as práticas pedagógicas em sala de aula. Para tanto, contamos com a sua valiosa colaboração respondendo as questões abaixo.

Os resultados dessa pesquisa serão futuramente divulgados para os respondentes.

Este é um questionário anônimo, portanto não é necessário que você se identifique.

Após preencher o questionário, por favor entregue-o ao Coordenador de seu curso.

Em caso de dúvidas, favor contatar-me pelo e-mail: afpinto@nsgmaccacae.com.br

Obrigada.

A. Há pontos de convergência entre a sua proposta educativa e a desta instituição?

- 1.C) Sim, totalmente
- 2.C) Quase sempre
- 3.C) Raramente
- 3.C) Não há convergência - PULE PARA C

B. Cite alguns destes pontos de convergência:

C. Ser profissional desta instituição agrega valor à sua função como docente?

- 1.C) Sim
- 2.C) Às vezes
- 3.C) Não

D. Por quê?

E. Dos itens abaixo, assinale os cinco que você considera mais valiosos em sua prática de sala de aula:

- 1.C) Diálogo
- 2.C) Proximidade
- 3.C) Firmeza / Ternura
- 4.C) Alegria
- 5.C) linguagem do Coração - Amizade
- 6.C) Escuta
- 7.C) Ambiência

F. Escreva em ordem de importância os cinco itens assinalados na questão anterior, começando pelo mais importante.

G. Cite três elementos que lhe pareçam relevantes no Projeto Pedagógico desta Instituição:

- 1. -----
- 2. -----
- 3. -----

H. As Novas Tecnologias da Informação e Comunicação trazem contribuição para a sua prática educativa?

- 1.C) Sim
- 2.C) Às vezes
- 3.C) Não

I. Por quê?

J. O uso de Novas Tecnologias da Informação e Comunicação traz vantagens às relações presenciais?

- 1.C) Sim
- 2.C) Às vezes
- 3.C) Não - PULE PARA L

K. Como?

- VIRE -

